UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRAÇÃO E CONTÁBEIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

MARINA DOS SANTOS VIEIRA DA FONSECA

EMPREENDEDORISMO SOCIAL FEMININO:

A Experiência das Redeiras da Colônia de Pescadores Z3

RIO GRANDE
2021

MARINA DOS SANTOS VIEIRA DA FONSECA

EMPREENDEDORISMO SOCIAL FEMININO:

A Experiência das Redeiras da Colônia de Pescadores Z3

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito à obtenção do título de Mestre em Administração.

Área de Concentração: Gestão Organizacional
Linha de pesquisa: Organizações, Mercado e Trabalho.

Orientadora: Profª. Drª. Francielle Molon da Silva

RIO GRANDE
2021

Ficha Catalográfica

F676e Fonseca, Marina dos Santos Vieira da.
Empreendedorismo social feminino: a experiência das redeiras da Colônia de Pescadores Z3 / Marina dos Santos Vieira da Fonseca. – 2021.
120 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Administração, Rio Grande/RS, 2021.
Orientadora: Dra. Francielle Molon da Silva.

1. Empreendedorismo Social 2. Empreendedorismo Social Feminino 3. Mulher 4. Comunidade Pesqueira I. Silva, Francielle Molon da II. Título.

CDU 65.016

Catalogação na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos 12 dias do mês de novembro de dois mil e vinte, às 15hrs, realizou-se a defesa de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Administração, nível mestrado, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, no Ambiente Virtual de Webconferência da UFPel, cuja Banca foi constituída pelos professores: Francielle Molon da Silva, Márcio André Leal Bauer e Rosana da Rosa Portella Tondolo, para arguir do(a) mestrando(a) **Marina dos Santos Vieira da Fonseca**. Após a apresentação da dissertação intitulada "**Empreendedorismo Social Feminino: A experiência das Redeiras da Colônia de Pescadores Z-3**" e a arguição dos avaliadores seguida de defesa, a Banca reuniu-se e considerou o trabalho APROVADO, emitindo o parecer a seguir:

O trabalho contempla as exigencias necessárias e apresenta contribuição ao objeto de estudo e comunidade. Sugere-se considerar as colocações da banca para a versao final.

Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente Ata que após lida e aprovada será assinada pelos membros componentes da Banca.

Francielle Molon da Silva

Prof.ª Francielle Molon da Silva
Orientadora

Prof. Márcio André Leal Bauer
(FURG)

Prof.ª Rosana da Rosa Portella Tondolo
(UFPel)

Chave de Autenticidade: 9995.FA2B.0609.3662

Dedico este trabalho a minha avó Norma (in memoriam), uma mulher à frente do seu tempo e um exemplo de gestora, professora, esposa, mãe, avó, bisavó, amiga e cidadã. Com quem aprendi o valor da empatia e do amor ao próximo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Renata (*in memoriam*) por ser meu anjo da guarda, ao meu pai Carlos Augusto que sempre deu o suporte que precisei para realizar meus sonhos, à minha irmã Juliana que sempre está ao meu lado e ao meu irmão William que sempre se colocou à disposição no que fosse preciso para aliviar o peso que, às vezes, é ser uma mestranda.

Ao meu companheiro Marcelo, que me encorajou a entrar no mestrado e me apoiou ao longo dessa trajetória, sem o teu incentivo eu não teria chegado até aqui.

Aos meus filhos Henrique e Gabriel, por me distraírem em dias tensos, me encherem de amor diariamente e me inspirarem a escolher um tema que reflete a esperança que tenho por um mundo melhor para todos.

Às minhas tias Maria Isabel e Flávia, pelas palavras amigas, acolhedoras e sinceras, que, por vezes, foram essenciais para eu me reencontrar.

À minha avó Maria Carmen e aos meus avôs Henrique José e Clemente, por serem meu porto seguro.

À Ivone, ao Alair e ao Murilo, que foram minha rede de apoio durante o mestrado, pois sem eles eu não teria concluído este trabalho.

À minha orientadora, professora Drª. Francielle Molon da Silva, por ser uma pessoa sensível, compreensível, diponível e acima de tudo humana e que oportunizou momentos de reflexão e aprendizado únicos para o meu crescimento pessoal e profissional.

Ao professor Dr. Márcio André Leal Bauer e à professora Drª Rosana Tondolo, pela disponibilidade em participarem da banca, pelas contribuições e pelo apoio neste trabalho.

Aos professores do PPGA pelos ensinamentos, reflexões e discussões que, por muitas vezes, me abriram os olhos e contribuíram para que eu percebesse que há diferentes formas de enxergar os dilemas do mundo.

A Universidade Federal do Rio Grande – FURG, pela oportunidade de cursar um mestrado em uma universidade de ensino público e de qualidade.

Agradeço, em especial, às nove artesãs da Associação de Artesãs Redeiras do Extremo Sul e a todos que de alguma forma contribuíram para que esta pesquisa se tornasse realidade.

Compartilho com vocês essa conquista!

—Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.”

Chico Xavier

RESUMO

O empreendedorismo social feminino vem se consolidando como uma oportunidade de as mulheres atenderem as necessidades sociais do próximo e também buscarem independência financeira e qualidade de vida. Dessa forma, esse tipo de empreendimento tem criado novas perspectivas de trabalho e geração de renda em comunidades em situação de vulnerabilidade. A comunidade pesqueira é uma dessas populações que enfrentam barreiras sociais e econômicas e as mulheres dessas comunidades ainda têm o desafio de lidar com as questões de gênero presentes nesse ambiente. Com isso, o presente estudo teve como objetivo analisar a configuração do empreendimento social feminino das artesãs Redeiras da Colônia de Pescadores Z3, a partir das percepções das integrantes e dos parceiros de negócio envolvidos no empreendimento. Logo, realizou-se uma investigação com abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório e com a estratégia de pesquisa do estudo de caso único. Desse modo, foram utilizadas como técnica de coleta de dados a análise de documentos e as entrevistas semiestruturadas com as integrantes do grupo Redeiras e com os parceiros de negócio envolvidos no empreendimento. Como principais resultados, percebeu-se que o empreendimento social feminino Redeiras tem um olhar atento à situação de vulnerabilidade social e econômica da Colônia de Pescadores Z3 e, por isso, gera oportunidade de trabalho para as artesãs e para alguns membros dessa comunidade através da criação de produtos sustentáveis, os quais minimizam problemas ambientais locais. Portanto, o empreendedorismo social feminino das Redeiras trouxe uma transformação social não só para cada uma das artesãs, como também para a comunidade, pois novas perspectivas de geração de renda foram apresentadas, novas possibilidades de atividade na comunidade pesqueira foram descobertas e barreiras de gênero foram expostas.

Palavras-chave: Empreendedorismo social. Empreendedorismo social feminino. Mulher. Comunidade pesqueira.

ABSTRACT

Female social entrepreneurship has been consolidating as an opportunity for women to meet the social needs of others and also to seek financial independence and quality of life. Thus, this type of enterprise has created new perspectives of work and income generation in communities in vulnerable situations. The fishing community is one of those populations that face social and economic barriers, and the women in these communities still have the challenge of dealing with the gender issues present in this environment. Therefore, this study aimed to analyze the configuration of the women's social enterprise of the artisans Redeiras da Colônia de Pescadores Z3 [Redeiras from Z3 Fishermen's Colony], from the perceptions of the members and business partners involved in the enterprise. Therefore, an investigation was carried out with a qualitative approach, of a descriptive-exploratory nature and with the research strategy of the unique case study. In this way, document analysis and semi-structured interviews with Redeiras group members and business partners involved in the venture were used as data collection techniques. As main results, it was noticed that the Redeiras women's social enterprise has an attentive look at the social and economic vulnerability situation of the Z3 Fishermen's Colony and, therefore, generates work opportunities for the artisans and some members of this community through the creation of sustainable products, which minimize local environmental problems. Therefore, the women's social entrepreneurship of the Redeiras has brought social transformation not only to each of the artisans, but also to the community, as new perspectives of income generation were presented, new possibilities of activity in the fishing community were discovered and gender barriers were exposed.

Keywords: Social entrepreneurship. Female social entrepreneurship. Woman. Fishing community.

LISTA DE SIGLAS

GEM – Global Entrepreneurship Monitor

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial

MEI – Microempreendedora Individual

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Os conceitos de empreendedorismo social e suas correntes teóricas 33
Quadro 2: Panorama da produção científica do empreendedorismo social feminino 38
Quadro 3: Documentos midiáticos sobre as Redeiras..... 49
Quadro 4: Documentos do acervo do grupo Redeiras 52
Quadro 5: Objetivo específico versus Técnica de coleta de dados..... 58
Quadro 6: Categorias *a priori* X Referencial Teórico X Técnica de Coleta de Dados 61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo conceitual de empreendedorismo social 43
Figura 2: Empreendedorismo Social Feminino X Categorias *a priori* 60
Figura 3: Primeira formação do grupo de artesãs Redeiras 62
Figura 4: Formação atual do grupo de artesãs Redeiras 63
Figura 5: Artesanatos feitos quando o grupo era o Pescando Arte 64
Figura 6: Artesãs Redeiras confeccionando bijoias 65
Figura 7: Artesãs Redeiras com o fio da rede de pesca 65
Figura 8: Algumas peças do mix de produtos atual feitas de rede de pesca 66
Figura 9: Algumas peças do mix de produtos atual feitas de escama de peixe 67
Figura 10: Artesãs Redeiras na Paralela Gift, em São Paulo-SP 67
Figura 11: Bolsa vencedora do prêmio III Prêmio Objeto Brasileiro, categoria ~~"o~~bjeto de produção coletiva" 68
Figura 12: Linha cronológica do envolvimento dos parceiros de negócio 70
Figura 13: Artesãs Redeiras na sessão de fotos para o primeiro catálogo 89
Figura 14: Artesãs Redeiras na sessão de fotos para o primeiro catálogo 90
Figura 15: Desenho da pesquisa após a investigação 95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**
1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO **16**
1.1 Contextualização do caso investigado: a Colônia de Pescadores Z3 ..... **16**
1.2 O papel da mulher na comunidade pesqueira **19**
1.3 Empreendedorismo Social **25**
1.4 Empreendedorismo Social Feminino **34**
2 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO **44**
2.1 Método Proposto **44**
2.2 Técnicas de Coletas de Dados **46**
2.3 Técnica de Análise de Dados **58**
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS **62**
3.1 O Caso do Grupo de Artesãs Redeiras **62**
3.2 Fatores do Ambiente **69**
3.2.1 Fatores do Ambiente Social *69*
3.2.1.1 UNINDO TALENTOS 70
3.2.1.2 DE MÃOS DADAS 73
3.2.1.3 RECICLANDO AMOR 76
3.2.2 Fatores do Ambiente Institucional *80*
3.2.3 Fatores Pessoais *84*
3.2.3.1 REALIZAÇÃO PESSOAL 84
3.2.3.2 VALORIZAÇÃO 87
3.2.3.3 REALIZAÇÃO PROFISSIONAL 91
3.3 Sistematização das categorias 94
CONSIDERAÇÕES FINAIS 98
REFERÊNCIAS **101**
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS ARTESÃS REDEIRAS **116**
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS(AS) PARCEIROS(AS) DE NEGÓCIO **118**
APÊNDICE 3 – CARTA DE AUTORIZAÇÃO **119**

INTRODUÇÃO

As comunidades de pesca artesanal exercem uma das mais antigas atividades praticadas pelo homem (DIEGUES, 2004). Apesar da vulnerabilidade socioambiental (AZEVEDO; PIERRI, 2013) e do crescimento da pobreza nessas comunidades (KALIKOSKI et al., 2002), elas tentam se articular para melhorar suas condições de vida (OPUSKA, 2010).

A Colônia de Pescadores Z3, localizada na cidade de Pelotas/RS, faz parte das 12 colônias de pescadores do estado do Rio Grande do Sul (VASCONCELOS; DIEGUES; SALES, 2007). Essa comunidade possui barreiras sociais, ambientais e econômicas (DREHMER et al., 2017), mas encontra em seu povo força para lutar por oportunidades de melhoria social (MICHEL; MICHEL, 2011).

Culturalmente, existe a percepção de que há o domínio masculino na execução das atividades pesqueiras artesanais (WOORTMANN,1991). No entanto, a falta de reconhecimento e valorização do trabalho feminino na pesca artesanal (GERBER, 2013) torna natural a sua invisibilidade (HELLENBRANDT, 2019), visto que ~~"a~~ identidade feminina é sempre vista como um reflexo ou apêndice da masculina" (MACHADO, 2009, p. 6). Apesar, das mulheres exercem um papel fundamental nesse processo (NETO, 2019).

Na Colônia de Pescadores Z3, Hellebrandt e Rial (2017) observam que há o predomínio masculino em cargos de supervisão e como proprietários de salga. Todavia, as mulheres da Z3 vêm conquistando seu espaço devido a suas participações em movimentos sociais[1] da comunidade (MOURA; LOUREIRO; ANELLO, 2016).

Nesse cenário onde a mulher moradora da comunidade pesqueira busca por reconhecimento e valorização do seu trabalho, o grupo de artesãs chamado Redeiras – objeto deste estudo –, formado por moradoras da Colônia de Pescadores Z3, em Pelotas/RS, viu uma oportunidade no campo do artesanato, pois elas utilizam os materiais descartados da pesca para confeccionarem seus produtos. Com isso, desde 2009 o grupo expandiu seu trabalho para o mercado nacional e internacional e por isso participam ativamente de feiras e eventos nacionais.

Alguns autores afirmam que o empreendedorismo social nasce para contrariar a lógica do mercado, pois é criado a partir das necessidades sociais da sociedade, possui na sua essência a criação de um valor social e tem a transformação social como resultado almejado (YUNUS; MOINGEON; LEHMAM-ORTEGA, 2010; PARENTE et al., 2011; ROSOLEN;

[1] Ações coletivas que possuem diferentes significados, conforme idealização a partir da qual se desenvolve (GOSS; PRUDENCIO, 2004).

TISCOSKI; COMINI, 2014).

Além disso, Parente et al. (2011) destacam que os empreendimentos sociais vêm sendo difundidos como um meio de inovar para que haja a superação dos desafios sociais. Os mesmos autores afirmam que a falta de capacidade dos órgãos públicos em tratar os problemas sociais - devido à ausência de políticas públicas eficientes ou pela sua falta de recursos financeiros e pela incompetência do mercado, o qual também não responde as necessidades sociais - direciona a sociedade civil a fomentar práticas sociais.

O conceito de empreendedorismo social se assemelha ao conceito de economia solidária e de inovação social. Mas apesar desses temas possuirem diferentes origens, correntes teóricas e definições, eles não são excludentes. Este estudo não irá discutir os temas sobre economia solidária e inovação social, contudo eles merecem um breve esclarecimento.

Segundo Singer (2002), seguindo a lógica do combate à pobreza e ao desemprego, a economia solidária teve início no século XIX através de cooperativas que têm como característica a coletividade, ou seja, todos os trabalhadores são proprietários, os ganhos anuais se destinam ao reinvestimento na cooperativa (fundo coletivo), no aumento das cotas dos sócios (sendo possível sacar sua parte somente quando deixam a cooperativa) e na alocação em fundos sociais (educação, cultura, saúde etc.). Já o conceito de inovação social, a partir de Cloutier (2003), trata-se de ideias inovadoras que visam satisfazer as necessidades sociais do indivíduo e/ou da comunidade, mas que tenham um efeito duradouro.

Dessa forma, entende-se que os conceitos sobre economia solidária e inovação social se enquadram nesta pesquisa, mas eles não serão discutidos, pois o objeto de estudo será analisado a partir das contribuições do empreendedorismo social.

Neste estudo, o empreendedorismo social é entendido como um empreendimento que é orientado para criar valor social através de inovações em processos, serviços ou produtos, mas que necessariamente geram uma transformação social (ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014). Esse valor social abrange (1) a inibição de barreiras que dificultam a inclusão social, (2) a atenção a população mais vulnerável e (3) a moderação dos impactos danosos do avanço econômico (PORTOCARRERO; DELGADO, 2010).

Com isso, a configuração de um empreendimento social acontece a partir da combinação de alguns elementos, como (1) o atendimento às necessidades sociais da sociedade (YUNUS; MOINGEON; LEHMAM-ORTEGA, 2010), (2) a diminuição das desigualdades, a promoção da inclusão social e profissional da população (ESTIVALETE; ANDRADE; COSTA, 2018) e (3) a criação de valor social que gera uma transformação social (ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014).

Diante da combinação dos elementos supracitados que formam a configuração do empreendimento social, da falta de estudos de gênero no empreendedorismo social (HUMBERT, 2012), do possível auxílio a inclusão social e profissional feminina que o empreendedorismo social pode fornecer (JONATHAN, 2011) e da ajuda que o empreendimento social dá as mulheres para que elas tenham seu trabalho valorizado e seu papel social reconhecido pela sociedade (SOUZA; SANTOS, 2019), torna-se interessante a proposta de um trabalho que aborde a atuação do grupo de mulheres artesãs Redeiras na sua comunidade. Assim, o problema de pesquisa consiste em responder a seguinte questão:

Como se configura o empreendimento social feminino das artesãs Redeiras da Colônia de Pescadores Z3?

Desse modo, este estudo tem como objetivo geral analisar a configuração do empreendimento social feminino das artesãs Redeiras da Colônia de Pescadores Z3, a partir das percepções das integrantes e dos parceiros de negócio envolvidos no empreendimento. Nesse sentido, a pesquisa se fundamentará em três eixos, sendo eles: (a) a contextualização da comunidade pesquisada, (b) o entendimento do papel feminino na comunidade pesqueira e (c) a compreensão do empreendimento social feminino.

Para chegar-se ao objetivo geral, conduziu-se o trabalho pelos seguintes objetivos específicos:

1. Analisar como ocorreu o processo de criação do empreendimento Redeiras;
2. Identificar as integrantes e os parceiros de negócio envolvidos no empreendimento Redeiras;
3. Caracterizar o empreendimento Redeiras;
4. Investigar as motivações que levaram as mulheres a ingressar e permanecer no grupo das Redeiras;
5. Investigar os motivos pelos quais os parceiros de negócio envolvidos no empreendimento Redeiras participam do negócio;
6. Identificar a percepção dos parceiros de negócio em relação ao empreendimento das Redeiras e;
7. Compreender o papel das artesãs Redeiras na Colônia de Pescadores Z3.

O presente estudo se torna importante porque busca contribuir: (a) nos estudos de administração, mais especificamente sobre a configuração dos empreendimentos sociais femininos e (b) na compreensão de como os empreendimentos sociais femininos podem afetar o ambiente onde estão inseridos. A partir da revisão de literatura, da interpretação e das análises realizadas nesta pesquisa, espera-se entender como se configura um empreendimento

social de mulheres em uma comunidade pesqueira.

Além disso, esta pesquisa tem a intenção de ampliar a visibilidade das mulheres moradoras das comunidades pesqueiras a partir do olhar dado ao papel delas nesse ambiente. Segundo Woortmann (1991), o ponto de vista das mulheres de comunidades pesqueiras não deve ser ocultado nos estudos científicos, pois elas exercem atividades essenciais para a continuidade da cultura social da comunidade. Além disso, o discurso acadêmico deve buscar o equilíbrio na construção da identidade de gênero nas comunidades pesqueiras (WOORTMANN, 1991).

Lentisco e Lee (2014) enfatizam que as produções científicas que tratam as relações de gênero na pesca podem apontar maneiras inovadoras de realizar essa atividade, pois as mulheres estão presentes não só no trabalho pesqueiro, mas também nas práticas sociais e no gerenciamento do território. Por isso, elaborar um estudo onde haja a discussão sobre gênero na pesca pode contribuir para valorizar o trabalho feminino nessa atividade e também para instigar políticas públicas adequadas para o setor (LENTISCO; ALONSO, 2012). Nessa perspectiva, abordar o processo da pesca artesanal a partir das noções de gênero dá voz as trabalhadoras da pesca (LEITÃO; LEITÃO, 2012), bem como possibilita compreender os aspectos econômicos e socioambientais dessa atividade (BENNET, 2005).

Segundo Meirelles et al. (2016), as comunidades que dependem da exploração dos recursos pesqueiros passam por dificuldades socioeconômicas. Corroborando com esse argumento, o estudo de Garcez e Sanchez-Botero (2005) feito nas comunidades de pesca artesanal do Rio Grande do Sul, aponta que essas comunidades necessitam de programas educacionais, oficinas de empoderamento e de retomada das tradições, além de cursos profissionalizantes. A Colônia de Pescadores Z3 – território onde esta pesquisa ocorreu - enquadra-se nesse cenário, onde há o "risco à reprodução social, cultural e econômica das comunidades pesqueiras" (MOURA; LOUREIRO; ANELLO, 2016, p. 2).

A partir desse contexto de instabilidade, os empreendimentos sociais que estão inseridos em comunidades buscam a promoção de ações coletivas com o intuito de desenvolver socialmente a comunidade, além de incentivar a inclusão individual das pessoas (CAMPOS et al., 2012). As mulheres das comunidades pesqueiras vivem essa realidade de vulnerabilidade (SANTOS; TIMÓTEO, 2019), invisibilidade (HELLENBRANDT, 2019) e desvalorização do seu papel (MELO; LIMA; STADTLER, 2009), apesar de estarem presentes e atuantes em diversas frentes de luta em prol da comunidade e delas próprias (MOURA; LOUREIRO; ANELLO, 2016; MELO; LIMA; STADTLER, 2009).

Diante dessa inquietude feminina, os empreendimentos sociais gerenciados por

mulheres têm se mostrado uma opção para aquelas que desejam realizar uma mudança social (NISHIMURA; ALPERSTEDT; FEUERSHÜTTE; 2012) e, ao mesmo tempo, autossustentar-se (CRUZ, 2012). Nesse sentido, as Redeiras – grupo de artesãs escolhido para participar deste estudo – possuem um empreendimento social onde buscam oportunidade de emprego e reconhecimento social (RIBEIRO et al., 2018). Além disso, seus produtos têm um apelo à sustentabilidade e inovação, pois são confeccionados a partir dos resíduos descartados da pesca, como, por exemplo, redes e escama e couro de peixe (FERRETTI; FREIRE, 2013).

A forma como as mulheres buscam seu espaço e reconhecimento, tanto no mercado de trabalho quanto socialmente, desperta o interesse em analisar a configuração do empreendimento social feminino das artesãs Redeiras, tendo em vista que elas são moradoras de uma comunidade pesqueira, onde existe a associação ao domínio masculino (WOORTMANN, 1991) e há dificuldades socioeconômicas latentes (MEIRELLES et al., 2016). Além disso, também é o desejo desse projeto de pesquisa oferecer dados que possam contribuir para a adoção de políticas públicas adequadas (projetos, incentivos e benefícios sociais) e para a formação de redes de apoio (parcerias) a esse grupo social: as mulheres das comunidades de pescadores.

1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A fundamentação teórica desse estudo está estruturada em quatro seções. A primeira apresenta o contexto das comunidades de pescadores, tendo em vista que a pesquisa ocorrerá na Colônia de Pescadores Z3. A segunda faz uma abordagem do papel da mulher na comunidade pesqueira, assim compreende-se o meio em que ela está inserida e a forma como ela é percebida. A terceira seção discorre sobre as origens, os conceitos e as linhas teóricas do empreendedorismo social para conhecer as características que esse tipo de negócio pode ter. E, por fim, o empreendedorismo social feminino é analisado para compreender a gestão dos empreendimentos sociais a partir do olhar das mulheres.

1.1 Contextualização do caso investigado: a Colônia de Pescadores Z3

Com o objetivo de defesa do território nacional, a Marinha do Brasil lançou um projeto de criação das colônias de pescadores, as quais se fortalecem pelas ações do Estado que obtêm o controle das atividades pesqueiras e do espaço para interesses políticos (OPUSKA, 2010). Moura et al. (2016) corroboram indicando que essas colônias estavam cadastradas para possíveis combates e ações políticas de nacionalização da pesca. Nesse contexto, as colônias de pescadores passam a ser dirigidas por pessoas fora do meio pesqueiro, fazendo com que o caráter assistencialista predomine nas atividades de pesca artesanal (DIEGUES, 1983).

O setor da pesca artesanal está representado por 400 colônias distribuídas entre 23 Estados brasileiros (RAMIRES et al., 2012). No Rio Grande do Sul existem 12 colônias (VASCONCELOS; DIEGUES; SALES, 2007) e dentre essas colônias encontra-se a Z3, que pertence ao município de Pelotas, situada às margens de uma das maiores lagunas costeiras do mundo, a Lagoa dos Patos.

A Colônia de Pescadores Z3 foi fundada em 1921 e até hoje é um lugar que apresenta rusticidade devido a sua arquitetura local e a sua paisagem à beira da Lagoa dos Patos. Essa comunidade apresenta diversas problemáticas sociais, ambientais e econômicas, barreiras naturais onde o poder público é pouco atuante (DREHMER et al., 2017). Michel e Michel (2011, p. 2) salientam que ~~"a~~ Colônia de Pescadores (Z3) é uma região marcada pela pobreza e negligenciada pelos poderes públicos, mas por outro lado abriga um povo forte que luta e busca melhores condições sociais".

A Colônia Z3 se encontra a aproximadamente 21km do centro urbano de Pelotas,

portanto, o modo de vida social e econômico dos moradores desse bairro é diferente dos demais bairros da cidade. Apesar dos obstáculos que a comunidade enfrenta, com o passar do tempo ela se organizarou de maneira a valorizar a cultura e as tradições locais.

Cabe compreender que na Lei Geral da Pesca (BRASIL, 2009), a atividade pesqueira é definida da seguinte forma:

> Art. 4º A atividade pesqueira compreende todos os processos de pesca, explotação e exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte, comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros.
> Parágrafo único. Consideram-se atividade pesqueira artesanal, para os efeitos desta Lei, os trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal.

Dessa forma, a pesca artesanal, segundo o entendimento de Diegues (1983), refere-se àquela atividade realizada dentro das estruturas da pequena produção mercantil. Para Vasconcelos, Diegues e Sales (2007), a pesca artesanal tem como caraterística principal a utilização de diferentes petrechos de pesca, os quais são adaptados ao ambiente aquático. Ramires et al. (2002, p. 1) reiteram essa ideia dizendo que ~~"a~~ pesca artesanal é definida como aquela em que o pescador sozinho ou em parcerias participa diretamente da captura de pescado, utilizando instrumentos relativamente simples". Esse conceito é complementado a partir de Cardoso (2001), o qual define que a pesca artesanal deve estar relacionada às formas de organização social dos pescadores e não só das ferramentas tecnológicas utilizadas para a captura.

A pesca artesanal é uma das atividades mais antigas exercidas pelo homem e ela, ainda assim, possibilitou aos pescadores obter conhecimento sobre questões como o ciclo de vida das espécies, a época de reprodução e a concentração de cardumes (DIEGUES, 2004). Além disso, as populações litorâneas são beneficiadas por essa atividade em detrimento do alto nível de emprego, o qual potencializa o desenvolvimento social e econômico dessas populações (RAMIRES et al., 2012).

Entretanto, Moura et al. (2016) e Vivacqua (2012) salientam que a pesca artesanal tem enfrentado grandes desafios no que tange ao seu desenvolvimento e sua conservação no Brasil. Os novos modelos das práticas pesqueiras têm colocado em risco as forças sociais, culturais, econômicas e territoriais das comunidades que vivem desse tipo de pesca (MOURA et al., 2016). A pesca artesanal, por muito tempo, foi orientada sob um olhar puramente econômico, visando o aumento de produção que atendesse as demandas internas e externas de mercado (VIVACQUA, 2012). Nesse sentido, Mendonça (2018) relata que a diminuição dos estoques pesqueiros e a falta de investimento nessa atividade fazem com que a pesca artesanal

se torne menos atrativa. Cardoso (2001) e Diegues (1995) ainda relatam que esse tipo de pesca enfrenta diversas dificuldades devido as políticas ambientais inadequadas à realidade dos pescadores e as questões climáticas originadas pela ação humana em busca do lucro a qualquer custo.

Ademais, Vasconcelos, Diegues e Sales (2007) enfatizam que a falta de informação estatística sobre a pesca artesanal é uma realidade mundial devido a amplitude, complexidade e precariedade em que órgãos governamentais despendem atenção nessa atividade. Desse modo, os mesmo autores relatam que o pouco investimento em pesquisas e monitoramentos é resultado dessas barreiras impostas aos pescadores artesanais. Vale enfatizar que, segundo a Instrução Normativa Conjunta N° 3/2004, artigo quarto, compreende-se por pescador artesanal ~~–a~~quele que, com meios de produção próprios, exerce sua atividade de forma autônoma, individualmente ou em regime de economia familiar ou, ainda, com auxílio eventual de outros parceiros, sem vínculo empregatício" (CALDASSO et al., 2005, p. 10).

Azevedo e Pierri (2013) observam que os pescadores artesanais estão em condição de vulnerabilidade socioambiental, pois há pobreza e riscos ambientais específicos que diminuem a capacidade de superação e de adaptação a cenários de dificuldade. Esse processo crescente de vulnerabilidade dessas comunidades acontece em virtude do crescimento acelerado da atividade pesqueira, do desenvolvimento da pesca industrial e do aumento do poder de pesca das embarcações (DIEGUES, 1983). Kalikoski et al. (2002) ressaltam que as comunidades de pescadores artesanais estão se tornando mais pobres e vulneráveis devido ao estilo de economia predatória, sem pensar no desenvolvimento heterogêneo da região pesqueira e urbana.

Nesse contexto, Diegues (1988, p. 2) assevera que ~~–as~~ comunidades pesqueiras artesanais estão sob severa ameaça por causa da especulação imobiliária e da degradação ambiental, provocada por um modelo econômico que exclui amplas camadas da população, sua cultura e suas formas de organização". Em virtude desse ambiente instável, Opuska (2010) afirma que o funcionamento das associações de pesca artesanal e colônia de pescadores iniciaram em decorrência de lutas políticas.

Vasconcelos, Diegues e Sales (2007, p. 22) entendem que a participação ativa dos pescadores artesanais impulsionam novas cadeias de cooperação:

> A mobilização dos pescadores artesanais, a partir das bases, com as reivindicações econômicas, sociais e de cidadania caracteriza a existência de um "movimento social", como inúmeros outros que apareceram nos últimos anos. É importante que a partir dele surjam novas instituições que corporifiquem os anseios desses milhares de pescadores. É evidente que a sobrevivência dos pescadores artesanais, enquanto

> categoria profissional requer uma organização nova e independente que só será alcançada por uma continua mobilização dos pescadores. Daí a necessidade de novos estatutos que viabilizem uma organização efetivamente representativa.

Os movimentos sociais, de maneira singela, têm auxiliado na visualização da figura do pescador artesanal, do seu modo de vida e da sua relevância socioeconômica, mesmo que ainda persista a invisibilidade da organização político-econômica-social dessa categoria (JÚNIOR, 2007).

A pesca artesanal tem grande relevância social e econômica, pois é responsável por gerar a maioria dos empregos nas comunidades pesqueiras, mas ela é pouco reconhecida pelos órgãos nacionais como um importante setor produtivo (MENDONÇA, 2018). A partir dessa percepção, nos anos 1980, houve um significativo aumento em estudos e pesquisas sobre as comunidades pesqueiras artesanais, sendo que alguns temas abordam o modo de vida e organização tradicional da pesca, contrariando o enfoque biológico das pesquisas e considerando os aspectos econômicos, instrucionais e sociais das comunidades de pesqueiras (VASCONCELOS; DIEGUES; SALES, 2007).

Nesse sentido, discutir o processo da pesca artesanal a partir das noções de gênero possibilita compreender como essa atividade se desenvolve tanto nos fatores econômicos quanto socioambientais (BENNET, 2005). Além disso, essa abordagem dá voz às trabalhadoras da pesca (LEITÃO; LEITÃO, 2012). Por isso, na próxima sessão será abordado o papel da mulher na comunidade em que vive, no caso deste estudo, na comunidade pesqueira.

1.2 O papel da mulher na comunidade pesqueira

No ambiente pesqueiro, a dificuldade das mulheres em obter reconhecimento e ter seu trabalho valorizado é notável (GERBER, 2013; MELO; LIMA; STADTLER, 2009). Cabe ressaltar que a pesca artesanal, segundo o entendimento de Ramires et al. (2002, p. 1), é definida como "aquela em que o pescador sozinho ou em parcerias participa diretamente da captura de pescado, utilizando instrumentos relativamente simples". Nessa visão de que o processo de captura é a principal atividade na pesca, é inevitável a associação ao domínio masculino nessa atividade devido a sua ligação com espaço marítimo e com trabalho em embarcações (WOORTMANN, 1991; MOTTA-MAUÉS, 1999).

Entretanto, a atividade de produção da pesca é ampla e envolve tarefas pré e pós captura, onde a mulher participa em várias etapas. Segundo pesquisas apontadas por Garcez e

Sànches-Botero (2005), as principais contribuições das mulheres na pesca estão nas atividades posteriores, ou seja, na limpeza do pescado, no reparo de materiais utilizados e na venda do produto.

Souza, Ribeiro e Martínez (2019, p. 21-22) ressaltam que "as mulheres estão envolvidas na gastronomia, no artesanato e nas atividades que caracterizam a pesca artesanal e sem elas seria impossível a sobrevivência da forma tradicional de vida ligada à pesca". Neto (2019) corrobora afirmando que mesmo não trabalhando embarcadas, as mulheres têm um papel fundamental para a estrutura da atividade pesqueira.

Apesar de ser inegável a presença feminina na pesca, esse grupo é permeado pela invisibilidade, pois não é percebido pela sua comunidade e sociedade, pelos órgãos públicos e privados e, inclusive, por elas próprias enquanto trabalhadoras da pesca (MARTÍNEZ; HELLENBRANDT, 2019; SILVEIRA, 2019; PEREIRA et al., 2019). A luta contra essa falta de reconhecimento faz parte do processo de construção da identidade da mulher como pescadora (GERBER, 2013) e, por isso, torna-se natural a sua invisibilidade (HELLENBRANDT, 2019).

Silveira (2019, p. 239) faz reflexões e questionamentos a respeito da identificação das pescadoras como tal:

> Se nem mesmo a legislação as identifica como pescadoras, como elas próprias – diante de um cenário em que não têm acesso aos benefícios que a categoria tem direito – podem se designar como tal? Ou seja, não se trata apenas da questão remuneratória, mas principalmente das condições de trabalho, e reconhecimento. Também na mesma perspectiva, podemos pensar como se dá a sucessão da atividade pesqueira em relação ao interesse das jovens em reproduzir alguma atividade neste setor?

Beck (1991) e Pereira et al. (2019) afirmam que pescar "não pertence à mulher" e que, mesmo quando elas exercem a captura (trabalho pesado), seu esforço é visto como uma ajuda ao pescador e não como trabalho. Essa ajuda é legitimada na medida em que decretos[2] e medidas provisórias[3] reclassificaram e limitaram o conceito de pesca e das atividades que dão suporte a essa atividade com o objetivo de proibir que as pessoas que não trabalhem na captura tivessem acesso a direitos, como o seguro-defeso, aposentadoria e pensão (LOPES; FREITAS; BEGOSSI, 2020).

Vale ressaltar que esse foi um direito retirado das pescadoras, pois as atividades de apoio à pesca (pré e pós captura) foram legalmente registradas em 2015, porém, depois do decreto em 2017, as mulheres passaram a não poder fazer sua inscrição no Registro Geral da

[2] Decretos Presidenciais: 8.424/2015 e 8.425/2015
[3] Medidas Provisórias: 664 e 665.

Atividade Pesqueira (HELLENBRANDT, 2019). Dessa forma, Hellenbrandt (2019, p. 268) conclui:

> Assim, com o texto revogado, o Estado, que antes denominava as etapas da atividade pesqueira nas quais as mulheres mais participam de ~~a~~poio a pesca", agora sequer reconhece como categoria existente no Registro Geral da Atividade Pesqueira. Com esta análise constatei um processo que torna legalmente invisível parte das mulheres da pesca. Ou seja, o Estado também como construtor da invisibilidade das mulheres na atividade pesqueira.

Sobre o aspecto de enxergar o trabalho feminino como um auxílio ao masculino, Silveira (2019) ressalta que a mulher que não tem parentesco com pescador não é considerada pescadora. Sendo assim, seu *status* é de auxiliar nas atividades da pesca.

A invisibilidade do trabalho feminino na pesca cria obstáculos na legitimação jurídica das atividades desse grupo e também dificulta o acesso aos benefícios sociais, trabalhistas e previdenciários (SOUZA; RIBEIRO; MARTÍNEZ, 2019). Ademais, a pouca efetividade de políticas públicas ou a sua elaboração inadequada reforça a falta de conhecimento sobre o trabalho feminino (HELLENBRANDT, 2017) e enfatiza o quanto apenas os homens são beneficiados pelos órgãos públicos nos que diz respeito aos seus direitos assegurados (HELLEBRANDT, 2017). Hellebrandt (2019, p. 276) destaca que ~~a~~ consequência mais perigosa advinda desta construção da invisibilização das mulheres na pesca é a relação com o Estado e a garantia de seus direitos enquanto trabalhadoras e cidadãs".

Hellebrandt (2019) revela em seu estudo realizado no Estuário da Lagoa dos Patos (RS) que as relações informais e a alta carga de trabalho estão presentes nas atividades realizadas pelas mulheres nessa região. No mesmo estudo, a autora discorre que é comum no universo da pesca artesanal que as tarefas domésticas se misturem com as demais atividades pesqueiras, tendo em vista que as mulheres utilizam o espaço da sua residência para trabalhar no pescado. Isso reforça a dificuldade em organizar a rotina, valorizar o trabalho realizado e obter remuneração justa (HELLEBRANDT, 2019).

A precarização das condições de trabalho, salários e direitos enfatizam a vulnerabilidade que caracteriza o grupo de mulheres das comunidades de pesca artesanal (SANTOS; TIMÓTEO, 2019). Além disso, ser pescadora e desprovida de recursos financeiros fomenta os problemas sociais típicos desse grupo (SILVEIRA, 2019). Com o intuito de conseguir novas oportunidades de trabalho, elas se organizam em prol dos interesses da comunidade e delas próprias (MELO; LIMA; STADTLER, 2009).

Nas últimas décadas, os movimentos feministas exerceram um papel fundamental na propagação da política de empoderamento como oposição aos padrões estabelecidos

(MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012). Por esse motivo, a presença das mulheres nos movimentos sociais, mesmo que minoritariamente, tem o objetivo de organizar a comunidade em busca de melhores condições de trabalho, de qualidade de vida e de justiça social e ambiental (BRITO, 2019). A falta de organização do trabalho feminino possibilita que haja uma desculpa para o descaso político com essa classe (GERRARD, 2009). Entretanto, no Brasil, em 2006, foi fundada a Articulação Nacional das Mulheres Pescadoras, que visava fortalecer a identificação de gênero e profissionalismo das mulheres através de reinvindicações políticas, trabalhistas e previdenciárias (STADTLER, 2015).

Cabe ressaltar que a pesca artesanal tem enfrentado grandes desafios perante as mudanças no desenvolvimento das atividades pesqueiras no Brasil e os novos modelos das práticas pesqueiras têm colocado em risco as forças sociais, culturais, econômicas e territoriais das comunidades que vivem da pesca artesanal (MOURA et al., 2016). Nesse sentido, Mendonça (2018) relata que a diminuição dos estoques pesqueiros e a falta de investimento nessa atividade fazem com que a pesca artesanal se torne menos atrativa.

Este contexto de instabilidade, somado a escassez de recursos pesqueiros atinge também o trabalho das mulheres, pois elas necessitam realizar diferentes tarefas para obter renda e, com isso, o modo de vida familiar é afetado (ALENCAR; SOUSA, 2019). A obscuridade feminina na comunidade pesqueira é uma característica fundamentada desde a criação das colônias. Em decorrência de um projeto da Marinha do Brasil, as colônias de pescadores foram criadas com o objetivo de defesa do território nacional (OPUSKA, 2010). Moura et al. (2016) corroboram indicando que essas colônias estavam cadastradas para possíveis combates e ações políticas de nacionalização da pesca. Dessa forma, os espaços nas comunidades eram masculinizados, tendo em vista que a Marinha de Guerra não aceitava mulheres em sua relação de funcionários (LEITÃO; LEITÃO, 2012).

A construção histórica e social da identidade feminina está intimamente relacionada às noções de gênero (SCOTT, 1995). A mulher, habitualmente, é vista como frágil e, por isso, entende-se que é capaz de lidar com as atividades domésticas e com o cuidado dos filhos. Enquanto o homem recebe a atribuição natural do detentor da força física e, por isso, é apto a desenvolver atividades mais representativas perante a sociedade e mercado (GALVÃO, 2013).

Na atividade pesqueira, o espaço masculino e feminino configura a relação de desigualdade de gênero, onde esses espaços geram a diferença sexual a partir da hierarquia estabelecida pela cultura patriarcal da sociedade que visa o predomínio da subordinação da mulher ao homem (SANTOS; SOUZA, 2019; HELLEBRANDT, 2019; PEREIRA et al.,

2019; GALVÃO, 2013). Para Bennet (2005), fazer uma análise de gênero na comunidade pesqueira é ter a oportunidade de compreender como essa atividade é administrada no que tange a aspectos ambientais e sociais, além dos econômicos.

Maneschy, Siqueira e Álvares (2012) ressaltam a importância de considerar as estratégias dos sujeitos econômicos e as políticas cabíveis ao analisar os aspectos econômicos e de trabalho sob a perspectiva das relações de gênero. Segundo Fraser (*apud* MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012), ~~–a~~ ordem social de gênero" segue a ordem econômica de mercado, ou seja, a naturalização sobre as atividades ~~–d~~a mulher" e as tarefas ~~–d~~o homem". Embora haja evidências do aumento da participação feminina nas atividades econômicas da pesca, ainda há a presença da divisão sexual do trabalho doméstico, ou seja, o cuidado com os filhos, a gestão da casa e o zelo familiar são as principais responsabilidades das mulheres (LEITÃO, 2013).

A condição de inferioridade da pescadora caracteriza a existência da dominação masculina nessas comunidades e evidencia a desvalorização do trabalho delas (MELO; LIMA; STADTLER, 2009). De acordo com Thompson (1985), a posição social dessas mulheres pode ser prejudicada devido à divisão sexual do trabalho e a caracterização da atividade da pesca, pois ao embarcar o homem deixa com a mulher a responsabilidade das ~~–c~~oisas da terra" e isso evidencia o poder existente em suas mãos. Ademais, a divisão sexual do trabalho nas comunidades pesqueiras é bastante evidente, conforme a afirmação de Galvão (2013, p. 18):

> Na família da pesca artesanal, os estudos de gênero mostram uma bipolaridade: ao ser homem atribui-se o trabalho produtivo, o pescar, a identidade de pescador, o que atua na captura e tem como espaço primordial, o mar; ao ser mulher, atribui-se o trabalho reprodutivo, a identidade de mulher de pescador, no qual o trabalho na pesca é uma ~~–a~~juda" ao marido e não uma divisão de trabalho efetiva, sendo seu espaço o da ~~–c~~asa".

Em algumas comunidades, as mulheres trabalham em atividades na terra enquanto os homens executam suas tarefas na água. Com isso, as atividades menos valorizadas são desempenhadas pelas mulheres e seus rendimentos financeiros são inferiores aos dos homens (MELO; LIMA; STADTLER, 2019; PEREIRA et al., 2019). Essa afirmação condiz com o que Kergoat (2003) afirma sobre a dialética da divisão sexual do trabalho, que é a hierarquização e a valorização do trabalho masculino a ponto de prejudicar o trabalho feminino.

Há também o papel da mulher no incentivo aos filhos para que trabalhem com a pesca artesanal, pois elas exercem o papel de mostrar, integrar e socializar a criança no mundo da

pesca (SANTOS; SOUZA, 2019). Além disso, o conhecimento conquistado por essas mulheres normalmente é adquirido com suas mães, pois devido a ausência de creches nas comunidades elas levavam suas filhas para seu trabalho (LEITAO, 2013). Dessa forma, Alencar (1993) complementa dizendo que a mulher da comunidade pesqueira possui um conhecimento amplo sobre as atividades desse universo, pois, além da pesca, ela enfrenta barreiras de gênero para se realizar como ser social.

Ainda que o trabalho feminino seja imprescindível para que seja possível a continuidade da pesca artesanal, esse não é um tema predominante nas produções científicas que discutem essa atividade, como destacam vários autores (SOUZA; RIBEIRO; MARTÍNEZ, 2019; WOORTAMNN, 1991; MARTÍNEZ; HELLENBRANDT, 2019; LEITÃO, 2019; ALENCAR; SOUSA, 2019; SILVEIRA, 2019). Em seu estudo, Bennet (2005) menciona três fatores que motivam a marginalização das questões de gênero nas pesquisas no universo da pesca, são eles: (1) a importância dada aos estudos sobre gestão pesqueira, estoques e captura; (2) a compreensão sobre os modos de vida a partir, somente, da visão do homem; e (3) a falta de dados estatísticos por sexo na pesca.

As produções científicas que abordam o modo de vida da pesca artesanal pouco salientam o papel das mulheres nesse contexto (WOORTAMNN, 1991; ALENCAR; SOUSA, 2019), o que gera a escassez de dados sobre esse tema (MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012). Woortmann (1991, p. 3-4) ressalta que, ao considerar somente o ponto de vista dos homens, os estudos nas comunidades pesqueiras deixam lacunas nas suas observações:

> O próprio discurso acadêmico, pois, relega ao silêncio o ponto de vista feminino, mesmo quando as atividades das mulheres são cruciais para a reprodução social do grupo como um todo. Em muitos grupos ditos de "pescadores" a produção agrícola das mulheres é tão ou mais importante quanto a pesca, ainda que não seja publicamente reconhecida como tal, e central para a constituição da identidade de gênero da mulher. Se a identidade é um processo político, a identificação entre identidade de grupo e identidade masculina é uma política de gênero, frequentemente legitimada pelo discurso acadêmico.

Alencar (1993) afirma que é necessário repensar algumas teorias a respeito dos estudos da pesca, bem como buscar compreender de maneira diferente a categoria da pesca, para que a invisibilidade das mulheres na comunidade pesqueira seja amenizada. Para isso acontecer, a mulher pescadora deve ser estudada como um sujeito ativo (SANTOS; TIMOTEO, 2019).

Conforme relatado anteriormente, as comunidades pesqueiras enfrentam problemas sociais, ambientais e econômicos e, diante disso, os estudos sobre as questões de gênero

aumentaram a partir da década de 2000 (MANESCHY; SIQUEIRA; ÁLVARES, 2012; LEITÃO, 2019; NETO, 2019). Porém, ainda há dificuldade de artigos científicos que abordem temas sobre mulheres, gênero e pesca serem aceitos para publicação em periódicos de alta repercussão (FRANGOUDES; GERRARD, 2018).

Segundo Lentisco e Lee (2014), é necessário que a academia entenda que ao abordar as relações de gênero na pesca é possível contribuir para a revelação de novas formas de desenvolvimento dessa atividade, pois a participação feminina nos processos produtivos, ações sociais e gestão territorial estão presentes nessas comunidades. Além disso, ao desenvolver um projeto que verse sobre gênero na pesca, contribui-se para minimizar a obscuridade feminina nessa atividade e também para auxiliar na busca por melhores políticas públicas para o setor (LENTISCO; ALONSO, 2012).

Galvão (2013, p. 58) complementa que "é urgente desvelar as mulheres 'por trás' dos pescadores" e que ao realizar pesquisas com rigor teórico e metodológico é possível contribuir para um resultado igualitário, transformador e colaborativo no que tange as dificuldades encontradas por aqueles que vivem da pesca. Além disso, os estudos que abordam as políticas públicas para as mulheres da comunidade pesqueira auxiliam na compreensão da realidade vivida por elas e na análise do funcionamento do Estado (MELO; LIMA; STADTLER, 2009).

Sendo assim, novas práticas de reconhecimento que contemplem não somente direitos previdenciários e trabalhistas, como também a organização social e política, devem ser desenvolvidas para legitimar as mulheres enquanto trabalhadoras (PEREIRA et al., 2019). Para Moura et al. (2016), perceber a mulher como sujeito é imprescindível para modificar as relações de gênero que permeiam a sociedade de classe.

Uma das maneiras de dar oportunidade a grupos sociais desprivilegiados é a criação de empreendimentos sociais. No próximo subcapítulo, serão discutidas as origens, os conceitos e as linhas teóricas do empreendedorismo social, a fim de conhecer mais sobre tal tema.

1.3 Empreendedorismo Social

As produções científicas que discutem o empreendedorismo estão presentes há bastante tempo na academia (FERREIRA et al., 2013). No entanto, apesar do modelo de negócio do empreendedorismo social não ser novo, é recente o enfoque acadêmico (REFICCO; GUTIÉRREZ; TRUJILLO, 2006), pois não se trata de uma ramificação do empreendedorismo e sim de outra lógica.

A atuação das empresas, governos e da sociedade civil têm aberto um espaço maior

para a discussão sobre o atual sistema econômico, o que gera desafios de ordem social e ambiental até então ignorados (ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014). Tendo em vista o contexto do mercado atual, o empreendedorismo social nasceu em um cenário de crise em diferentes setores – econômico, social, político e ambiental – a fim de superar barreiras sociais.

No geral, segundo Parente et al. (2011), a expansão do empreendedorismo social é oriunda da falta de capacidade dos órgãos públicos em tratar os problemas sociais, devido à ausência de políticas públicas eficientes ou pela sua falta de recursos financeiros e pela incompetência do mercado, o qual também não responde as necessidades sociais, o que direciona a sociedade civil a fomentar práticas sociais. Os mesmos autores afirmam que, embora o terceiro setor (setor não lucrativo) preencha algumas lacunas do Estado e do mercado, o empreendedorismo social vem sendo difundido como um meio de inovar para que haja a superação dos desafios sociais.

Dessa maneira, Mair e Marti (2006) concluem que em razão da busca pela eficiência nas suas atividades, o terceiro setor passou a ter características comerciais e de orientação para o mercado, fazendo com que os limites existentes entre o setor não lucrativo e o mercado tradicional fossem difíceis de serem detectados. Contudo, não é novidade as contribuições que os setores fazem sobre os novos modelos de negócios.

Nesse sentido, Dees (2009) relata que o empreendedorismo social tem sua origem no final do século XIX quando Gertrude Himmelfarb intitulou o ato de fazer caridade, de forma estratégica e sistemática, como ―caridade científica". Nesse período, a caridade passou a ser feita de modo que gerasse uma mudança ordenada e permanente, o que, atualmente, define o empreendedorismo social (PARENTE et al., 2011).

Ao longo da história, os empreendedores sociais, bem como o ato de empreender socialmente, podem ser encontrados em diferentes proporções no que se refere às práticas organizacionais e as suas formas de atuação (PARENTE; QUINTÃO, 2014). Entretanto, Austin, Stevenson e Wei-Skillern (2014) afirmam que as definições do empreendedorismo social são amplas e que elas dizem respeito à criação de uma atividade inovadora, mas com finalidade social, além de poder ser estruturada no setor privado, no terceiro setor ou em organizações híbridas.

A partir dessa amplitude do conceito de empreendimento social, as correntes teóricas sobre esse tema se dividiram de acordo com sua regionalização, situação econômica e social, a saber, países norte-americanos, europeus e em desenvolvimento.

Perspectiva Norte-Americana

No princípio dos anos 1970, os Estados Unidos encontrava-se em um cenário de escassez de recursos devido à retração do financiamento estatal, o que fomentou a disseminação do termo empresa social (KERLIN, 2006). Nesse contexto de dificuldades financeiras do serviço público, Boschee e MacClurg (2003) relatam que na última década as organizações que operavam de forma tradicional viveram um período de declínio econômico. Com isso, a expansão das atividades das organizações não governamentais foi notória e fez crescer a visibilidade do termo empresa social (ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014). Contudo, na década de 1980, o empreendedorismo social teve seu conceito fundamentado, nos EUA, no setor econômico e de gerenciamento. Entretanto, o termo empreendedor social passou a ser banalizado nos anos 1990 (PARENTE; QUINTÃO, 2014).

Para Kerlin (2006), na corrente norte-americana, o termo empresa social foi estabelecido a fim de envolver empresas de diferentes setores para que as mesmas realizassem atividades sociais. O mesmo autor indica a existência de duas possíveis abordagens da empresa social: (1) aquelas em que é possível que a organização tenha lucro, desde que suas metas estejam alinhadas ao um objetivo social (empresas híbridas), ou (2) aquelas onde as organizações sem fins lucrativos executam atividades comerciais para que haja o engajamento em sua missão (organizações com fins sociais).

Com o objetivo de manter seu foco social e, ao mesmo tempo, libertar-se da dependência de doações, Dees (1998) afirma que as empresas sociais assemelham suas atividades às do mercado tradicional. Segundo o referido autor, essa situação acontece devido à (1) a crença de que o capitalismo, a concorrência e o lucro alavancam a eficiência e a inovação, (2) a conquista do bem estar social juntamente com a emancipação dos beneficiados, (3) a geração de renda através de fontes de financiamentos mais confiáveis, (4) a mudança de postura das empresas que financiam as organizações sem fins lucrativos – elas passaram a preferir apoiar ações mais comerciais – e (5) a competição acirrada no terceiro setor e nas empresas tradicionais.

As empresas sociais exercem suas funções em áreas (como a saúde, educação, segurança, meio ambiente, habitação, pobreza e cultura) onde nem o mercado, tampouco o governo, são capazes de suprir, adequadamente, as necessidades da sociedade civil (DEES, 1998).

Perspectiva Europeia

De acordo com Parente et al. (2011), a crise do Estado, a elevação da taxa de

desemprego, o aumento da pobreza e da exclusão social fizeram as organizações enfrentarem novos desafios econômicos e sociais. Os mesmos autores constatam que a corrente europeia utiliza o conceito de economia social, no qual há a diferenciação do terceiro setor devido a autonomia proposta por esse modelo de negócio e, ao mesmo tempo, também se distinguem dos órgãos públicos e instituições privadas, pois visam atender as necessidades econômicas e sociais em sua essência.

Para Defourny e Nyssens (2010), as organizações do terceiro setor, ou seja, sem fins lucrativos (cooperativas, associações e sociedades mútuas) desempenhavam um importante papel antes mesmo da Segunda Guerra Mundial. Os mesmos autores trazem em seu estudo –*Conceptions of social enterprise and social entrepreneurship in Europe and the United States: Convergences and divergences*" uma abordagem temporal, relatando que: nos anos 1950 o terceiro setor deu ênfase ao combate à pobreza e a problemas de habitação; nos anos 1960 e 1970 houve um crescimento nos movimentos da sociedade civil em prol da democracia e igualdade, o que abordava as principais questões sociais; e, nos anos 1970 e 1980 o terceiro setor passou a ser repensado, pois mesmo com as ações sociais em andamento, o desemprego, os déficits financeiros do estado e a falta de políticas públicas eficientes ainda eram presentes em muitos países europeus.

Nessa mesma obra, Defourny e Nyssens (2010) retratam o cenário europeu e os avanços sobre o conceito de economia social, conforme exposto a seguir:

Em países como a Bélgica, França, Alemanha e Irlanda – bismarckianos – as organizações sem fins lucrativos eram financiadas e regulamentas pelo poder público, que na década de 1980 atravessava por uma crise financeira e de desemprego. Diante desse cenário, a administração pública desenvolveu políticas de trabalho que tinham como objetivo a inclusão social dos desempregados, através de programas de formação profissional e de oportunidade no mercado. Dessa maneira, necessidades sociais poderiam ser sanadas além de minimizar os custos sociais do governo. Devido a essa parceria entre o Estado e o terceiro setor, foi possível que algumas associações se destacassem por implementar políticas ativas de combate ao desemprego, o que impulsionou a dinâmica empreendedora dentro do setor sem fins lucrativos. A partir desse contexto de inovação mercadológica, França e Bélgica denominaram seu terceiro setor como –economia social" ou –economia solidária".

Nos países nórdicos existe a tradição do Estado se comprometer com o bem estar e do setor empresarial se empenhar em garantir sua produtividade para, com isso, assegurar a empregabilidade e a participação mais ativa da sociedade nas atividades sociais. Os movimentos cooperativistas tomaram novas formas quando, nos anos 1980, instituições de

saúde mental foram desativadas e, assim, a busca por novos modelos pedagógicos foi um desafio para os pais das crianças que precisavam de maior atenção (DEFOURNY; NYSSENS, 2010).

Por outro lado, o Reino Unido se caracterizava por gastar menos com questões sociais do Estado, devido a sua parceria com instituições de voluntariado, mas que dependiam de doações de empresas privadas (SALAMON; SOKOLOWSKI, 2016). Tendo em vista a passagem por duas Guerras Mundiais, o governo britânico desenvolveu programas sociais onde instituições de caridade foram incentivadas financeiramente pelo Estado (LEWIS, 1999). Entretanto, nos anos 1980 e 1990, percebeu-se a necessidade de tornar eficiente a prestação de serviços e, com isso, reformas nas políticas públicas foram realizadas, o que instigou a concorrência entre empresas privadas e do voluntariado. Por esse motivo, a forma de atuação do terceiro setor passou ser repensada (DEFOURNY; NYSSENS, 2010).

Na década de 1980, em países como a Itália, Portugal e Espanha, as novas formas de cooperativas surgiram com a missão de incluir socialmente tanto os desempregados quanto aqueles que estavam marginalizados. Apesar desses países cultivarem a tradição colaborativa e cooperativista (onde a igreja exercia o papel de ser provedora dos serviços sociais), o novo modelo de cooperativa emergente se atentava a atingir uma escala maior de beneficiados. Desse modo, na década de 1990, a Itália divulgou o conceito de empresa social no *Journal Impresa Sociale,* o que foi um marco para a divulgação desse conceito (DEFOURNY; NYSSENS, 2010).

Diante do contexto histórico exposto, percebe-se que nos países europeus as raízes sociais e econômicas mais antigas impulsionam a busca por práticas do empreendedorismo social.

Perspectiva dos Países em Desenvolvimento

Os países emergentes necessitam de mais esforços para buscar soluções para as demandas sociais e exigem maior empenho na elaboração de alternativas de inovação devido à diversidade e a amplitude dos problemas sociais encontrados (SILVA; MOURA; JUNQUEIRA, 2015). Em virtude dessas particularidades, os empreendimentos sociais também cresceram intensamente nesses países, embora a nomenclatura de empresa social não tenha sido bem aceita na América Latina e Ásia e, por isso, surgiram os termos negócios sociais e negócios inclusivos (ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014).

Na década de 1970, o conceito de negócio social foi descrito por Muhammed Yunus através da criação do Banco de Microcrédito *Grameen Bank*, porém, a tradição do mercado

capitalista não confiava que tal tipo de negócio pudesse ter sucesso (o que hoje ainda é possível de ser percebido nos empreendedores tradicionais). Entretanto, os novos empreendedores tomam frente nesse movimento (NASCIMENTO et al., 2012).

Essa nova terminologia do empreendedorismo social ganhou maior evidência em 2006, quando o empreendedor social Muhammed Yunus teve seu trabalho reconhecido e, como consequência, ganhou o Prêmio Nobel da Paz naquele ano em razão ao trabalho desenvolvido no *Grameen Bank*. Jappe (2013) salienta que esse empreendimento se tornou um marco, pois popularizou em uma escala global o termo negócio social, além de evidenciar a real possibilidade em erradicar a pobreza, pois 58% das mulheres que retiraram um empréstimo conseguiram sair da pobreza extrema sem ter ficado inadimplentes.

De acordo com Yunus, Moingeon e Lehmann-Ortega (2010), os negócios sociais são uma subcategoria do empreendedorismo social, pois está localizado entre as instituições que visam lucro e aquelas que não têm fins lucrativos. Nesse sentido, os autores esclarecem alguns pontos referentes ao mecanismo de funcionamento dos negócios sociais: (1) atua como um agente de mudança para o mundo, tendo características mercadológicas suficientes para garantir sua sobrevivência; (2) seu gerenciamento deve ser o mesmo de um negócio tradicional; (2) precisa recuperar seus custos para ser autossustentável; (3) não há dividendos e os excedentes gerados são reinvestidos no negócio; (4) os proprietários podem recuperar seus investimentos atendando que é por uma causa e não pelo lucro em si; e (5) repassa para o público beneficiado preços mais baixos, melhores serviço ou maior acessibilidade.

Sendo assim:

> Um negócio social é projetado e operado como uma empresa de negócios tradicional, com produtos, serviços, clientes, mercados, despesas e receitas. É uma empresa sem perdas, sem dividendos e autossustentável que vende bens ou serviços e dá retorno dos investimentos a seus proprietários, mas cujo objetivo principal é servir a sociedade e melhorar o destino dos pobres. (YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA, 2010, p. 311).

Vale ressaltar que, além dos negócios sociais, o termo negócios inclusivos passou a ser abordado, mais recentemente, em países em desenvolvimento em virtude da ênfase dada a inclusão social por meio do consumo onde produtos e serviços são ofertados para a população com menor poder aquisitivo (ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014).

Segundo Prahalad e Hart (2008), na medida em que as pessoas de baixa renda têm chance de acessar a economia de mercado, a condição econômica de seu ambiente também se desenvolve. Em seu estudo *"The Fortune at Bottom of the Pyramid"*, o autor enfatiza que o capitalismo inclusivo é uma oportunidade de as empresas ampliarem seus negócios e, ao mesmo tempo, colaborarem com a população menos favorecida. Dessa forma, os negócios

inclusivos impõem desafios para o mercado:

> As populações mais pobres criam um novo desafio gerencial para as empresas mais ricas do mundo: vender para os pobres e ajudá-los a melhorar suas vidas produzindo e distribuindo produtos e serviços de maneiras culturalmente sensíveis, ambientalmente sustentáveis e economicamente lucrativas. (PRAHALAD; HART, 2008, p. 3).

Nesse sentido, Porter et al. (2011, p. 6) defendem que as empresas utilizem o princípio da criação de valor compartilhado:

> O conceito de valor compartilhado pode ser definido como políticas e práticas operacionais que aumentam a competitividade de uma empresa ao mesmo tempo em que melhoram as condições socioeconômicas nas comunidades em que a empresa atua. O foco da geração de valor compartilhado é identificar o elo entre o progresso social e o econômico.

Dessa forma, os autores afirmam que as empresas conseguem gerar um impacto social além de atingir seus objetivos. Nesse mesmo estudo, Porter et al. (2011) propõem que as organizações invistam na criação de novos produtos e mercados, redefinam sua produtividade com base na sua cadeia de valor e desenvolvam grupos locais. Entretanto, ele alega que se faz necessária uma mudança de postura do mercado para que o lucro não seja o principal foco dos negócios.

Complementando a abordagem de Porter et al. (2011), Reficco (2012) reforça que as grandes empresas devem atuar de forma enérgica para que a população da base da pirâmide (indivíduos em situação de desfavorecimento econômico e social) seja incluída através do consumo e, com isso, reduza a pobreza dessa população.

Diante desse contexto, o novo modelo de negócios depreende que as organizações não tenham mais o lucro como sua principal finalidade, mas enxergam-se como um meio para gerar soluções que auxiliam na minimização da pobreza, da desigualdade social e da devastação ambiental (PRAHALAD; HART, 2008).

No que diz respeito ao conceito de empreendedorismo social, sabe-se que esse não é um negócio novo. Entretanto, a falta de clareza sobre as suas características e definições permitiu que esse termo fosse explorado há apenas alguns anos (REFICCO; GUTIÉRREZ; TRUJILLO, 2006). Colaborando com essa constatação, Yunus, Moingeon e Lehmann-Ortega (2010) relatam que o conceito do novo modelo de negócios está atraindo o olhar de muitos pesquisadores e fazendo crescer a quantidade de literatura existente sobre esse tema. No entanto, ainda não há um consenso quanto a sua definição (YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA, 2010).

Em seu estudo *–Empresas sociales: ¿una especie en busca de reconocimiento?*,

Reficco, Gutiérrez e Trujillo (2006) identificaram diversas nomenclaturas para os modelos novos de negócios, como empresa cidadã, empresa social, empreendedorismo social, negócios sociais, negócios inclusivos, negócios para fins sociais, entre outros. Esses autores afirmam que apesar jovialidade e da amplitude de nomenclaturas, existem características principais sobre o empreendedorismo social: ┼..] ter objetivos sociais como prioridades, usar mecanismos de mercado para atingir seus objetivos e ser independentes" (REFICCO; GUTIÉRREZ; TRUJILLO, 2006, p. 409).

Conforme descrito anteriormente, os conceitos de empreendedorismo social podem ser compreendidos a partir da corrente teórica em que os autores se enquadram. Nesse sentido, os conceitos gerais compreendem o empreendedorismo social como a parte inovadora do empreendedorismo tradicional que visa transformar, valorizar e mudar a dinâmica do mercado para que necessidades sociais – não atendidas pelos órgãos públicos e privados – sejam solucionadas (SEELOS; MAIR, 2005; AUSTIN; STEVENSON; WEI-SKILLERN, 2006; HERRANZET et al., 2011; ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014).

O conceito de empresa social, do qual utiliza-se a corrente teórica norte-americana, diz respeito àquelas organizações que seguem seus objetivos, mas que realizam ações/projetos beneficentes ou se mobilizam para a resolução de algum problema social específico (KERLIN, 2006; DEES, 1998). Contudo, o conceito de empresa social na corrente europeia tem uma abordagem bastante diferente da norte-americana, pois elas são organizações fundadas com o objetivo de arrecadar renda e, com isso, executar atividades de caridade (GALERA; BORZAGA, 2012; DEFOURNY; NYSSENS, 2010). Por fim, a corrente teórica dos países em desenvolvimento utiliza o conceito de negócios sociais ou inclusivos, pois tratam-se daquelas empresas que enxergam a oportunidade de lucrar, mas também de gerar oportunidades para os indivíduos marginalizados, excluídos ou de baixa renda (YUNUS; MOINGEON; LEHMAM-ORTEGA, 2010; PREHALAD; HART, 2006).

Considerando que existem muitos conceitos sobre empreendedorismo social, o Quadro 1 tem a pretensão de esclarecer o conceito de empreendedorismo social a partir da corrente teórica em que os autores se enquadram.

Quadro 1: Os conceitos de empreendedorismo social e suas correntes teóricas

	Nomenclatura	Autores	Conceito
Conceitos Gerais	Empreendedorismo Social	Seelos e Mair (2005)	Empreendedorismo social combina elementos do empreendedorismo tradicional com o propósito de inovar na ordem social.
		Austin, Stevenson e Wei-Skillern (2006)	Empreendedorismo social refere-se a uma atividade inovadora com um objetivo social, podendo ocorrer no setor privado, no terceiro setor ou em organizações híbridas.
		Herranzet et al. (2011)	Empreendedorismo social é uma organização sem fins lucrativos que fornece um produto comercial baseado em taxas ou serviços, em um ambiente de mercado competitivo, como uma estratégia para apoiar a sua missão social.
		Rosolen, Tiscoski, e Comini (2014)	Empreendedorismo social está pautado na criação de valor social e na introdução de inovações de metodologia, serviços ou produtos, as quais gerariam uma transformação social.
Corrente Teórica Norte-Americana	Empresa Social	Kerlin (2006)	Empresa social é a organização que se baseia em empresas voltadas para o lucro, mas que são engajadas em atividades socialmente benéficas.
		Dees (1998)	Empresas sociais são organizações privadas dedicadas à solução de problemas sociais.
Corrente Teórica Europeia	Empresa Social	Galera e Borzaga (2012)	Empresas sociais são organizações que executam atividades comerciais com o objetivo de arrecadar fundos para financiar uma atividade social.
		Defourny e Nyssens (2010)	Empresa social é qualquer negócio ou estratégia de renda auferida por uma organização sem fins lucrativos para gerar receita em apoio à sua missão de caridade.
Corrente Teórica dos Países em Desenvolvimento	Negócio Social	Yunus, Moingeon, Lehmann-Ortega (2010)	Negócios sociais aproximam-se de negócios tradicionais em aspectos como produtos, serviços, clientes e receitas, porém diferem no seu propósito principal que é servir à sociedade e melhorar as condições de vida de populações de baixa renda. Também se distingue de organizações não governamentais por buscar a auto sustentação de suas operações por meio da venda de produtos e serviços ao invés de doações ou outras formas de captação de recursos.
	Negócio Inclusivo	Prahalad e Hart (2008)	Negócios inclusivos colocam grande ênfase na inclusão social por meio do consumo, ou seja, grandes corporações têm o desafio de vender para as populações mais pobres e ajudá-las a melhorar suas vidas por meio da produção e distribuição de produtos e serviços de maneira sensível à sua cultura, ambientalmente sustentável e economicamente rentável.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Apesar dos diferentes conceitos apresentados no quadro 1, observa-se que a noção de sociedade e as possibilidades de diferentes caminhos que o empreendedorismo social pode trilhar para atender seus objetivos (IZUKA, 2014) são aspectos comuns nas definições nesse campo de pesquisa.

Pesquisas recentes afirmam que devido a heterogeneidade nos fenômenos e abordagens, o empreendedorismo social ainda não apresenta um conceito universal sobre o tema (CARMONA, 2018; MACKE, 2018; SAEBI; FOSS; LINDER, 2019). Além disso, elas ressaltam a necessidade dos empreendimentos sociais em formarem redes de apoio e parcerias (MACHADO et al., 2019) e, ainda, de incentivarem o acesso à educação (SOUSA; CASTRO NETO, 2019), pois esses aspectos são capazes de incrementar o desenvolvimento socioambiental, tornar a sociedade inclusiva e ampliar as oportunidades de valorização do indivíduo (ALVES; PESSÔA, 2019).

Entretanto, a falta de clareza da definição de empreendedorismo social gera críticas e atrasa os possíveis avanços acadêmicos dessa área de pesquisa (SAEBI; FOSS; LINDER, 2019). Esse empasse na construção teórica do empreendedorismo social se dá pelo foco em pesquisas que mostram a utilidade do empreendimento ao invés de enfatizar pesquisas que façam análises em diferentes perspectivas do negócio (MACKE, 2018).

Contudo, o empreendedorismo social pode ser uma forma de instigar atitudes sociais, ou seja, ele fomenta a cooperação, estimula a empatia e desperta o senso de compromisso para com o outro (MACKE, 2018). Ademais, são muitos os desafios sociais e os empreendedores sociais são essenciais para enfrentar esses desafios, tendo em vista que o poder público não consegue sanar as demandas sociais da sociedade (SASSMANNSHAUSEN; VOLKMANN, 2018).

Cada empreendimento social pode ter um propósito diferente, ou seja, uns podem ser voltados a minimizar a exclusão social (PRAHALAD; HART, 2008), outros podem tratar do combate à pobreza (YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA, 2010) e há aqueles que dão oportunidade das mulheres serem gestoras sociais (NISHIMURA; ALPERSTEDT; FEUERSHÜTTE; 2012). Nesse sentido, o próximo subcapítulo analisa o tema do empreendedorismo social feminino – tema central desta pesquisa – a fim de compreender a gestão dos empreendimentos sociais sob o olhar das mulheres.

1.4 Empreendedorismo Social Feminino

A figura do indivíduo empreendedor social está associada àquele que inova, realiza

uma mudança social, identifica uma oportunidade e reúne recursos para atender a uma necessidade social não suprida pelo Estado (THOMPSON, 2002). Apesar de historicamente as mulheres terem maior participação em ações de voluntariado, nem todas estão dispostas a não ter remuneração (THEMUDO, 2009). Sendo assim, gera-se uma oportunidade para que elas sejam empreendedoras sociais, já que esse tipo de negócio ~~–e~~ombina a preocupação social com a geração de recursos financeiros para a autossustentação" (CRUZ, 2012, p. 15).

Por isso, percebe-se que a participação feminina na criação de empreendimentos sociais tem aumentado de maneira acentuada (NISHIMURA; ALPERSTEDT; FEUERSHÜTTE; 2012). Isso está acontecendo devido ao fato de as mulheres buscarem novas oportunidades de trabalho em ambientes com menos competição, além de almejar a qualidade de vida como resultado a ser alcançado (CALAS; SMIRCICH; BOURNE, 2009). Além disso, o perfil da empreendedora social está direcionado a preocupação em cuidar do próximo, ao desejo de realizar uma mudança social e ao interesse pela causa do empreendimento (NISHIMURA; ALPERSTEDT; FEUERSHÜTTE; 2012).

O estudos de Humbert (2012) reuniu, através de um grupo focal, influenciadoras políticas, empreendedoras sociais e acadêmicas para refletir as questões do masculino e feminino no universo do empreendedorismo social, a fim de destacar a importância da compreensão da singularidade dos empreendimentos sociais para que se entenda o negócio como um todo. Nessa pesquisa, a autora enfatiza que ao tentar definir um conceito universal sobre o empreendedorismo social, a individualidade do empreendimento e a diversidade do contexto social, cultural, ambiental e econômico dos empreendimentos sociais podem não ser compreendidos na sua totalidade. Além disso, Humbert (2012) conclui seu estudo dizendo que não se devem utilizar modelos comparativos para análise dos empreendimentos sociais, pois assim infere-se que há um tipo melhor ou pior de negócio. Por isso, para investigar a mulher como gestora dos empreendimentos sociais, devem-se criar novos modelos ou adaptá-los levando em consideração os fatores sociais e o contexto feminino (HUMBERT, 2012).

Outro estudo que traz como objeto a mulher empreendedora social é o artigo *"Women as vectors of social entrepreneurship",* no qual Kimbu e Ngoasong (2016) versam sobre o papel das mulheres – proprietárias de pequenas empresas de turismo – como empreendedoras sociais no país de Camarões. Nessa pesquisa foram selecionados seis casos para análise e observou-se que, apesar das diferentes tipologias dos empreendimentos, as mulheres (I) viram uma oportunidade de utilizar recursos locais para criar seu negócio, (II) auxiliam no crescimento e desenvolvimento de pessoas pobres e desprivilegiadas da região e (III) precisam superar barreiras sociais e econômicas para alcançar seus objetivos.

Além dos estudos citados acima, algumas produções científicas têm como tema central conhecer as motivações das mulheres em s tornarem empreendedoras sociais (SILVA VAZ; TEIXEIRA; OLAVE, 2015; HUMBERT; ROMMI, 2018; YEE et al. 2019). Dentro dessa temática, destaca-se o estudo realizado por Yee et al. (2019) na cidade de Lundu, na Malásia, o qual identificou que as mulheres daquela região buscam (I) independência financeira, (II) oportunidade de ajudar a comunidade e (III) reconhecimento e valorização pessoal como principais motivações para serem empreendedoras sociais. Os mesmos autores complementam argumentando que o apoio dos órgãos públicos aos empreendimentos sociais pode melhorar a vida econômica e social das comunidades. Além disso, o esforço feminino em gerenciar um empreendimento social é recompensado ao enxergar os benefícios do empreendimento na comunidade (YEE et al. 2019)

Entretanto, segundo Richardson, Kaminski e Woodman (2017), uma pesquisa da *Thomson Reuters Foundation* mostrou que o Brasil (comparado com 44 países) é o pior país para uma mulher se tornar uma empreendedora social. Segundo esses autores, esse quadro reflete a realidade da desigualdade socioeconômica no país. Em vista de incentivar a criação de novos negócios, os empreendimentos sociais devem ser vistos como um complemento às abordagens de empoderamento feminino e não como uma alternativa única das atividades ligadas aos programas de empoderamento (RICHARDSON; KAMINSKI; WOODMAN, 2017).

De modo geral, a participação feminina como gestora e proprietária de seus negócios vem crescendo notavelmente e influenciando o desenvolvimento econômico dos países (GEM, 2016). Nesse sentido, dados mundiais da *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) (2017, p. 6) relatam que:

> Em 2016, estima-se que 163 milhões de mulheres estavam iniciando ou administrando novos negócios em 74 economias em todo o mundo. Além disso, estima-se que 111 milhões estavam administrando empresas estabelecidas. Isso não apenas mostra o impacto das mulheres empresárias em todo o mundo, mas destaca suas contribuições para o crescimento e o bem-estar de suas sociedades. As mulheres empresárias fornecem renda para suas famílias, emprego para suas comunidades e produtos e serviços que agregam novo valor ao mundo ao seu redor.

Seguindo a visão universal, pode-se dizer que a disparidade de gênero no empreendedorismo ainda persiste, mas em regiões como a Ásia (Indonésia, Filipinas e Vietnã) e a América Latina (México e Brasil), as mulheres apresentam níveis iguais ou superiores aos dos homens quanto à gestão de seus negócios (GEM, 2017). Com relação ao perfil das empreendedoras brasileiras, elas são jovens de 25 a 34 anos, sendo que apenas 6% delas têm nível superior de ensino (GEM, 2017).

Conforme a pesquisa apresentada pelo GEM (2016), no Brasil, a maior parte dos empreendimentos iniciais (até 42 meses) são liderados por mulheres (51,5%), ao passo que elas não conseguem manter essa posição de destaque (42,7%) no que se refere aos empreendimentos estabelecidos (mais de 42 meses). Segundo o relatório do GEM (2016, p. 36), a dificuldade da mulher em manter o seu empreendimento se dá por vários fatores:

> Tal fenômeno pode estar associado às condições relatadas pelas empreendedoras brasileiras como: preconceito de gênero; menor credibilidade pelo fato de o mundo dos negócios ser mais tradicionalmente associado a homens; maior dificuldade de financiamento; e dificuldade para conciliar demandas da família e do empreendimento.

No universo feminino é comum se falar em multiplicidade de papéis, pois é característica das mulheres pensar e realizar diversas coisas ao mesmo tempo (JONATHAN, 2005). Enquanto os homens optam por criar seus próprios negócios com o objetivo de ter mais autonomia e se realizar profissionalmente (MACHADO, 2003), as mulheres, em virtude do perfil multifacetado, apresentam – além das razões masculinas – diferentes motivações, tais como: dificuldade de ascensão e frustração profissional (BENNETT; DANN, 2000), possibilidade de conciliação da jornada de trabalho com as tarefas familiares (MALLON; COHEN, 2001) e o desejo de elevar a autoestima (COLLERETTE; AUBRY, 1990).

Segundo Machado (2001), o aumento da renda raramente é sinalizado como o principal motivo da iniciativa feminina para a abertura de um negócio próprio. Isso salienta a importância dada aos fatores psicológicos e sociais e instiga a mulher a ser uma empreendedora social.

A partir das buscas realizadas por artigos científicos sobre empreendedorismo social feminino, sentiu-se a necessidade de realizar um estudo bibliométrico que indicasse qual é o panorama atual da produção científica sobre o empreendedorismo social feminino. Dessa forma, em fevereiro de 2020 foi realizada uma bibliometria sobre empreendedorismo social feminino, na qual não foi estipulada uma limitação no período de publicação, a fim de captar todas as produções científicas existentes até fevereiro de 2020. Esse estudo teve o objetivo de realizar um mapeamento da produção científica nacional e internacional sobre o tema, utilizando as bases de dados internacionais *Scopus*, *Science Dierect* e *Web of Science*, além das bases nacionais *Scielo* e *Spell*.

O estudo bibliométrico se propôs a identificar aspectos a respeito da temática ~~"e~~empreendedorismo social feminino", como: a evolução da quantidade de publicações, os países que mais publicam sobre a temática, os autores que mais se destacam em número de publicações e os autores que mais são citados nos trabalhos científicos. Sendo assim, a coleta

dos dados foi feita através de buscas por produções científicas internacionais e nacionais sobre o tema empreendedorismo social feminino. Essas informações foram coletadas nas bases de dados supracitadas em fevereiro de 2020, utilizando como critério para a busca os termos: *women social entrepreneurship*, *female social entrepreneurship*, *women social entrepreneurs* e *empreendedorismo social feminino*. A busca foi efetuada no título, palavra-chave ou resumo, sendo que se justifica a utilização da terminologia em inglês pelo fato da língua ser predominante nas produções científicas internacionais.

A coleta documental e de busca foram feitas manualmente dentro dos parâmetros estabelecidos previamente. Durante a realização das buscas, foram utilizados filtros limitando o tipo de documento, a área analisada e a fonte a serem relevantes a este estudo. Utilizaram-se os seguintes filtros: (1) área de pesquisa em "*Business, Management and Accounting*" ou "*Business*" ou "Ciências Sociais Aplicadas" ou "Administração", (2) tipos documentos com limitação apenas dos artigos, (3) todos os países foram selecionados, (4) o tipo de fonte limitou-se a "*Journals*" e (5) não houve limitação de período de publicação.

A partir das buscas realizadas conforme a metodologia supracitada foram encontrados 22 artigos sobre empreendedorismo social feminino, conforme apresentado no Quadro 2:

Quadro 2: Panorama da produção científica do empreendedorismo social feminino

Título	Autores (as)	Fonte	Base
Prácticas de responsabilidad social en mujeres empresarias profesionales de Bogotá, Medellín y Cali	Riaga; Orozco (2009)	Revista Facultad de Ciencias Económicas: Investigación y Reflexión, Jun., 2009, 17(1), pp. 217 - 232	Scielo
Business and social entrepreneurs in the UK: Gender, context and commitment	Ashe; Treanor; Levie; Hart (2011)	International Journal of Gender and Entrepreneurship 3(3), pp. 200-217	Scopus
Gênero, imersão e empreendedorismo: sexo frágil, laços fortes?	Vale; Serafim; Teodósio (2011)	Revista de Administração Contemporânea, Ago., 2011, 15 (4), pp. 631 - 649	Scielo
Factores que componen la competitividad de las empresas creadas por mujeres y las relaciones entre ellos	Barbosa; Sandoval (2011)	Cuadernos de Administración, Jun., 2011, 24 (42), pp. 165 - 181	Scielo
La creación de redes de cooperación entre empresarias rurales a través de las TIC: el caso de la plataforma ARTEMUR (España)	Sánchez; Muiña (2011)	Sociedad y Economía, Dez., 2011, 21, pp.149 - 168	Scielo

La construcción de la categoría de emprendimiento femenino	Moreno (2013)	Revista Facultad de Ciencias Económicas: Investigación y Reflexión, Dez., 2013, 21(2), pp. 53 - 66	Scielo
Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino	Ferreira; Nogueira (2013)	Revista de Administração Contemporânea, Ago., 2013, 17(4), pp. 398 - 417	Scielo
Empreendedorismo Social Feminino e Motivações para Criar Organizações Sociais: Estudo de Casos Múltiplos em Sergipe	Da Silva Vaz; Teixeira; Olave (2015)	Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, Set.-Dez., 2015, 4(3), pp. 37-61	Spell
Women as vectors of social entrepreneurship	Kimbu; Ngoasong (2016)	Annals of Tourism Research 60, pp. 63-79	Scopus, Science Direct, Web of Science
Women empowerment through social innovation in indigenous social enterprises	Maguirre; Ruelas; Torre (2016)	RAM. Revista de Administração Mackenzie, Dez., 2016, 17(6), pp. 164 - 190	Scielo
Networks and the idea-fruition process of female social entrepreneurs in South Africa	Halberstadt; Spiegler (2018)	Social Enterprise Journal 14(4), pp. 429-449	Scopus, Web of Science
Entrepreneurship and innovation within territories: The case of women social entrepreneurs in neighborhoods	Notais; Tixier (2018)	Innovations 57(3), pp. 11-37	Scopus
Prone to ~~–e~~are"?: Relating motivations to economic and social performance among women social entrepreneurs in Europe	Humbert; Rommi (2018)	Social Enterprise Journal 14(3), pp. 312-327	Scopus, Web of Science
Innovativeness and sustainable innovations in social businesses in Lithuania: Experiences of women social entrepreneurs	Novelskaite; Pučetaite; Pušinaite-Gelgote (2018)	Informacijos Mokslai 80, pp. 81-89	Scopus
Gender dimension in social business: The experiences of Lithuanian women social entrepreneurs	Novelskaite; Pučetaite; Pušinaite-Gelgote (2018)	Informacijos Mokslai 80, pp. 136-146	Scopus
Female social entrepreneur movement in Indonesia	Anggahegari; Yudoko; Rudito (2018)	Journal of Legal, Ethical and Regulatory Issues 22(Specialissue)	Scopus

Positively deviant: Identity work through B Corporation certification	Grimes; Gehmanl; Cao (2018)	Journal of Business Venturing, Mar., 33, Issue 2	Science Direct
Black entrepreneurship and ethnic beauty salons: possibilities forresistance in the social (re)construction of black identity	Rezende; Mafra; Pereira (2018)	Organizações & Sociedade, Dez., 2018, 25 (87), pp. 589 - 609	Scielo
A look at women's transition from formal labor to self-employment based on endogenous stimuli	Ferreira; Bastos; D'angelo (2018)	RAM. Revista de Administração Mackenzie, Abr., 2018, 19(2).	Scielo
Sobrevivência de Empresas Nascentes: Influência do Capital Humano, Social, Práticas Gerenciais e Gênero	Bertolami; Artes; Gonçalves; Hashimoto; Lazzarini (2018)	Revista de Administração Contemporânea, Jun., 2018, 22(3), pp. 311 - 335	Scielo
Motivational factors of women to become social entrepreneurs in Lundu district, Sarawak	Yee; Johari; Emang; Thoo; Muhammad; Hasan (2019)	International Journal of Recent Technology and Engineering 7(5), pp. 75-81	Scopus
Enablers and Constraints of Female Entrepreneurship in Khyber Pukhtunkhawa, Pakistan: Institutional and Feminist Perspectives	Yunis; Hashim; Anderson (2019)	Sustainability, 11(1), pp. 27	Web f Science

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

De acordo com o quadro 2, observa-se que as pesquisas têm sido desenvolvidas a fim de discorrer sobre a gestão do empreendimento social (tipos de negócios, método de trabalho, obstáculos e facilitadores) e sobre as pessoas envolvidas no negócio (estímulos, colaborações, saberes e aptidões).

Fazendo um panorama geral da evolução histórica das publicações sobre o empreendedorismo social feminino, percebe-se que o tema sobre empreendedorismo social feminino iniciou a ser discutido – nas bases de dados pesquisadas – no ano de 2009 e que durante 4 anos não obtiveram publicações. Entretanto, o ano de 2018 foi o ápice de artigos publicados (14) em revistas de alto impacto. Isso mostra como esse tema é emergente na academia e que a há carência de estudos de gênero no empreendedorismo social (HUMBERT, 2012).

Com relação aos países mais produtivos, a tabulação dos dados demonstrou que o país mais produtivo do mundo é o Brasil, com 6 artigos. Verificou-se também que a Colômbia e o Reino Unido realizaram 3 publicações, enquanto a Lituânia realizou 2 estudos e os demais (Alemanha, Arábia, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, Indonésia, Malásia, México e Suíça)

publicaram 1 artigo. Cabe ressaltar que dos 14 países que tiveram alguma produção científica, 6 são europeus, 3 são asiáticos, 3 são da América Latina e 1 é da América do Norte e do Reino Unido, mostrando que na Europa o interesse pelo tema é superior aos demais continentes.

No que diz respeito aos autores com maior número de publicações sobre o tema empreendedorismo social feminino, observou-se que as três pesquisadoras que se destacaram tiveram 2 artigos publicados, estão localizadas na Lituânia e abordam diferentes linhas de pesquisa individualmente, mas se complementam ao tratar do tema sobre empreendedorismo social. A pesquisadora Aurelija Novelskaitė, filiada ao Centro Lituano de Pesquisa Social, realiza estudos sobre gênero e sobre as questões que versam sobre igualdade de gênero. Já a pesquisadora Raminta Pučetaite, filiada a Universidade de Vilnius, trabalha com temas que discutem a ética organizacional e seus efeitos a partir de diferentes contextos socioculturais. Enquanto a pesquisadora Rasa Pušinaitė-Gelgotė, filiada a Universidade de Vilnius, tem experiência nas áreas de desenvolvimento sustentável, economia ambiental, inovação sustentável e empresas sociais.

Pode-se inferir que os estudos sobre empreendedorismo social feminino conseguem tramitar por diferentes focos e linhas de pesquisa, o que contribui com o crescimento sobre a discussão do tema, mas também pode dificultar o fortalecimento da terminologia do empreendimento social feminino. Nesse sentido, estudos têm sido desenvolvidos a fim de discutir o funcionamento do empreendimento social gerenciado por mulheres, ou seja, o modelo, as estratégias, as barreiras e os facilitadores do negócio (FOY CONNOR; BENT-GOODLEY, 2016; NICOLÁS; RUBIO, 2016; ANGGAHEGARI; YUDOKO; RUDITO, 2018; YUNIS; HASHIM; ANDERSON; 2018; NOTAIS; TIXIER, 2019). Além disso, outras pesquisas abordam os sujeitos – agentes e atores – envolvidos no negócio no que tange suas motivações, contribuições, percepções, capacitação e competências (LOMAZINI; VICENTE; SANTOS, 2014; SILVA VAZ; TEIXEIRA; OLAVE, 2015; KIMBU; NGOASONG, 2016; MAGUIRRE; RUELAS; TORRE, 2016; HALBERSTADT; SPIEGLER, 2018; ESTIVALETE; ANDRADE; COSTA, 2018).

Quanto aos autores mais citados, ou seja, os autores que mais foram utilizados como referência nos artigos encontrados, verificou-se que a acadêmica Cândida Bush teve o maior número de citações (16). Cabe ressaltar que seu foco de pesquisa é o empreendedorismo e as questões da mulher empreendedora. Assim como a primeira colocada, Friederike Welter (segunda colocada, com 12 citações) e Shaker A. Zahra (terceiro colocado, com 10 citações) trabalham com o tema empreendedorismo.

Na sequência, os autores Gregory Dees e Johanna Mair tiveram 9 citações, Sara Carter teve 8 citações e Jacques Defourny, William Gartner, Mark Granovetter e Raminta Puceteite tiveram 7 citações. Ressalta-se que apesar desses estudiosos serem citados nos artigos sobre empreendedorismo social feminino, a maioria não aparece como autores de artigos sobre tal temática. Somente a pesquisadora Raminta Pučetaite foi utilizada como referência e também elaborou artigos sobre o empreendedorismo social feminino. Isso mostra que esse tema ainda aborda o empreendedorismo nato como pano de fundo para as discussões socioculturais em que o empreendedorismo social feminino se guia.

Por fim, o estudo bibliométrico apresentado acima permitiu concluir que o assunto abordado é contemporâneo devido ao número reduzido de artigos encontrados na pesquisa. Observou-se, também, que o tema sobre empreendedorismo social feminino está mais visível na mídia do que na academia, a qual tem o papel de acompanhar a evolução dessas iniciativas para analisar de forma crítica e construtiva os resultados desses negócios.

A partir da construção teórica apresentada até o presente momento, entende-se que o empreendedorismo social feminino pode auxiliar as mulheres a se realizarem pessoal e profissionalmente (CRUZ, 2012; CALAS; SMIRCICH; BOURNE, 2009), além de fazer com que elas se sintam valorizadas (ESTIVALETE; ANDRADE; COSTA, 2018; COLLERETTE; AUBRY, 1990) e melhorem as condições sociais e econômicas da comunidade onde estão inseridas (YEE et al., 2019). Entretanto, fatores do ambiente institucional, ou seja, estímulos governamentais, a concorrência no setor e as políticas públicas, e fatores do ambiente social, como o apoio de organizações e instituições com educação e financiamento (JIAO, 2011), são fundamentais para dar suporte às empreendedoras sociais (NISHIMURA; ALPERSTEDT; FEUERSHÜTT, 2012; SILVA VAZ; TEIXEIRA; OLAVE, 2015).

Para fazer a análise do empreendimento social feminino das Redeiras, proposto nesta pesquisa de dissertação de mestrado, foi utilizado como referência o modelo conceitual de Jiao (2011). Este estudo apresenta um modelo teórico – revelado na Figura 1 – sobre o empreendedorismo social e contempla de maneira integrada os fatores pessoais, do ambiente social e do ambiente institucional no período que antecede a abertura do empreendimento social e depois dele ter inaugurado.

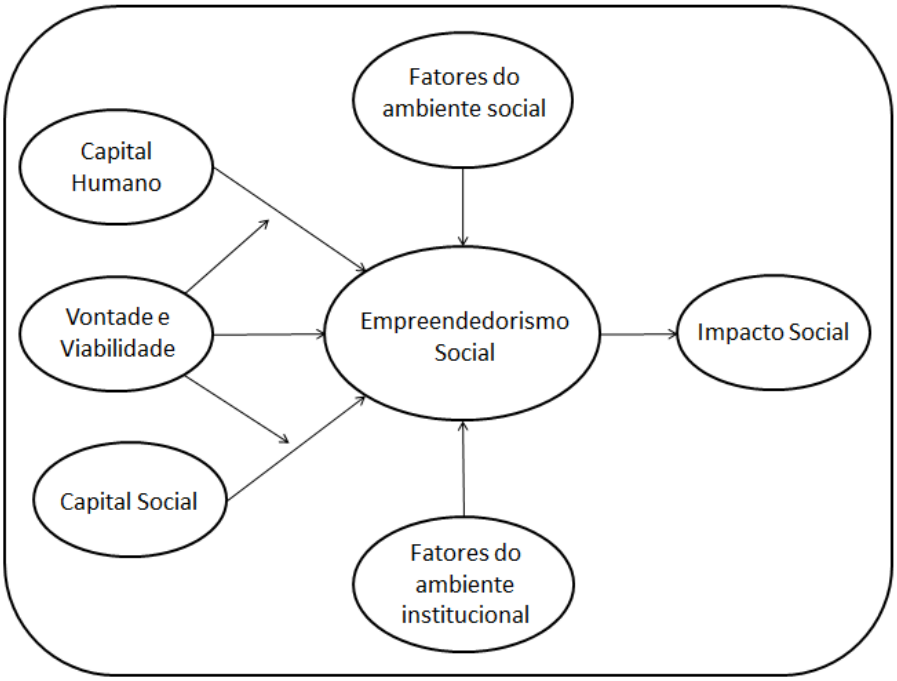


Figura 1: Modelo conceitual de empreendedorismo social
Fonte: Jiao (2011).

Segundo o modelo elaborado por Jiao (2011), os fatores pessoais se referem ao capital humano, vontade e viabilidade, e capital social. Davidsson e Honig (2003) entendem que o capital humano é o conhecimento e a habilidade que os indivíduos adquirem através de educação formal, experiência e aprendizado prático, e educação não formal ao longo do tempo. A vontade e a viabilidade dizem respeito ao nível de desejo e da capacidade do empreendedor social em abrir um empreendimento social (JIAO, 2011). Por fim, sobre capital social, Adler e Kwon (2002) discorrem que ele é constituído a partir dos arranjos das relações sociais e que ele pode ser um facilitador das ações empreendedoras.

Quanto aos fatores do ambiente social, Jiao (2011) revela que faz parte desse fator o apoio de terceiros, o estímulo ao desenvolvimento de habilidades empreendedoras, a facilitação a recursos financeiros e o acompanhamento e avaliação dos empreendimentos sociais. Já os fatores do ambiente institucional se referem à ajuda do governo quanto às políticas públicas e a concorrência no setor.

O modelo elaborado por Jiao (2011) aponta que os empreendimentos sociais têm como objetivo a criação de valor social, sendo que tais empreendimentos almejam como resultado o impacto social na comunidade. Esse modelo, exibido na Figura 1, é o adotado como base no presente estudo. Entretanto, por apresentar diferentes aspectos empíricos e por razões de heterogeneidade, tempo e contexto, foram necessárias algumas adaptações a esse modelo – ilustradas na Figura 2 – para realizar a análise do empreendimento social feminino das Redeiras.

2 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Neste capítulo serão apresentadas as escolhas metodológicas e os procedimentos utilizados para que a questão de pesquisa e os objetivos propostos fossem atingidos. Desse modo, o método proposto, a técnica de coleta de dados e de análise de dados serão detalhados, conforme a seguir.

2.1 Método Proposto

O presente trabalho possui abordagem qualitativa, pois, segundo Godoy (1995), essa perspectiva compreende de maneira mais eficaz o fenômeno no seu contexto, verificando de forma integrada os dados fornecidos. Além disso, ela possibilita profundidade às informações, flexibilidade, valorização interpretativa, contextualização do ambiente ou entorno, particularidades e vivências únicas (SAMPIERI et al., 2013). Esta pesquisa optou pela abordagem qualitativa para esclarecer as inquietações porpostas, pois existem lacunas nos estudos sobre empreendimentos sociais, visto que eles se encontram em diferentes contextos e têm uma capacidade de explicação restrita (COMINI, 2016).

Este trabalho se caracterizou como uma pesquisa descritiva-exploratória, pois, de acordo com Gil (2008, p. 28), a pesquisa descritiva visa ~~a~~ descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis". Já a pesquisa exploratória, como explicam Settliz et al. (1974, p.59), ~~re~~fere-se à descoberta de ideias e intuições", o que oportuniza incorporar olhares objetivos e subjetivos ao estudo. Esses dois tipos de pesquisa (descritiva e exploratória) são os mais habituais para aqueles pesquisadores que são preocupados com a característica prática dos estudos (GIL, 2008).

Esta pesquisa escolheu como estratégia o estudo de caso único, o qual permite um olhar aprofundado, amplo e detalhado de um objeto de estudo (GIL, 2008). Nesse sentido, Yin (2001, p. 32) complementa dizendo que ~~o~~ estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos". Complementando os dizeres de Gil (2008) e Yin (2001), Eisenhardt (1989, p. 534) afirma que ~~o~~ estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que se concentra em compreender as dinâmicas presentes dentro de ambientes de configuração única" e tem sido usado em praticamente todas as áreas do campo da Administração, pois fornece mais poder de explicação (GIL; LICHT; OLIVA, 2005). Isso se alinha com os objetivos desta pesquisa e

busca ampliar o conhecimento sobre o empreendimento social feminino das Redeiras a ponto de identificar características que instigam quetionamentos e discussões sobre o empreendedorismo social feminino.

Yin (2001) propõe que o estudo de caso passe pelo processo de validação e confiabilidade. Nesse sentido, é importante que sejam realizadas: validação do construto; validação interna; validação externa; e confiabilidade. A validação do construto se refere ao estabelecimento das medidas operacionais para os conceitos que estão sendo estudados e ocorre na fase da coleta de dados (YIN, 2001). Nesse sentido, essa validação ocorreu ao se propor as categorias de análise e no momento das entrevistas e análise dos diferentes documentos.

A validação interna ocorre na medida em que podem ser feitas relações causais e é realizada na análise de dados (YIN, 2001). Esse momento foi construído quando padrões de discursos e comportamentos foram reconhecidos, bem como explanações foram realizadas na análise dos dados. A validação externa realizada na fase do planejamento da pesquisa diz respeito ao uso da teoria em estudo de caso e é realizada no planejamento da pesquisa. Essa etapa de validação ocorreu com base nas categorias de análise, descritas posteriormente.

E já a confiabilidade, que é a demonstração de que as operações do estudo podem ser repetidas, são realizadas a partir do protocolo de estudo de caso e do desenvolvimento de um banco de dados do estudo de caso, elaborado a partir da coleta de dados (YIN, 2001). Nesse sentido, esta pesquisa seguiu os seguintes passos: análise minuciosa da teoria envolvida frente à configuração de empreendedorismo social feminino; estabelecimento de questões que pautaram os roteiros semiestruturados; e coleta e análise de documentos secundários sobre o caso das Redeiras. De posse de todos esses elementos, os dados foram triangulados e interpretados a fim de se apresentar uma discussão em profundidade sobre o empreendimento social feminino escolhido e contribuiu para que outros casos possam ser analisados, considerando os passos mencionados anteriormente, bem como as categorias de análise descritas na sequência do presente estudo.

Destaca-se ainda que a unidade de análise, segundo Yin (2001), deve ser definida de acordo com a questão inicial da pesquisa e, por isso, nesta pesquisa a unidade de análise é o empreendimento social feminino das Redeiras. Esse empreendimento é constituído por nove artesãs, as quais a maioria é moradora da Colônia de Pescadores Z3, localizada na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Elas utilizam como matéria-prima os materiais descardados pelos pescadores, como, por exemplo, couro e escamas de peixe e redes de pesca. Com esses materiais elas produzem seu artesanato (bolsas, bijoias, chaveiros, carteiras, chapéus e entre

outras peças) e dão uma solução para problemas ambientais.

Além da percepção das artesãs, este estudo também levou em consideração as percepções dos pareceiros do empreendimento analisado. A escolha dos parceiros de negócio se deu em dois momentos: primeiro foi consultado no site das Redeiras quais eram os parceiros de negócio do grupo e, depois, no momento da entrevista com as Redeiras, foi feita uma pergunta a repeito de quem elas consideravam um parceiro de negócio do grupo. A partir dessas informações foram escolhidos os três parceiros de negócio investigados nesta pesquisa, pois todos eles aparecem no site das Redeiras e foram lembrados por algumas delas no momento da entrevista.

Dessa forma, neste estudo se pretendeu fazer uma análise da configuração do empreendimento social feminino das artesãs Redeiras e não se pretendeu generalizar os resultados, mas as conclusões obtidas podem servir como orientação para a compreensão do tema em questão, o empreendedorismo social feminino.

2.2 Técnicas de coletas de dados

Os estudos qualitativos possuem diversas técnicas de coleta de dados (entrevista, observação, grupos focais, bibliografia, documentação e triangulação de métodos), mas deve-se saber que ~~"a~~ coleta de dados acontece nos ambientes naturais e cotidianos dos participantes ou unidades de análise" (SAMPIERI et al., 2013, p. 417). Neste estudo, recorreu-se a duas técnicas de coleta de dados: as entrevistas semiestruturadas e a análise de documentos.

As entrevistas semiestruturadas ocorreram com as mulheres participantes do grupo Redeiras e também com os demais parceiros de negócio envolvidos com o empreendimento. De acordo com Sampieri et al. (2013), esse tipo de técnica possibilita ao entrevistador a obtenção de um roteiro de temas e questionamentos, entretanto, ele tem a liberdade de elaborar outras perguntas no decorrer da entrevista para conseguir maiores informações sobre os assuntos abordados.

Em abril de 2019, foi feito o primeiro contato com uma das integrantes do grupo Redeiras para apresentar o projeto de pesquisa, verificar a viabilidade do estudo e do acesso ao grupo, além de compreender o interesse do grupo por esta pesquisa. Após esse encontro – que ocorreu de maneira informal em uma cafeteria em Pelotas/RS – foi possível delinar o enquadramento metodológico e empírico da pesquisa, além de direcionar melhor o estudo e as escolhas referentes às técnicas de coleta de dados.

As entrevistas ocorreram entre os meses de julho e agosto de 2020 apartir de um

roteiro semiestrruturado com as nove integrantes do grupo Redeiras e com os três parceiros de negócio do empreendimento. Tendo em vista a situação atual frente a pandemia do Coronavírus, optou-se por conduzir as entrevistas de forma virtual ou via telefone, conforme a preferência, familiaridade e/ou disponibilidade dos entrevistados. Dessa forma, dez entrevistas foram realizadas de maneira virtual por chamada de vídeo pelos aplicativos *Zoom, Whatsapp* ou *GoogleMeeting,* enquanto que duas foram realizadas via telefone residencial convencional. Essas conversas geraram arquivos gravados de 10 horas, 40 minutos e 56 segundos (gravações autorizadas verbalmente no início da entrevista) com o intuito de salvaguardar tudo que foi dito e precaver que nada fosse esquecido durante a análise.

Posteriormente, todas as entrevistas foram transcritas na sua totalidade (80 laudas), o que se acreditou ser um procedimento necessário para auxiliar na análise e compreensão dos dados. Embora a identificação dos entrevistados tenha sido permitida, são será feita a referência, por pedido de anonimato, a quem disse o quê. Além disso, a caracterização das integrantes das Redeiras não foi apresentada, pois senão aconteceria a identificação delas. Por isso, cabe sinalizar que tanto os nomes das integrantes do grupo Redeiras, quanto das empresas parceiras, foram alterados nos relatos apresentados na análise de dados.

Para a identificação das entrevistadas do grupo Redeiras esta pesquisa optou por utilizar nomes de sereias, que simbolizam na mitologia grega mulheres que encantam, cativam, fascinam, mas ao mesmo tempo inquietam àqueles a sua volta por causa dos mistérios que as cercam. Dessa forma, as nove integrantes do grupo Redeiras serão chamadas neste estudo de: Admete (a indomável), Amatheia (Deusa terna), Dione (a divina), Doris (ninfa das abundâncias marinhas), Eudora (líder), Galene (ninfa da calma dos mares), Halia (ninfa das águas salgadas), Metis (sabedoria) e Pleitone (rainha velejante) (FONSECA, 2020). Já para os três parceiros de negócio do grupo Redeiras foram atribuídos os seguintes nomes fictícios: Unindo Talentos, De Mãos Dadas, e Reciclando Amor. Estes nomes foram escolhidos de acordo com a percepção da pesquisadora conforme as histórias de envolvimento dos parceiros de negócio com as Redeiras, relatadas nas entrevistas.

Para melhor fluidez da leitura que segue, cabe esclarecer que a Unindo Talentos é uma associação de direito privado, sem fins lucrativos; a De Mãos Dadas é uma entidade privada sem fins lucrativos, e a Reciclando Amor é uma empresa privada com fins lucrativos.

A elaboração de um instrumento de coleta de dados que elimina as perguntas irrelevantes, que tenha perguntas de fácil compreensão e objetivas e que não dê sugestão de resposta ao entrevistado, gera um ambiente onde o entrevistado se sinta à vontade para se expressar e, ao mesmo tempo, responder as questões de pesquisa (SILVA; FERREIRA,

2012). Como intrumento de coleta de dados foram utilizados dois roteiros semiestruturados: um para a condução das entrevistas com as integrantes do grupo Redeiras (APÊNDICE 1) e outro para guiar as entrevistas com os parceiros de negócio do grupo (APÊNDICE 2).

O roteiro utilizado com as Redeiras foi dividido em quatro partes: a primeira, relacionada ao perfil das participantes; a segunda, sobre o empreendimento das Redeiras; a terceira, sobre o papel da mulher na comunidade pesqueira; e a quarta, sobre a Colônia de Pescadores Z3. Já o roteiro utilizado com os parceiros de negócio do grupo Redeiras não foi dividido em temas, pois o interesse da investigação estava na história, relação e percepção dos parceiros de negócio para com as Redeiras. Dessa forma, os roteiros serviram para que os objetivos específicos da pesquisa fossem alcançados e para captar as percepções dos participantes da pesquisa.

A outra técnica de coleta de dados utilizada foi a análise de documentos do empreendimento das Redeiras, a fim de conhecer o negócio desde o seu principio e como um todo. Para Sampieri et al. (2013, p. 440), os documentos "[...] podem ajudar a entender o fenômeno central do estudo". Além do mais, o pesquisador tem a oportunidade de conhecer as rotinas, o ambiente e as experiências do objeto de estudo.

Esta técnica foi feita em duas etapas. A primeira corresponde a busca por documentos midiáticos (Quadro 3), ou seja, documentos que foram retirados de uma vasta e detalhada busca na internet.

Quadro 3: Documentos midiáticos sobre as Redeiras

Fonte	Documento	Ano	Objetivo do Documento	Utilização na Pesquisa
Blog Dia de Salto Alto	Redeiras	2010	Apresentação dos produtos	Conhecer o trabalho realizado
Revista Eletrônica Guia da Pesca	Artesãs do Sul transforma redes de camarão e derivados de petróleo em objetos femininos	2010	Apresentação do grupo, dos produtos e da Colônia de Pescadores Z3	Contextualização dos sujeitos, atores, produtos e ambiente social
Revista Eletrônica Globo Rural	Redes de pesca usadas viram peças artesanais	2011	Apresentação do grupo, dos produtos e de alguns resultados financeiros	Contextualização dos sujeitos, produtos e empreendimento
Site administradores.com	Artesãs do RS abrem loja virtual para comercializar produtos reciclados	2012	Discorre sobre e-commerce e sobre os produtos	Compreender aspectos comerciais e de produto
Revista Eletrônica Epoch Times	Artesã usa resíduos de pesca como matéria prima para sua arte	2012	Apresentação do grupo e dos produtos	Contextualização dos sujeitos e produtos
Lume Repositório Digital UFRGS	O artesanato, suas estratégias de comercialização e constituição enquanto produto turístico da agricultura familiar em Pelotas, Pedras Altas e Jaguarão – RS os casos do Ladrilã e das Redeiras	2012	Produção científica	Referência bibliográfica
Blog Grazy Pacheco	As redeiras da Colônia Z3	2013	Apresentação do grupo e dos produtos	Contextualização dos sujeitos e produtos
Strategic Design Research Journal	Tu me ensina a fazer renda que te ensino a projetar: o papel do designer em processos colaborativos para inovação	2014	Produção científica	Referência bibliográfica
Livro	Redes em Invenção	2015	Revelar a história das artesãs Redeiras	Contextualização dos sujeitos
Jornal do Laranjal	Artesanato da Colônia Z3	2015	Apresentação do grupo, dos produtos, dos projetos futuros e da comercialização dos artesanatos	Contextualização dos sujeitos, produtos e empreendimento

Blog Um olhar mais atento para a Lagoa dos Patos	Mulheres Redeiras	2015	Apresentação do grupo e dos produtos	Contextualização dos sujeitos e produtos
Revista IDeAS	O artesanato rural na dinâmica do desenvolvimento local–entre a preservação e a comercialização	2015	Produção científica	Referência bibliográfica
Lume Reposiório Digital UFRGS	Perfil e processo criativo de autores de joias em Porto Alegre	2015	Produção científica	Referência bibliográfica
Repositório Jesuíta	Design estratégico e artesanato estudo da organização Histórias na Garagem	2015	Produção científica	Referência bibliográfica
Repositório Jesuíta	Design estratégico e comunidades artesanais: codesign para transformação social	2015	Produção científica	Referência bibliográfica
Revista Estudios y Perspectivas en Turismo	El souvenir artesanal y la promoción de la imagen del lugar turístico	2015	Produção científica	Referência bibliográfica
Catálago	Artesanato Brasil	2016	Mostrar o trabalho de artesãos(ãs) brasileiros(as)	Conhecer o trabalho realizado
Site Aqui me quedo: Buenos Aires	Tri bom: reciclado, gaúcho e lindão	2016	Apresentação do grupo e dos produtos	Contextualização dos sujeitos e produtos
Repositório UFSM	Território feito à mão: artesanato e identidade territorial no Rio Grande do Sul	2016	Produção científica	Referência bibliográfica
Revista Habitus	Brabas mulheres': discutindo gênero através da ecpografia	2016	Produção científica	Referência bibliográfica
TV Supernovasmulheres	Vídeo	2017	Apresentação dos produtos	Conhecer o trabalho realizado
XXI EBRAPEM: Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática	Os saberes matemáticos de artesãs Redeiras da Colônia de Pescadores Z3 de Pelotas-RS	2017	Produção científica	Referência bibliográfica

E-cult: mídia ativa	Lagoa dos Patos, a bolsa feita de rede	2018	Apresentação do grupo e dos produtos	Contextualização dos sujeitos e produtos
Revista	Pelotas imaterial: saberes, fazeres e ofício	2018	Contar a história e trajetória das artesãs Redeiras	Contextualização dos sujeitos
Programa de TV Negócios da Terra	Vídeo	2018	Apresentação do grupo e dos produtos	Contextualização dos sujeitos e produtos
Revista Eletrônica PUC RS	Cai na rede é bolsa	2018	Discorre sobre os produtos, as parcerias e a mudança no estilo de vida	Conhecer o trabalho realizado, a relação com ambiente institucional e as percepções dos sujeitos
Site Prefeitura de Pelotas	Palestra ressalta a importância das artesãs redeiras	2018	Fala sobre a importância do artesanato para a cidade de Pelotas e como ele é feito	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Repositório UFPEL	Os jogos de linguagem matemáticos de artesãs redeiras da Colônia de Pescadores Z3 de PelotasRS	2018	Produção científica	Referência bibliográfica
Blog Empreender e Vender	Entrevista	2019	Apresentação do grupo e dos produtos	Contextualização dos sujeitos e produtos
Blog Bemglo	Artesãs Redeiras	2019	Apresentação do grupo e dos produtos	Contextualização dos sujeitos e produtos
Site Artesol - Artesanato Brasileiro	Associação de Artesãs Redeiras do Extremo Sul	-	Apresentação do grupo, dos produtos, da Colônia de Pescadores Z3 e da comercialização dos produtos	Contextualização dos sujeitos, atores, produtos e ambiente social
Revista Eletrônica Pequenas Empresas & Grandes Negócios	Artesãs gaúchas exportam produtos para França	-	Discorre sobre o trabalho realizado e de que maneira conseguiram a oportunidade de exportar	Conhecer o trabalho realizado e a relação com o mercado
Catálogo Virtual	Artiz	-	Apresentação dos produtos	Conhecer o trabalho realizado

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A segunda etapa diz respeito aos documentos que fazem parte do acervo do grupo Redeiras (Quadro 4). Em uma tarde de agosto de 2020, uma das Redeiras recebeu a pesquisadora em sua residência para mostrar os documentos que ela catalogou ao longo dos 11 anos do grupo. Esses documentos ajudaram a caracterizá-las e a perceber a visibilidade delas e do seu trabalho. Foram acessadas reportagens de jornais e revistas, catálogos, certificados, atas de assembleias, estatutos, regulamentos internos e fotos do aquivo pessoal do grupo. O registro dos documentos para fins desta pesquisa foram previamente autorizados (APÊNDICE 3) pela integrante do grupo Redeiras.

Quadro 4: Documentos do acervo do grupo Redeiras

Fonte	Documento	Ano	Abrangência	Objetivo do Documento	Utilização na Pesquisa
Jornal O Pescador	Venha pescar arte	2010	Local (Pelotas)	Divulga o trabalho realizado e fala sobre as participações em eventos	Conhecer e perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal Diário Popular	Artesanato é sucesso de vendas	2010	Regional (Pelotas e Região Sul)	Relata a participação na 18ª edição do Paralela Gift, do resultado financeiro e o alcance de novos clientes.	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal Diário Popular	Artesanato traz técnica do Sebrae	2010	Regional (Pelotas e Região Sul)	Divulga o projeto Artesanato do Mar de Dentro e fala sobre um dos parceiros de negócio.	Conhecer o projeto que o grupo fez parte e os parceiros de negócio
Jornal Diário Popular	Do sabor açucarado para a multiplicidade temática	2010	Regional (Pelotas e Região Sul)	Poema que menciona o grupo e seu trabalho	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal Diário Popular	De redes velhas, a arte	2010	Regional (Pelotas e Região Sul)	Fala sobre o trabalho realizado e o cuidado com o meio ambiente, sobre a participação em eventos, a conquista do Prêmio Objeto Brasileiro e divulga pontos de venda.	Conhecer e perceber a visibilidade do trabalho realizado

Jornal Diário Popular	Das redes, a marca da Z3 para o Brasil	2011	Regional (Pelotas e Região Sul)	Fala sobre o trabalho realizado, as conquistas de mercado, os resultados financeiros, o apoio das parcerias e o reconhecimento de estilistas e revistas de moda.	Conhecer e perceber a visibilidade do trabalho realizado
Catálago de Tendências Glória Kalil	Foto do chapéu confeccionado pelas Redeiras	2011	Nacional	Mostrar o trabalho das artesãs	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Site Case Vogue	Redes de pesca viram mantas com bossa	2011	Nacional	Relata o trabalho realizado e a parceria com decoradores	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Revista Tempo de Agir	Sustentabilidade: uma oportunidade para novos negócios	2011	Nacional	Fala sobre o trabalho realizado dando ênfase a preservação do meio ambiente, as conquistas de mercado, os resultados financeiros, o apoio das parcerias e a participação de eventos.	Conhecer e perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal Diário Popular	Mar de Dentro na Paralela Gift	2011	Regional (Pelotas e Região Sul)	Relata sobre a participação na 20ª edição da Paralela Gift, feira de design e produtos contemporâneos	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal Diário Popular	Identidade própria com cultura da preservação	2011	Regional (Pelotas e Região Sul)	Discorre sobre o projeto Artesanato do Mar de Dentro, sobre os organizadores e participantes do projeto.	Conhecer o histórico do grupo e as parcerias
Jornal Diário Popular	Redeiras da Z3 faturam no Rio	2011	Regional (Pelotas e Região Sul)	Relata a participação do grupo no Espaço de Moda Sustentável e o faturamento no evento.	Perceber a visibilidade do trabalho realizado

Jornal Diário Popular	Da pesca para a passarela	2011	Regional (Pelotas e Região Sul)	Divulga a participação do grupo no Espaço de Moda Sustentável e fala sobre como são feitos os produtos	Conhecer e perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal O Pescador	Arte	2011	Local (Pelotas)	Parabeniza o grupo pelas produções e criatividade	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal O Pescador	Nem tudo que cai na rede é peixe	2011	Local (Pelotas)	Divulga o trabalho realizado e fala sobre o alcance no mercado nacional e internacional	Conhecer e perceber a visibilidade do trabalho realizado
Revista Vogue	Foto com legenda divulgando trabalho com rede	2011	Nacional	Divulgação de produto	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Revista Vogue	Foto com legenda apresentando brinco	2011	Nacional	Divulgação de produto	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Revista Vogue	Caiu na rede é bolsa	2011	Nacional	Divulgação do trabalho, dos produtos e conquista como Destaque do Lounge de Economia Criativa e Solidária	Conhecer e perceber a visibilidade do trabalho realizado
Convite	Primavera/Verão Fashion Business Senac Rio	2011/ 2012	Nacional	Divulgação dos participantes do evento	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
CASA Museu do Objeto Brasileiro	Certificado de 2º lugar da exposição 3º Prêmio Objeto Brasileiro para Karine Faccin Perufo e Colônia de Pescadores São Pedro Z3 na categoria Objeto de Produção Coletiva	2012	Nacional	Certificado de Premiação	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
CASA Museu do Objeto Brasileiro	Catálogo exposição 3º Prêmio Objeto Brasileiro	2012	Nacional	Apresentação dos produtos	Perceber a visibilidade do trabalho realizado

Jornal Diário Popular	Redeiras da Z3 conquistam prêmio	2012	Regional (Pelotas e Região Sul)	Relata a conquista do 2º lugar do Prêmio Objeto Brasileiro	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal Diário Popular	Redeiras com novo sucesso de vendas	2013	Regional (Pelotas e Região Sul)	Revela a participação na Feira Nacional de Negócios do Artesanato, em Olinda, do sucesso de vendas e conquista de novos clientes	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal Diário Popular	Artesãs da Colônia Z3 em acervo nacional	2013	Regional (Pelotas e Região Sul)	Discorre sobre a inclusão do acervo das Redeiras na Sala do Artista Popular do Centro Nacional no Rio de Janeiro e sobre a conquista do mercado internacional	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal Diário Popular	Redeiras apelam ao Ibama para suprir a demanda	2015	Regional (Pelotas e Região Sul)	Discorre sobre a parceria com o Ibama para conseguir matéria prima e suprir a demanda de produtos, e sobre novos mercados.	Informações sobre conquistas e parcerias do grupo
Redeiras	Regulamento de uso de marca coletiva Redeiras	2015	Interna	Regulamenta a forma de utilização da marca Redeiras	Conhecer a organização interna do grupo
Sebrae	Certificado de vencedor da 4ª edição do Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato, que seleciona as 100 unidades produtivas que se destacam pela qualidade dos seus produtos e pela sua prática de gestão.	2016	Nacional	Certificado de Premiação	Perceber visibilidade do trabalho realizado

Jornal Diário Popular	Redeiras conquistam registro da marca no INPI	2016	Regional (Pelotas e Região Sul)	Relata a conquista do registro da marca, da parceria com o IBAMA para utilizar as redes apreendidas e a participação em um Encontro de Artesãos dos Polos Promoart.	Informações sobre conquistas, ações do grupo e parcerias.
Jornal Diário Popular	Redeiras dentro do TOP 100 de Artesanato	2016	Regional (Pelotas e Região Sul)	Relata a participação e a conquista na 4ª edição do Prêmio TOP 100 de Artesanato	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal Diário Popular	Foto com legenda informando sobre o apoio de um vereador local para o fortalecimento do artesanato das Redeiras	2016	Regional (Pelotas e Região Sul)	Mostrar o apoio de um vereador local com o trabalho das Redeiras	Conhecer apoiadores do grupo
Jornal Diário Popular	Redeiras contam sua história no Rio de Janeiro	2016	Regional (Pelotas e Região Sul)	Relata a participação como convidadas no 2º Encontro de Mulheres do Projeto de Educação Ambiental- Fortalecimento da Organização Comunitária: Mulheres na Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal.	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Jornal do Laranjal	As mulheres redeiras da Z3 lançam as redes do sucesso cada vez mais longe	2016	Local (Pelotas)	Relata sobre o trabalho feito, o empoderamento das mulheres do grupo e os mercados conquistados	Conhecer o trabalho realizado e características dos sujeitos
Revista Donna	Biju Lovers	2016	Estadual	Divulga os produtos, o trabalho realizado e pontos de venda	Perceber a visibilidade do trabalho realizado

Jornal Diário Popular	Redeiras levam técnicas até o Sesc Pompeia	2018	Regional (Pelotas e Região Sul)	Discorre sobre o trabalho realizado e a oportunidade de compartilhar as técnicas com outra instituição	Conhecer e dar reconhecimento ao trabalho realizado
Jornal Diário Popular	A Z3 em boas mãos (reportagem capa)	2018	Regional (Pelotas e Região Sul)	Discorre sobre o papel de mulheres na comunidade pesqueira	Contextualização do ambiente e conhecer o trabalho realizado
Jornal Diário Popular	Redeiras da Z3 ganham novo mercado nacional	-	Regional (Pelotas e Região Sul)	Relata a conquista de um novo mercado e da oportunidade em ser fornecedor de matéria prima para um grupo de escolas em SP.	Perceber a visibilidade do trabalho realizado
Catálogo	Coleção Redeiras	-	Nacional	Apresentação dos produtos	Conhecer o trabalho realizado

Tendo em vista de que o objetivo geral do estudo é analisar a configuração do empreendimento social feminino das artesãs Redeiras a partir das percepções das integrantes e dos parceiros de negócio envolvidos, o quadro 5 visa relacionar os objetivos específicos com as técnicas de coleta de dados que foram utilizadas.

Quadro 5: Objetivo específico versus Técnica de coleta de dados

Objetivos específicos	**Técnica de coleta de dados**
1. Analisar como ocorreu o processo de criação do empreendimento Redeiras	Análise de Documentos
	Entrevista Semiestruturada
2. Identificar os atores envolvidos no empreendimento Redeiras	Análise de Documentos
	Entrevista Semiestruturada
3. Caracterizar o empreendimento Redeiras	Análise de Documentos
4. Investigar as motivações as quais levaram as mulheres a ingressar e permanecer no grupo das Redeiras	Entrevista Semiestruturada
5. Investigar os motivos pelos quais os atores envolvidos no empreendimento Redeidas participam do negócio	Entrevista Semiestruturada
6. Identificar a percepção dos atores envolvidos em relação ao empreendimento das Redeiras	Entrevista Semiestruturada
7. Compreender o papel das artesãs Redeirasna Colônia de Pescadores Z3.	Análise de Documentos
	Entrevista Semiestruturada

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

2.3 Técnica de Análise de Dados

Para a realização da análise de dados, a técnica escolhida foi a análise de conteúdo que, conforme Moraes (1999, p. 2), é definida como "[...] uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos". Além disso, o mesmo autor ressalta que com essa técnica é possível esclarecer mensagens e apronfundar a compreensão dos significados.

Freitas et al. (1997) relatam que a análise de conteúdo surgiu em decorrência da multiplicidade das formas de comunicação (rádío, televisão, etc.), sendo necessário entender relações, leis e significados. A partir dessa nova perspectiva, criou-se a análise de conteúdo como método mais avançado e moderno à análise de documentos.

Nos estudos organizacionais, a utilização da análise de conteúdo como técnica de análise de dados tem crescido devido às exigências científicas e a profundidade dos estudos. Com isso, essa técnica conquista mais credibilidade nas pesquisas qualitativas na área da adminitração (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

Cabe ressaltar que para Bardin (1977, p. 9), análise de conteúdo refere-se a:

> Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade.

Segundo Mozzatto e Grzybovski (2011), a obra de Lawrence Bardin tem significativa relevância no rumo da análise de conteúdo. Essa literatura destaca que o processo de análise de dados se dá de forma diversificada e, por isso, a obra de Bardin determina três etapas a serem seguidas para a execução da análise de conteúdo, são elas: (1) pré-análise – organização do trabalho; (2) exploração do material – definição de categorias e identificação das unidades de registro, ou seja, a codificação, a classificação e a categorização são essenciais nessa fase; e (3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação – extração das informações a partir da intuição, reflexão e crítica.

Desse modo, a análise de conteúdo é uma metodologia multifacetada e em constante aprimoramento (MORAES, 1999). Entretanto, faz-se necessário que os pesquisadores excecutem essa técnica de forma ┼..] coerente, ética, reflexiva, flexível e crítica, além de considerarem seriamente o contexto e a história nos quais a pesquisa se insere" (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 745). Sendo assim, a análise de conteúdo é uma técnica de análise de dados valiosa e relevante nos estudos científicos.

Na primeira etapa da análise de conteúdo (pré-análise), os materiais coletados ao longo do estudo foram organizados com base nos objetivos da pesquisa e nos referenciais teóricos que a fundamentam. Já na segunda etapa (exploração do material), com base nas referências teóricas apresentadas no Capítulo 1, foram definidas categorias a *priori,* as quais determinam o contexto de análise, sendo que poderiam surgir novas categorias a *posteriori* na medida em que surgissem informações relevantes em virtude dos dados gerados (BARDIN, 1997).

Em relação às categorias *a priori*, elas foram definidas a partir do modelo teórico proposto por Jiao (2011). Nesse estudo, o referido autor desenvolve um modelo conceitual de empreendedorismo social que engloba – de forma integrada – os fatores (pessoais e do

ambiente social e institucional) que antecedem a abertura de um empreendimento social, bem como as consequências que esse tipo de empreedimento traz. No entanto, a pesquisa desta dissertação de mestrado tem como tema central o empreendedorismo social feminino, por isso foram necessárias adaptações ao modelo de Jiao (2011).

Portanto, a figura a seguir demonstra o esquema da relação das categorias a *priori* com o tema central desta pesquisa:

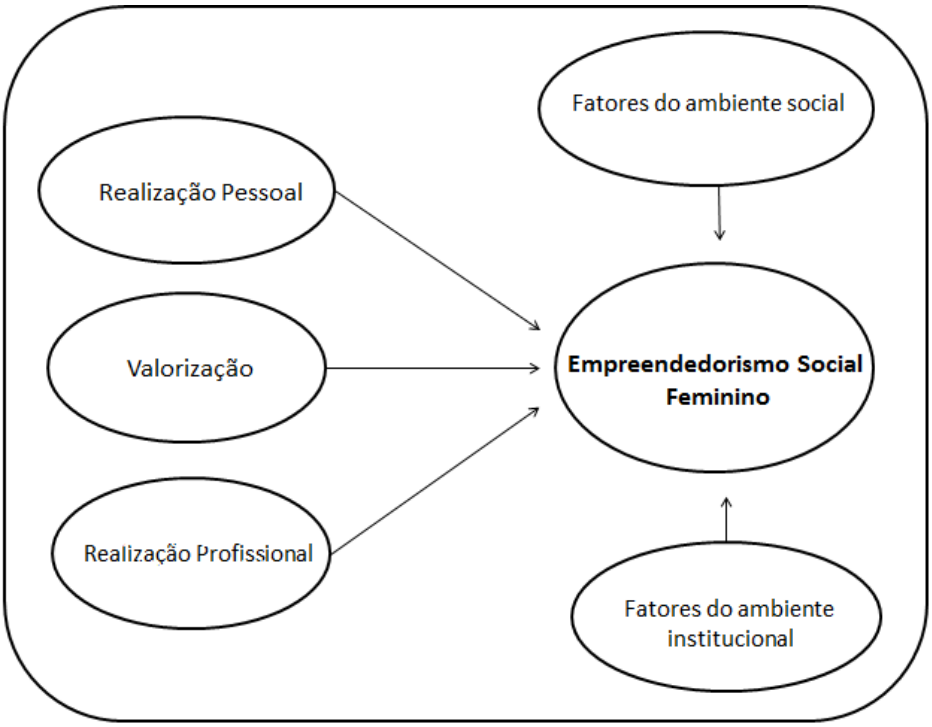


Figura 2: Empreendedorismo Social Feminino X Categorias *a priori*
Fonte: Elaborado pela autora (2019), com base em Jiao (2011).

Em referência aos fatores pessoais, ressaltam-se a realização pessoal, a valorização e a realização profissional. Quanto à realização pessoal da empreendedora social, essa pode ser compreendida pela sua característica em estar atenta às necessidades do próximo (NISHIMURA; ALPERSTEDT; FEUERSHÜTTE; 2012) e de ser multifacedada (JONATHAN, 2005).

Acerca da valorização da empreendedora social, Collerette e Aubry (1990) destacam que uma das motivações das mulheres em criar um negócio social é a busca por minimizar os aspectos que geram uma baixa autoestima. Dentre esses aspectos, ressalta-se a dificuldade de ascensão profissional, o que propicia o sentimento de frustração (BENNETT; DANN, 2000).

Em relação à realização profissional da empreendedora social, ao ter a oportunidade de se inserir no mercado de trabalho, elas têm como principal retorno profissional a sua qualidade de vida (CALAS; SMIRCICH; BOURNE, 2009).

Com relação aos fatores do ambiente social, ele corresponde ao apoio (educação, financiamento, monitoramento e avaliação) de terceiros (organizações e instituições) ao empreendimento social feminino, enquanto que os fatores do ambiente institucional dizem respeito ao incentivo dos órgãos públicos, aos concorrentes e as políticas públicas (JIAO, 2011).

O quadro a seguir sistematiza a relação entre as categorias, o referencial teórico e as técnicas de coleta de dados para uma melhor clareza do estudo:

Quadro 6: Categorias *a priori* X Referencial Teórico X Técnica de Coleta de Dados

Categorias	**Referencial Teórico**	**Técnica de Coleta de Dados**
Fatores do ambiente social	Limeira (2018), Jiao (2011), Shaw e Carter (2007), Mair e Marti (2006), Dees (1998), Leadbeater (1997).	Entrevista semiestruturada / Análise de documentos
Fatores do ambiente institucional	Brito (2019), Yee et al. (2019), Drehmer et al. (2017), Jiao (2011), Gerrard (2009).	Entrevista semiestruturada/ Análise de documentos
Realização Pessoal	De Sousa Ramos, Valdisser (2019), Leitão (2013), Nishimura, Alperstedt e Feuershütte (2012), Jonathan (2005), Collerette e Aubry, (1990).	Entrevista semiestruturada / Análise de documentos
Valorização	Estivalete, Andrade e Costa (2018), Melo, Lima e Stadtler (2009), Jonathan (2005), Bennett e Dann (2000), Collerette e Aubry (1990).	Entrevista semiestruturada / Análise de documentos
Realização Profissional	Alencar e Sousa (2019), Mendonça (2018), Cruz (2012), Calas, Smircich e Bourne (2009), Machado (2001).	Entrevista semiestruturada / Análise de documentos

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A fim de verificar se o resultado da coleta de dados conseguiria sustentar categorias apresentadas *a priori* e também se seria necessário criar categorias *a posteriori*, foi feito um levantamento do que mais apareceu de resultados frente às cinco categorias *a priori*. Nesse caso, alguns trechos das entrevistas e de documentos foram relacionados com a teoria. A partir disso, foi possível constatar que todas as categorias *a priori* possuem evidências de campo e sutentação teórica, conforme será explicado mais detalhadamente a seguir. Além disso, não surgiram outros fatores que sugestionassem a criação de novas categorias.

Dessa forma, no próximo capítulo será realizada a terceira etapa da análise de conteúdo (tratamento dos resultados, inferência e interpretação). Sendo assim, será feita a análise dos resultados e a descrição do caso do grupo Redeiras, bem como uma análise mais minuciosa de cada uma das cinco categorias (fatores do ambiente social, fatores do ambiente institucional, realização pessoal, valorização e realização profissional).

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentadas as análises dos dados relativos às questões de investigação mencionadas na metodologia. O capítulo está dividido em seis seções, onde a primeira trata da descrição do caso do Grupo de Artesãs Redeiras e as demais abordam as cinco categorias identificadas neste estudo.

3.1 O Caso do Grupo de Artesãs Redeiras

Antes de iniciar com a exposição do estudo de caso selecionado, cabe destacar que as informações contidas neste caso são fruto da coleta de dados, ou seja, dos documentos obtidos e das entrevistas realizadas.

Na Colônia de Pescadores Z3, situada na cidade de Pelotas/RS, no Extremo Sul do Brasil, nove artesãs entre 45 e 80 anos utilizam a rede de pesca de camarão, o couro e as escamas de peixe para confeccionar de forma artesanal bolsas, bijoias, chaveiros, carteiras, chapéus e entre outras peças (RELATO REDEIRAS, 2020; SITE REDEIRAS, 2020). Cabe dizer que o grupo iniciou com dez integrantes (apresentadas na Figura 4), mas uma optou por sair por questões pessoais e outra veio a falecer há poucos anos atrás. Com isso, uma nova integrante foi incorporada ao grupo, que constitui a formação atual, conforme a Figura 5. (RELATO DAS REDEIRAS, 2020).



Figura 3: Primeira formação do grupo de artesãs Redeiras
Fonte: documentos da pesquisa (2020).



Figura 4: Formação atual do grupo de artesãs Redeiras
Fonte: documentos da pesquisa (2020).

O início da formação do grupo de artesãs se deu em 2004, quando a Prefeitura Municipal e o parceiro de negócio Unindo Talentos ofereceram oficinas de confecção de bijuterias e flores com a utilização de escama e couro de peixe para algumas mulheres da colônia. Entretanto, ao longo desses encontros, a Unindo Talentos percebeu que as artesãs trabalhavam individualmente e que elas precisavam se enxergar como um grupo para alcançarem voos mais altos. Para isso, a Unindo Talentos iniciu um trabalho que instigou a reflexão das artesãs quanto a sua história de vida e seus objetivos pessoais e de grupo. Com o intuito de aprimorar o trabalho desenvolvido, um psicólogo foi contratado para conduzir dinâmicas de grupo e de relacionamento interpessoal.

A partir daí, elas foram se dando conta de que precisavam ser um grupo para participar de projetos e para buscar recursos. Assim, *"elas passaram a ser como os cardumes, que se unem e tem um objetivo em comum"*, segundo a Unindo Talentos. Nesse caso, o objetivo era trabalhar com o artesanato – atividade que gera satisfação – e, ao mesmo tempo, ter alternativa de renda que não fosse só o pescado. Com base nesse trabalho de desenvolvimento de grupo e de aprimoramento de técnicas para tratamento da matéria-prima (curtimento de pele, tratamento de escama e tingimento de rede, escama e couro), as artesãs formaram o grupo "Pescando Arte", nome esse escollhido por elas (RELATO DA UNINDO TALENTOS, 2020; RELATO REDEIRAS, 2020).

Com o grupo formado, o objetivo alinhado e as técnicas afiadas, as artesãs do Pescando Arte perceberam que a riqueza do seu trabalho estava na transformação de lixo em

peças de artesanato, pois após o uso da rede, a filetagem e a limpeza do peixe, tudo ia fora (O PESCADOR; 2010; DIÁRIO POPULAR, 2010; REVISTA TEMPO DE AGIR, 2011; O PESCADOR, 2011; RELATO UNINDO TALENTOS, 2020; RELATO DE MÃOS DADAS, 2020).

Durante os quatro anos de parcerria com a Unindo Talentos, o grupo fazia seu artesanato de forma livre – exposto na Figura 5 – e participava, eventualmente, de feiras e eventos. No início de 2008, numa dessas feiras, uma ex-integrante do grupo viu que o parceiro de negócio De Mãos Dadas apoiava um grupo de artesãs que também utilizavam escamas e couro de peixe. Por isso, ela entrou em contato com a De Mãos Dadas e sinalizou interesse em também receber o apoio para melhorar aquilo que já faziam (RELATO UNINDO TALENTOS, 2020; RELATO DE MÃOS DADAS, 2020).



Figura 5: Artesanatos feitos quando o grupo era o Pescando Arte
Fonte: documentos da pesquisa (2020).

No final de 2008, a De Mãos Dadas firmou a parceria com a Pescando Arte com o intuito de aplicar uma metodologia de trabalho já realizada com outros grupos de artesanato, onde o foco é o desenvolvimento de coleções. Para isso, foi contratada uma consultora externa – que tinha o papel de mobilizar o grupo e organizar oficinas – e uma designer para fazer o desenvolvimento da coleção junto com as artesãs (RELATO DE MÃOS DADAS, 2020).

Nesse mesmo período, o parceiro de negócio Reciclando Amor conheceu o trabalho do Pescando Arte e se encantou não só com a proposta de recliclar os resíduos danosos que a pesca gera para natureza, mas também se fascinou com a história de vida das mulheres integrantes do grupo. A partir disso, o Reciclando Amor desenvolve (até os dias atuais), com muita paixão, um trabalho de divulgação e propagação do nome e do trabalho dessas mulheres através da gestão digital (RELATO RECICLANDO AMOR, 2020).

No decorrer de 2009 foi feito um trabalho de base importante, pois o foco foi adquirir conhecimento sobre o grupo e as suas técnicas de produção, conforme relatado por Eudora:

> *[...] durante o ano de 2009 que para mim foi o marco mais importante dos resultados alcançados hoje porque o trabalho feito em 2009, a gente optou por fazer um trabalho de base muito bem feito, que é pra evitar que os grupos se desmontem, o que acontece com a grande maioria*. (EUDORA, 2020).

No primeiro semestre foram realizadas oficinas de associativismo, cooperativismo e relações humanas. E no segundo semestre foi feito o desevolvimento de produto com a assessoria de uma *designer* de bijoia e outra de acessórios de rede, trabalho esse demonstrado nas Figuras 6 e 7. Durante essse período de preparação, as artesãs se comprometeram em investir o seu tempo na apredizagem e não produziram nada de artesanato para venda, somente para testagem e experimento de técnicas (RELATO DAS REDEIRAS, 2020; RELATO DE MÃOS DADAS, 2020; DIÁRIO POPULAR, 2010).



Figura 6: Artesãs Redeiras confeccionando bijoias
Fonte: documentos da pesquisa (2020).



Figura 7: Artesãs Redeiras com o fio da rede de pesca
Fonte: documentos da pesquisa (2020).

No final de 2009 foi escolhido o mix de produtos – revelados nas Figuras 8, 9 e 10 – que iriam fazer parte da primeira coleção, nomeada "Coleção Redeiras", que originou a mudança do nome do grupo. O nome "Redeiras" surgiu devido ao artesanato feito, basicamente, da rede de camarão. Logo, em 2010, o grupo lançou a coleção na Paralela Gift – Feira de Design e Produtos Contemporâneos, em São Paulo-SP – e comercializou seus produtos, os quais tiveram uma aceitação supreendente devido à qualidade, criatividade e apelo sustentável, conforme registrado por elas e exibido na Figura 9. Desde então, as Redeiras participam ativamente de feiras e eventos, além de serem objeto de estudos científicos e reportagens (CATÁLOGO COLEÇÃO REDEIRAS, 2010; DIÁRIO POPULAR, 2010; FAVILLA, 2016; RELATO REDEIRAS, 2020; RELATO DE MÃOS DADAS, 2020).



Figura 8: Algumas peças do mix de produtos atual feitas de rede de pesca
Fonte: Site Redeiras (2020).



Figura 9: Algumas peças do mix de produtos atual feitas de escama de peixe
Fonte: Site Redeiras (2020).



Figura 10: Artesãs Redeiras na Paralela Gift, em São Paulo-SP
Fonte: documentos da pesquisa (2020).

Em 2012, a bolsa Lagoa dos Patos – apresentada na Figura 11 – foi premiada na categoria ~~–o~~bjeto de produção coletiva", no III Prêmio Objeto Brasileiro, em São Paulo-SP (CERTIFICADO 3º PRÊMIO OBJETO BRASILEIRO, 2012; DIÁRIO POPULAR, 2020). Nesse mesmo ano, o grupo se formalizou como associação[4], mas por necessidade de emitir nota fiscal eletrônica, uma das integrantes se tornou uma Microempreendedora Individual

[4] Associação. Trata-se de uma instituição de direito privado sem fins lucrativos, constituída com o objetivo de defender e zelar pelos interesses de seus associados, além de serem regidas por estatutos sociais, com uma diretoria eleita em assembleia (MASCÊNE, 2010).

(MEI) (REGISTRO DO CADASTRO NACIONAL DE PESSOA JURÍDICA; 2012; RELATO REDEIRAS; 2020).



Figura 11: Bolsa vencedora do prêmio III Prêmio Objeto Brasileiro, categoria –objeto de produção coletiva"
Fonte: Site Redeiras (2020).

Em 2015 e 2016, devido à escassez da safra de camarão e da continuidade na demanda pelos produtos, as Redeiras tiveramo o apoio do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), que forneceu a elas as redes de pesca apreendidas e que seriam descartadas (DIÁRIO POPULAR, 2015; Revista PUC RS, 2018; RELATO REDEIRAS, 2020; RELATO DE MÃOS DADAS, 2020). Com isso, elas passaram a terceireizar o corte do fio da rede, gerando uma alternativa de renda para outras pessoas da colônia de pescadores onde vivem (RELATO REDEIRAS, 2020). No final de 2016, o grupo deixou de ter a orientação do parceiro de negócio De Mãos Dadas e passou a agir com autonomia e sustentabilidade financeira (RELATO REDEIRAS, 2020; RELATO DE MÃOS DADAS, 2020).

No início de 2017, o grupo conseguiu o registro da marca Associação de Artesãs Redeiras do Extemo Sul, através da concessão do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), fundamental para continuar criando *designer* (RELATO REDEIRAS, 2020; RELATO RECICLANDO AMOR, 2020; DIÁRIO POPULAR, 2016).

Atualmente, a venda dos produtos é feita pelo site do grupo ou à pronta entrega em lojas físicas espalhadas pelo Brasil: Pelotas/RS, Porto Alegre/RS, Belém do Pará/PA, Brasília/DF, Ipojuca/PE, São Paulo/SP e Rio de Janeiro/RJ. Além disso, elas têm encontrado oportunidade no mercado internacional, tendo seus produtos comercializados na Espanha, Estados Unidos, França e Alemanha. Sendo que novos contatos comerciais são feitos diariamente, como Portugal e Colômbia (DIÁRIO POPULAR, 2010; SITE ADMINISTRADORES.COM, 2012; SITE SEBRAE, 2013; REVISTA ELETRÔNICA

PEQUENAS EMPRESAS & GRANDES NEGÓCIOS, 2013; DIÁRIO POPULAR, 2013; JORNAL DO LARANJAL, 2016; SITE REDEIRAS, 2020; RELATO REDEIRAS, 2020; RELATO RECICLANDO AMOR, 2020).

Em 2020, mesmo com pouca demanda devido à pandemia do Coronavírus, as artesãs seguem fazendo seu artesanato a título de conseguir ter um estoque de produtos ou de atender aos pedidos esporádicos. Em tempos onde as dúvidas quanto ao futuro predominam, essas mulheres têm a certeza de que para "ser uma Redeira" é preciso se reinventar para superar desafios e se unir para ser capaz seguir adiante (RELATO REDEIRAS, 2020).

3.2 Fatores do Ambiente

Durante a trajetória do grupo Redeiras, três parceiros de negócio foram destacados por elas como essenciais para a solidez do empreendimento. E nesta subseção, serão apresentados e analisados os parceiros de negócio, as suas motivações em participar do empreendimento das Redeiras e as suas percepções em relação ao empreendimento, conforme descrito nos objetivos específicos desta pesquisa.

3.2.1 Fatores do Ambiente Social

Antes de iniciar a análise dos fatores do ambiente social é importante relembrar que, segundo Jiao (2011, p. 138), os fatores do ambiente social representam "o apoio de fundações e empreendimentos comerciais; a educação de habilidades e espírito empreendedor social; ao financiamento suficiente para o empreendedorismo social; e ao monitoramento e avaliação de empreendimentos sociais".

Sendo assim, com o objetivo de esclarecer em que momento os parceiros de negócio das Redeiras se inserem no grupo e quando – alguns deles – deixaram de ser parceiros das artesãs, a Figura 12 apresenta a linha cronológica do envolvimento dos parceiros de negócio com as artesãs Redeira.

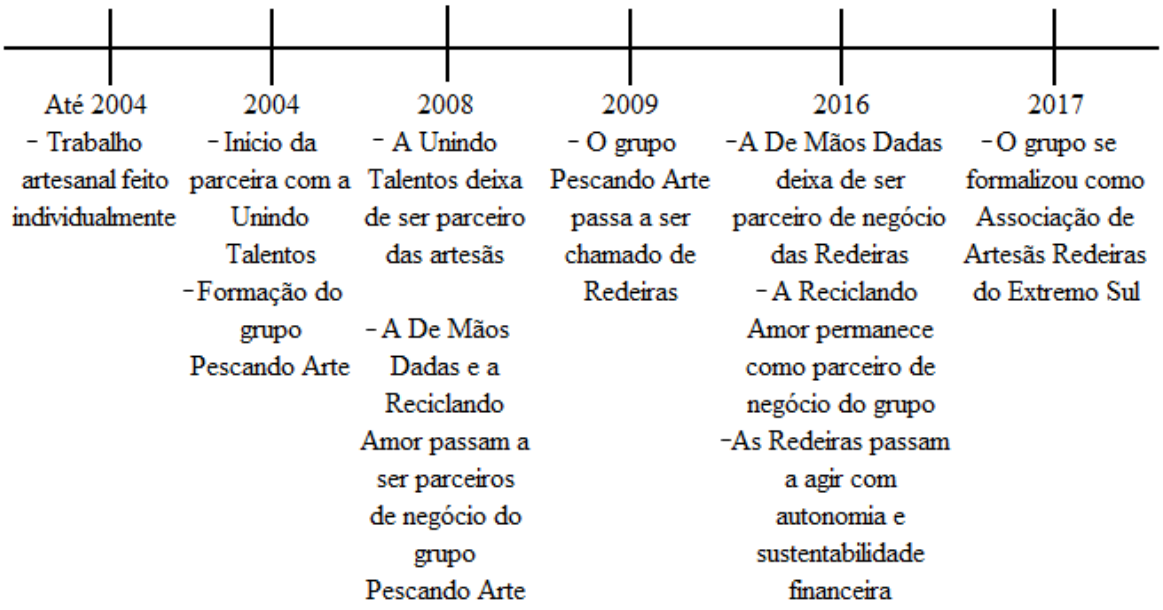


Figura 12: Linha cronológica do envolvimento dos parceiros de negócio
Fonte: elaborado pela autora

Conforme a Figura 12, o trabalho das artesãs Redeiras iniciou de forma individualizada até o momento em que o parceiro de negócio Unindo Talentos formou o grupo Pescando Arte. Quando os parceiros De Mãos Dadas e Reciclando Talentos iniciaram sua parceria com as artesãs, o parceiro de negócio Unindo Talentos deixou de dar o suporte a elas. No ano seguinte, em 2009, o grupo passou a ser chamado não mais de Pescando Arte, mas de Redeiras. No ano de 2016, as Redeiras atingiram uma autonimia e sustentabilidade financeira. Logo, no mesmo ano, a De Mãos Dadas encerrou suas atividades junto às artesãs e, atualmente, somente a Reciclando Amor é parceiro do grupo Redeiras, o qual se formalizou como associação em 2017.

Apesar de cronologicamente os parceiros de negócios estarem vinculados, cada um tem características próprias e uma construção única de laços e envolvimento com as Redeiras e, por esse motivo, optou-se em fazer, separadamente, as análises sobre eles.

3.2.1.1 UNINDO TALENTOS

A Unindo Talentos é uma associação de direito privado, sem fins lucrativos, que já realizava um trabalho de assistência técnica com os agricultores familiares, mas em virtude da diversidade das características do ambiente rural, a partir do ano 2000, o governo do estado do Rio Grande do Sul passou a considerar os índios, pescadores artesanais, quilombolas e assentados da reforma agrária para serem atendidos pela Unindo Talentos (RELATO UNINDO TALENTOS, 2020).

A partir disso, essa associação se aproximou dos grupos de pescadores com o intuito de dar suporte quanto ao esclarecimento da legislação vigente, promoção de capacitações e realização de eventos de interesse desse público (RELATO UNINDO TALENTOS, 2020). Em um desses encontros, em Porto Alegre, a Unindo Talentos conheceu um trabalho de artesanato feito com escama de peixe (RELATO UNINDO TALENTOS, 2020). Dessa forma, sabendo que existia um grupo de artesãs na Colônia de Pescadores Z3 que desenvolvia um trabalho artesanal com materiais achados na praia, como conchas, ossos de peixe e rede de camarão, a Unindo Talentos promoveu um curso de tratamento de escama de peixe para as mulheres da Z3, mas na época somente duas mulheres participaram do curso e elas foram responsáveis em compartilhar o aprendizado com as demais interessadas (RELATO UNINDO TALENTOS, 2020; RELATO REDEIRAS, 2020).

Durante as oficinas e os encontros realizados com as artesãs, a Unindo Talentos percebeu que existia uma *"vontade feminina"* em contribuir com a renda familiar e, aliado a isso, elas tinham uma matéria prima *"diferente e sustentável"*, que era visto como lixo, mas poderia virar lucro (RELATO UNINDO TALENTOS, 2020):

> *[...] então, sempre teve essa preocupação feminina de outra forma de geração de renda que não fosse só baseado na pesca, no produto, e foi aí que foi se achando essas alternativas... "bom, peraí, só um pouquinho, isso é super diferente! Quem é que tem acesso a uma escama? Só vocês tem acesso a uma escama." Então, daqui a pouco vamos poder tirar dinheiro e fazer dinheiro do que antes a gente chamava até de lixo porque ia fora, tu faz a filetagem do peixe e tudo ia fora, a rede estragou e bota fora, o peixe limpou e bota fora a pele. Então, tudo aquilo que era lixo a gente acabou vendo que poderia ser dinheiro né. Então assim, isso era uma preocupação muito feminina delas, de ter outras alternativas que não fosse só o pescado esperando o marido voltar do mar. É assim que elas falam né*. (UNINDO TALENTOS).

Nesse aspecto, Dees (1998) argumenta que os empreendedores sociais precisam criar estratégias para driblar a escassez de recursos e que a formação de parcerias com outras organizações é um fator essencial para que isso ocorra. Assim como ocorreu no grupo, naquele momento chamado como Pescando Arte, o empreendedorismo social pode ter como perspectiva a interação com o meio ambiente, com as habilidades e com os recursos disponíveis (KORSGAARD, 2011), com o intuito de sanar uma necessidade social.

Ademais, além do envolvimento com apoiadores, as Redeiras apresentaram algumas características identificadas nos empreendedores sociais, conforme destacado por Cruz (2012, p. 11):

> a) a busca por oportunidades e a geração de inovação;
> b) a disposição para correr riscos e a tolerância à incerteza;
> c) elevado grau de credibilidade e transparência na gestão de recursos; e

d) motivação por uma missão com base em uma visão.

Diante dessa inquietação das mulheres artesãs quanto a descobrir como poderiam contribuir com a renda familiar, a Unindo Talentos não só enxergou o diferencial da matéria-prima utilizada para fazer artesanato, como também percebeu uma oportunidade de estreitar as relações entre as participantes do grupo (RELATO UNINDO TALENTOS, 2020). Porém, foi o talento das artesãs que incentivou a associação a manter a parceria:

> *[...] por isso que se acreditou porque eram talentosas só que não tinha essa questão do foco, do objetivo comum, eram individuais, não tinha cardume. Mas a gente via que se a gente pudesse trabalhar no cardume, na organização social, elas tinham condições de empreender e ter tudo que elas queriam*. (UNINDO TALENTOS).

Após quatro anos de parceria, a Unindo Talentos, ao poucos, foi deixando de dar assessoria para a Pescando Arte[5], ao passo que outro parceiro de negócio iniciava um projeto que tinha um conceito e uma metodologia distinta da proposta de trabalho da Unindo Talentos:

> *A gente fez uma reunião de avaliação [...] a gente fez uma apresentação juntando tudo que a gente tinha feito até lá. E aí dizendo que tudo bem, a vida segue porque aí elas entraram nesse outro modelo*. (UNINDO TALENTOS).

Mesmo a Unindo Talentos não sendo mais um apoiador da Pescando Arte, o sentimento que ficou para esse parceiro de negócio foi de gratidão pelas experiências vividas:

> *Foi um desafio, uma bela experiência de vida*. (UNINDO TALENTOS).

> *Eu nunca me esqueço delas, eu guardo o grupo do Pescando Arte [...] com muito carinho no meu coração, guardo mesmo.* (UNINDO TALENTOS).

O trabalho realizado pela Unindo Talentos é lembrado e reconhecido pelas Redeiras como fundamental para terem chegado onde estão:

> *Eu acredito que tudo começou, no caso, com a Unindo Talentos*. (HALIA).

> *A gente fez boas amizades, inclusive na Unindo Talentos, o pessoal foi muito bom com a gente, então desse trabalho que a gente teve com a Unindo Talentos foi que surgiu depois o trabalho com a De Mãos Dadas e com as Redeiras. Bá eles foram muito parceiros, até acompanharam a gente um pouco depois que a gente tava já com as oficinas do De Mãos Dadas, eles acompanharam um pouco os especialistas que vinham aqui trabalhar com a pesca*. (ADMETE).

> *Aí a gente começou a tingir escama de peixe e elas (Unido Talentos) me deram uma base do que era trabalhar com a escama, aí gente teve a ideia de montar o grupo que foi a primeira formação*. (PLEIONE).

Em relação ao empreendimento social feminino das Redeiras, a Unindo Talentos

[5] Nome do grupo de artesãs antes de serem chamadas de Redeiras, conforme explicado anteriormente.

destaca que antes de iniciarem a parceira, as artesãs já eram conhecidas na Colônia de Pescadores Z3 pelo trabalho com artesanato:

> *[...] naquela época elas eram referência, elas acabavam se sobressaindo porque todo mundo sabia quem eram as mulheres que faziam artesanato*. (UNINDO TALENTOS).

Entretanto, o fato de a Colônia de Pescadores ser distante da região urbana de Pelotas e delas serem mulheres de pescadores foi um desafio a ser enfrentado:

> *A Z3 também é longe né. É longe, é ilhado, elas ficavam perdidas, sozinhas. E mulher de pescador então, não tem vez*. (UNINDO TALENTOS).

Nesse sentido, Humbert (2012) sinaliza que grupos minoritários, como as mulheres, têm maior capacidade de realizar uma mudança pessoal, pois elas se envolvem com questões femininas em comunidades locais, o que desperta o interesse em outras práticas de serviços e produtos. Esse processo de transformação que ocorreu no grupo das Redeiras foi percebido pela Unindo Talentos:

> *A gente quebrou cabeça pra conseguir recurso para o ministério da pesca, pra fazer projeto pra elas, pra conseguir que esse projeto se materializasse. E conseguir ver a transformação, é uma coisa que me marcou pra sempre*. (UNINDO TALENTOS).

Dessa forma, compreende-se que a Unindo Talentos capacitou as artesãs para trabalharem com a reciclagem dos resíduos da pesca e mostrou a oportunidade que elas tinham em ter renda própria a partir dos recursos (rede de pesca, escama e couro de peixe) vindos da colônia de pescadores. Sendo assim, como sugere Cruz (2012), foram conciliados dois elementos essenciais para a criação de um empreendimento social: a preocupação social e a geração de recursos financeiros.

3.2.1.2 DE MÃOS DADAS

A De Mãos Dadas é uma entidade privada sem fins lucartivos que atua no desenvolvimento de pequenos negócios através da sua capacitação e da sua promoção. Nesse sentido, em 2008, a entidade montou um projeto voltado a profissionalização do artesanato para 25 municípios da Metade Sul do Rio Grande dos Sul, ou seja, foram realizadas oficinas e encontros sobre gestão de negócios, relações humanas, designer e técnicas de produtos (RELATO REDEIRAS, 2020; RELATO DE MÃOS DADAS, 2020). A motivação para trabalhar com o desenvolvimento do artesanato é relatada a seguir:

> *[...] a gente estava sempre pensando "eu trabalho com o desenvolvimento do turismo da região e eu preciso que junto com o desenvolvimento da atividade turística, da atividade de gastronomia, de hotelaria e viagens, eu também preciso trabalhar o artesanato para melhorar. Então, isso foi a motivação pra desenvolver o artesanato, que a gente pudesse melhorar a oferta do nosso artesanato. Que o nosso artesanato tivesse mais identidade e mais qualidade também*. (DE MÃOS DADAS, 2020).

Esse trabalho de profissionalização do artesanato foi destacado pela mídia:

> A profissionalização do artesanato, cujo olhar empresarial muitas vezes é crítico ao tratá-lo como arte menor, mudou a vida de pescadoras, professoras, donas de casa e aposentadas. Ofereceu condições necessárias ao que já existia, mas precisava ser lapidado para ganhar as vitrines. E as vitrines nacionais já se ocupam com peças criadas por mãos tão habilidosas. (DIÁRIO POPULAR, 2011, p. 2).

> As escamas e couro dos peixes também passaram por muitos testes para obter a melhor forma de limpeza e manejo. O projeto Redeiras foi uma forma de profissionalizar esse conhecimento, um resultado natural da união dessas mulheres. (BLOG BEMGLO, 2019, s./p.).

Dentre os grupos atendidos pela De Mãos Dadas estava o Pescando Arte, que já realizava um trabalho importante com a rede de pesca e com o couro e a escama do pescado, por causa do que tinham aprendido com a Unindo Talentos. Para contribuir com o grupo e com o intuito de expandir a comercialização dos produtos, foi contratada uma designer para fazer o desenvolvimento de uma coleção e uma consultora externa que acompanhava e organizava os eventos do grupo (RELATO REDEIRAS, 2020; RELATO DE MÃOS DADAS, 2020).

A rede de apoio que as Redeiras tiveram para o desenvolvimento do grupo foi essencial, pois, conforme Leadbeater (1997), os parceiros de negócio possibilitam que o empreendedor social obtenha informação, identifique oportunidades de mercado e consiga resursos. Entretanto, Mair e Marti (2006, p. 7) alertam que a insereção de parceiros de negócio que influenciem na estrutura do empreendimento social pode ter efeitos tanto positivos quanto negativos, pois:

> [...] a incorporação estrutural pode reduzir a diversidade de ideias às quais um indivíduo está exposto, o que pode resultar em inércia. Portanto, a superincorporação pode ter um efeito negativo no estágio de formação da intenção do empreendedorismo social.

No início da jornada, a De Mãos Dadas pretendia realizar uma oficina de desenvolvimento de produto – junto com a *designer* – para ter um portifólio de, pelo menos, um modelo de cada produto. Entretanto, ela percebeu que a Pescando Arte precisava de mais tempo para absorver as mudanças propostas e, por isso, foram meses de trabalho até que os produtos fosssem levados ao mercado (RELATO DE MÃOS DADAS, 2020; RELATO

REDEIRAS, 2020), conforme relato:

> *[...] então nesses 8 meses foi muito trabalho que tanto a designer - que era consultora - quanto eu, quanto a consultora externa, a gente fez um acompanhamento de perto com elas pra que elas entendessem que elas tinham uma oportunidade de ter um produto diferenciado pra colocar no mercado [...] então nesse período elas foram se dando conta de que elas tinham capacidade de fazer coisas muito melhores do que elas já faziam, elas foram se abrindo para a inovação, se abrindo ao que a designer trazia, pra uma forma nova de usar escama de peixe, hoje a escama é recortada - elas não faziam isso – a gente olha algumas peças delas e nem diz que é escama, e aquilo é uma escama cortadinha e tudo, lixada. Então tudo com um ótimo acabamento*. (RELATO DE MÃOS DADAS, 2020).

Esse tempo de adaptação – que foi necessário para o desenvolvimento do trabalho com as Redeiras – segundo Cruz (2012), faz parte da capacidade do empreendedor social em se adaptar às linguagens, símbolos e culturas dos diferentes ambientes e indivíduos com quem ele interage, ou seja, o envolvimento com os parceiros de negócio requer aprendizado. Contudo, os frutos de uma jornada que levou tempo foram evidenciados pelo jornal regional:

> As oficinas de artesanato nas cidades, com a orientação de designers, deram forma a produtos em estado bruto. E sempre com respeito ao período que cada artesão precisou para atingir o amadurecimento [...] No caso do grupo Redeiras, foram até cinco meses de maturação. A paciência funcionou como aliada e trouxe resultados rápidos. (DIÁRIO POPULAR, 2011, s./p.).

A De Mãos Dadas permaneceu apoiando as Redeiras mesmo que, em alguns momentos, a resistênca a mudança transparecesse, pois elas tinham uma grande oportunidade de crescer no mercado (RELATO DE MÃOS DADAS, 2020):

> *[...] ver a motivação delas com cada produto que saía, que a gente fazia uma festa com cada produto que ficava pronto, sabia que aquilo com outra apresentação ia atingir outros mercados né, gerar renda pra elas através do produto que elas sabiam e faziam, e outra também tirar aquele resíduo que estava sendo atirado de qualquer jeito na Colônia.* (RELATO DE MÃOS DADAS, 2020).

Atualmente, a De Mãos Dadas não é mais uma parceira das Redeiras, pois ocorreram mudanças estraégicas na empresa e, com isso, o artesanato não continuou como prioridade, o que pode vir a mudar mais adiante (RELATO DE MÃOS DADAS, 2020). Porém, o que ficou da construção da parceria da De Mãos Dadas com as Redeiras foi o sentimento de gratidão e reconhecimento do trabalho feito:

> *[...] sou grata por ter tido a oportunidade de trabalhar com pessoas como elas.* (DE MÃOS DADAS).

> *[...] a De Mãos Dadas, no caso, deu a varinha pra nós pescar e nós pegamos com as duas mãos e fizemos mágica*. (HALIA).

> *[...] a De Mãos Dadas foi bom parceiro, o melhor parceiro foi a De Mãos Dadas que nos deu todas as estruturas para as feiras e designer*. (AMATHEIA).

Para a De Mãos Dadas, o trabalho das Redeiras beneficia não só as artesãs, mas também a comunidade:

> *[...] elas não levaram o nome só do produto delas, elas levaram o nome da colônia de pescadores Z3 pro mundo, o produto foi pra muitos lugares e vai ainda né...* (DE MÃOS DADAS).

Colaborando com o entendimento de que os empreendimentos socias tem relevância para as comunidades locais, Melo Neto e Froes (2002) argumentam que esse tipo de negócio possibilita que: (a) os recursos, as capacidades e as competências locais sejam melhores exploradas; (b) que a comunidade tenha mais consciência quanto ao seu potencial de desenvolvimento; e (c) que novas oportunidades sejam geradas para os membros da comunidade. Esses elementos foram encontrados na relação das Redeiras com a De Mãos Dadas, visto que foram utilizados recursos naturais locais para confeccionar a coleção de artesanato, o trabalho das Redeiras levou o nome da Colônia Z3 para outros lugares e outros membros da comunidade se envolveram com o empreendimento social feminino delas.

3.2.1.3 RECICLANDO AMOR

A Reciclando Amor é uma empresa privada com fins lucrativos, que iniciou sua atuação no mercado através da programação *off-line*, mas foi acompanhando as mudanças do mercado e atualmente está em atividade na área digital, trabalhando com a gestão digital (gerenciamento de mídia, elaboração de sistemas e de *websites*) de pequenas e médias empresas (RELATO RECICLANDO TALENTOS, 2020).

A Reciclando Amor conheceu as artesãs ainda quando eram do grupo Pescando Arte, em 2008. Esse contato se deu por meio de uma integrante do De Mãos Dadas, que informamente, relatou a história do grupo e, com isso, despertou o interesse da Reciclando Amor em conhecer melhor as artesãs e seus trabalhos. Além de ter o artesanato na sua origem, ou seja, ter tido familiares que faziam artesanato como *hobby*, e, por isso, apreciar esse tipo de arte, a Reciclando Amor se encantou com a Pescando Arte:

> *[...] a historia de vida delas também, isso tudo foi me atraindo, mesmo porque eu estou desde que elas começaram, desde o iniciozinho lá, quando tiveram a primeira reunião. Então eu sempre acompanhei e, a partir desse momento, eu já comecei a oferecer tudo que eu podia pra colaborar com que elas realmente tivessem uma evolução, uma propagação do nome, uma propagação do trabalho delas que eu sempre achei encantador, fantástico. E só o fato de reciclar algo que é tão danoso pra natureza, é também apaixonante né, ainda mais nos dias de hoje né, onde o pouco caso com a natureza é incrível né*. (RECICLANDO AMOR).

Ao reciclar os materiais descartados pelos pescadores, as Redeiras, conforme Dufays e Huybrechts (2014) agem de acordo com os empreendedores sociais, os quais reconhecem uma necessidade social local, desenvolvem suas ideias e buscam solucionar um problema social da comunidade. Os mesmos autores afirmam que os empreendedrores sociais estarem enraizados na comunidade local é uma chance de reconhecer oportunidades, buscar parceiros de negócio adequados e explorar recursos locais. O jornal Diário Popular (2018) destacou o olhar das Redeiras para a colônia de pescadores Z3:

> O Grupo Redeiras é formado por artesãs da Colônia de Pescadores Z3, às margens da Lagoa dos Patos, e surgiu da necessidade do reaproveitamento das redes de camarão e peixes descartadas pelos pescadores do local. (DIÁRIO POPULAR, 2018, s./p.).

A Reciclando Amor é o apoiador que está há mais tempo acompanhando o trabalho das Redeiras e, conforme relatado pela empresa, foram características do grupo que motivaram o parceiro de negócio a manter o suporte às Redeiras:

> *[...] as Redeiras elas tem essa vontade, é uma coisa muito importante que elas têm: união. Elas pensam coletivamente, e isso pra mim pensar coletivamente é decisivo porque se não pensar dessa forma não tem futuro, entendeu? [...] Esse desejo de união para ficar forte, né. De união para se fortalecer. Então isso é o que realmente me fez dedicar tempo a elas... é isso ai... é saber que elas querem, então se elas querem eu acho que tem que ter incentivo e eu dentro do que eu posso eu incentivo sempre*. (Reciclando Amor).

Para a Reciclando Amor, o trabalho das Redeiras é simbólico e inspirador, pois o produto gerado por elas carrega a história de vida de cada uma e é inovador quanto ao destino dos resíduos gerados pela pesca (RECICLANDO AMOR, 2020). Por todo envolvimento que o parceiro de negócio Reciclando Amor tem com as Redeiras, o sentimento de realização e amizade transparece em ambos:

> *Ser um parceiro das Redeiras é uma realização pessoal, poder colaborar com alguém que está envolvido com artesanato e alguém comprometido com o coletivo [...] e ainda pra completar colaborando com a natureza.* (RECICLANDO AMOR).

> *[...] e quando eu vi aquele grupo ali com aquelas ideias e com aquele trabalho fantástico, não tive... foi imediato, foi na hora, "quero ajudar, quero colaborar, e vamos vencer" e cada degrau que elas atingem pra mim.... bom hoje eu falo "nós" quando eu falo das Redeiras né.* (RECICLANDO AMOR).

> *[...] tem uma pessoa que está lá até hoje, que começou de graça e hoje a gente paga por reconhecimento [...] a Reciclando Amor fez o site pra nós, nos deu o site nos primeiros anos, criou o site, montou a página, fazia as comunicações totalmente gratuito... [...] independente da gente pagar ou não ele sempre teve a disposição da gente.* (EUDORA).

O alcance que o trabalho das Redeiras atingiu, para a Reciclando Amor, pode servir de

estímulo para a comunidade enxergar novas formas de exploração local e alternativas de negócios:

> *Eu acho que isso é um estímulo pra eles, eu acho que é um grande estimulo pra eles pra todo o pessoal de lá. Porque hoje elas são reconhecidas em toda a região, no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo. Porque elas são reconhecidas na Europa, na Espanha, na Italia, nos Estados Unidos [...] esse reconhecimento - de artistas brasileiros que conhecem isso - eu acho que deve impactar bastante na comunidade de forma... no psicológico né. Estimulando as novas criações, novos empreendimentos, entendo eu que seja isso*. (RECICLANDO AMOR).

Shaw e Carter (2007) compartilham dessa percepção da Reciclando Amor, de que a comunidade local pode vir a se engajar em novas iniciativas sociais devido a eles perceberem a confiança e a credibilidade do trabalho desenvolvido com parceiros de negócio. Sendo assim, o empreendimento social feminino das Redeiras, com o suporte de seus apoiadores, pode trazer novas perspectivas para a comunidade onde está atuando.

Diante do trabalho realizado com os três parcerios, a entrevistada Admete relata a importância dos grupos de artesãos terem um apoiador:

> *A gente quando conversa com os artesãos a gente vê que, seja aqui ou lá do outro lado do país, não importa... sempre o que mais faz falta é isso... uma pessoa que acredite nos grupos, que dê um empurrão porque a gente é muito bom de produção, mas a gente não é de administração, a gente não é de logistica, de nada disso sabe...* (ADMETE).

Assim como é sugerido por Jiao (2011), o apoio de terceiros para o estímulo à educação, o incentivo financeiro e o acompanhamento dos empreendimentos sociais contribuem positivamente para que esse tipo de negócio se fortaleça.

Além dos três parceiros de negócio destacados pelas Redeiras, uma pessoa em particular foi lembrada por todas as integrantes do grupo devido a sua contribuição para a formação e continuidade do empreendimento. Apesar de não ser uma organização, a Redeira Eudora é considerada pelas Redeiras uma parceira do grupo e, por esse motivo, também foi feita a descrição e análise dessa pareceria.

A Redeira Eudora começou a trabalhar com as Redeiras ainda quando era consultora externa da De Mãos Dadas. Depois de finalizada a parceria, Eudora decidiu continuar dando suporte ao grupo voluntariamente, pois havia se envolvido com as artesãs:

> *[...] eu fui pra lá a trabalho, profissional, me apaixonei, acreditei, entrei de cabeça no projeto, acabei me envolvendo com as pessoas e com as famílias das pessoas, e foi amor à primeira vista [...] eu só entrei oficialmente na associação por exigência delas, porque elas me obrigaram, eu disse pra elas que não precisava eu fazer parte da associação que não ia mudar o meu trabalho com elas, que eu não ia deixar elas [...]e ai acabei fazendo carteirinha (de artesã), por exigência delas eu acabei me botando na associação junto com elas né, mas não mudou o meu trabalho com elas,*

> *a minha relação com elas, isso não interferiu em nada, só oficializou uma coisa que era desejo delas [...] que eu fizesse parte realmente da associação delas*. (EUDORA).

O comprometimento e a dedicação de Eudora junto ao grupo foi, segundo as Redeiras, fator determinante para que o grupo chegasse onde está. Por isso, o reconhecimento de Eudora como artesã e como membro da associação das Redeiras foi tão importante para elas:

> *O maior parceiro das Redeiras hoje já é uma associada [...] porque foi a pessoa que mais acreditou na gente, acreditou mais do que nós mesmas quando esse projeto começou [...]e nos apoiou em todos os sentidos até hoje, assim, é o nosso anjo da guarda, sem ela a gente não existiria*. (ADMETE).

> *[...] e a Eudora começou como consultora da De Mãos Dadas e ficou com nós, nossa fada madrinha até hoje. Hoje ela é uma artesã. Agora ela faz parte do grupo*. (AMATHEIA).

> *[...] Agora como a Eudora nos ajudou não tem comparação, né [...] hoje a gente diz que a Eudora é o nosso anjo, se não fosse ela o grupo não estaria de pé.* (PLEIONE).

Muito do suporte que Eudora dá ao grupo diz respeito não só a habilidade de gestão, como também de condições de infraestrutura, pois Eudora reside no centro da cidade de Pelotas, o que facilita o acesso a internet e telefone, ou seja, agiliza o contato comercial do grupo, conforme relato da entrevistada Pleione:

> *[...] a nossa internet é muito ruim, quando o nosso celular já não é grande coisa, a nossa internet era via rádio, agora a gente conseguiu uma internet que está entrando aqui na Z3, mas é muito ruim. Então a Eudora no centro de Pelotas consegue fazer as coisas melhores né*. (PLEIONE).

O trabalho de Eudora realizado junto às Redeiras é percebido também pelos outros parceiros de negócio que relatam a relevância dela para a continuidade do grupo:

> *A Eudora na verdade é o cérebro e o coração... sei lá... é a vida das Redeiras, praticamente o maior percentual de continuidade das Redeiras chama-se Eudora. É graças a ela, ela está sempre levantando feiras e eventos e a Eudora não para, é impressionante.* (RECICLANDO AMOR).

> *[...] a Eudora é uma super protetora delas, às vezes eu brinco com ela... "tu protege muito, tu tem que deixar elas fazerem por elas porque senão depois tu sai elas não fazem" [...] mas é assim que elas querem, elas querem esse auxilio da Eudora, porque elas se sentem confortáveis assim, elas se sentem bem assim [...]a Eudora agiliza tudo e é uma pessoa que faz de coração também, que gosta [...]eu vejo que a Eudora hoje é praticamente uma administradora do grupo, porque ajuda nos contatos, ajuda na gestão financeira do negócio, do pedido, vê pra quem vai, pra onde vai, então elas tem esse apoio*. (DE MÃOS DADAS).

Assim como a relação de confiança entre as Redeiras com a parceira Eudora se solidificou com o passar dos anos, Limeira (2018) argumenta que a confiabilidade entre os parceiros de negócio se dá por meio da troca de aprendizagem e pelo tempo de

relacionamento. Além disso, o sucesso de uma relação de parceria depende, segundo Klotzle (2002), de uma relação sólida entre os participantes, da valorização dos parceiros de negócio e da troca de conhecimento e habilidades entre os apoiados e os apoiadores.

3.2.2 Fatores do Ambiente Institucional

Ao se iniciar as análises dos fatores do ambiente institucional, cabe relembrar que se trata, de acordo com Jiao (2011, p. 139), do "apoio governamental, competição dentro do setor e políticas públicas", aspectos esses que podem alavancar o empreendedorismo social. Todavia, nesta pesquisa, faz-se importante considerar o contexto onde o empreendimento das Redeiras está inserido, neste caso, sobre a Colônia de Pescacores Z3. Esses elementos fazem parte dos eixos desta investigação, conforme sinalizado na introdução deste trabalho.

A Colônia de Pescadores Z3, conforme menciona Drehmer et al. (2017), possui problemas sociais, ambientais e econômicos, além de ser um local de pouca atuação do poder público. Corroborando com essa perspectiva, o relato das entrevistadas sinaliza a insatisfação quanto à atuação dos órgãos públicos:

> *[...] o forte (da pesca em Pelotas) tá aqui na colônia Z3. Eu acho assim, que é muito desleixado, muito jogado, eu acho que não tem muito interesse (dos órgãos públicos). Se eu vou dizer no geral, eu digo é isso, eu acho que é abandonado.* (ADMETE).
>
> *A gente é meio esquecido aqui, é complicado, a gente é meio deixado de lado nessa parte (dos órgãos públicos).* (GALENE).
>
> *[...] estamos esquecidos.* (DORIS).
>
> *A Z3 cresceu muito e são os mesmos funcionários da limpeza, pra tudo, eu acho que agora tá tudo muito desleixado, muito atirado.* (PLEIONE).

Contudo, na colônia Z3 reside um povo forte e lutador (MICHEL; MICHEL, 2011), características essas que sustentam o sentimento de acolhimento que algumas delas têm por esse lugar:

> *Eu nasci aqui, eu me criei aqui, eu conheço todo mundo né... não penso em sair*. (GALENE).
>
> *Eu posso ter saído do Estado, mas o coração ficou no mesmo lugar, continua no mesmo lugar, é um orgulho fazer parte da Z3*. (HALIA).
>
> *É minha vida, eu amo esse lugar*. (AMATHIA).
>
> *Eu moro na colônia assim, sempre fui apaixonada por tudo que a colônia trazia, e as pessoas daqui...* (PLEIONE).

Ainda que a comunidade busque por melhores condições sociais, um dos grandes desafios enfrentados pela colônia de pescadores Z3, assim como outras comunidades de pesca artesanal, é a escassez do pescado (MENDONÇA, 2018; MOURA et al., 2016; VIVACQUA, 2012). Essa problemática é percebida pelo parceiro de negócio Reciclando Amor e vivenciada por algumas integrantes do grupo Redeiras:

> *Não é uma vida fácil ser pescador, nem um pouquinho. E hoje mais difícil ainda porque está mais difícil ainda o produto deles. É pouco valorizado, isso é um fato*. (RECICLANDO AMOR).

> *De primeiro a nossa colônia tinha muito pescador, hoje em dia pela falta do peixe mesmo tem bem menos, os filhos dos pescadores já não querem mais pescar. Eu tenho 2 filhos e nenhum dos dois pescam. [...] O grande (filho) gosta da pescaria mas sabe que não pode viver daquilo, a situação financeira não é boa né, o retorno não é bom*. (PLEIONE).

> *[...] tá difícil (a situação da Z3) porque a pesca mesmo em si ela está muito difícil, os mais antigos que dependiam da pesca só eles trabalham mesmo porque o pessoal mais novo mesmo não, eles trabalham fora, trabalham no centro, vão para as granjas pra trabalhar... a gente vê assim que está parando... de pouquinho está parando porque não está tendo continuidade né... os filhos já não querem mais*. (GALENE).

> *[...] a pescaria parece que cada vez tem menos. Esse ano o camarão - a FURG - tinha feito umas pesquisas que seria uma safra super boa de camarão, mas não foi - a safra foi pouca, foi curta [...]. E esse ano foi em bem ruim a safra. Teve estudos e a água estava baixa, teve uma baita de uma seca e precisa ter seca e não foi o esperado [...] e atinge todo mundo né, até quem não trabalha diretamente na pesca, porque como é uma comunidade pesqueira, todo mundo acaba tendo um parente ou familiar que está envolvido de uma forma direta ou indireta então atinge muita gente*. (ADMETE).

O fato de a maioria das pessoas da comunidade pesqueira estarem envolvidas no processo da pesca propicia um alto nível de empregabilidade (RAMIRES et al., 2012), além de ter uma importante função social (MENDONÇA, 2018) nesse ambiente. Entretanto, conforme demonstraram os entrevistados, é preciso um cenário pesqueiro favorável para que as dificuldades econômicas na comunidade sejam amenizadas.

Em resposta a esse ambiente de instabilidade, as mulheres das colônias de pescadores passaram a se organizar socialmente e, com isso, buscar melhores condições de vida, de justiça social e ambiental (BRITO, 2019). Na Colônia de Pescadores Z3 elas vêm conquistando seu espaço (MOURA; LOUREIRO; ANELLO, 2016), mas a opinião das entrevistadas quanto a representatividade das mulheres na comunidade mostrou o quanto esse assunto ainda provoca divergências. Enquanto algumas delas não percebem a organização social das mulheres da colônia, outras destacam suas participações:

> *Olha a gente se representa muito pouco sabe, muito pouco a gente se faz representar também porque a gente já foi convidada pra participar de vária coisas*

> *mas a gente se faz representar muito pouco [...] embora a mulher trabalhe bastante é bem pouco representada.* (PLEIONE).
> *[...] as mulheres são mais interessadas que os homens. Esse ponto assim, elas são mais participativas que os homens, se tem uma reunião ou qualquer coisa, por exemplo, na comunidade, as mulheres são as primeiras. Elas até comando se possível. Porque lá é a mulher mesmo que dá o cheque-mate. Mas as mulheres são mais dentro dessas coisas de reunião e essas coisas*. (HALIA).

A respeito dessa diferença de posicionamentos, Gerrard (2009) alerta que há necessidade de alinhamento na organização do trabalho feminino na pesca para que as instituições públicas deem a devida atenção a essa classe. Mesmo diante da situação precária da pesca e do engajamento imaturo quanto às questões femininas, as Redeiras encontraram no artesanato uma forma de empreender socialmente olhando para os recursos naturais da colônia. Apesar do trabalho delas ter sido noticiado nos jornais locais e regionais diversas vezes ao longo de sua trajetória (conforme apresentado nos quadros 3 e 4), o apoio do poder público a elas foi lembrado em momentos específicos:

> *O que a gente tem que teve o apoio da prefeitura, foi a loja que nos temos ali no mercado, o espaço que são de 3 grupos de artesanato, Redeiras, Bichos e Ladrilã, naquele espaço foi que a prefeitura não cobrou a joia de ingresso, porque hoje o missionário do mercado tem que dar aquele lance de joia de entrada, e lá na loja entre nós, nós não precisamos porque foi a prefeitura que numa parceria junto com a De Mãos Dadas, nos concedeu o espaço, a gente paga o aluguel, mas a gente não pagou o espaço pra entrar então não deixa de ser um apoio de órgão publico, claro muito pequeno, limitado, mas nos ajudou muito a entrar na loja e a ter uma loja no mercado*. (EUDORA).

Ainda sobre esse assunto, Favilla (2016, p. 132) informa que, de fato, esse suporte do governo municipal para as Redeiras ocorreu:

> A Secretaria de Turismo de Pelotas também se fez parceira estratégica, garantindo um importante espaço de visibilidade e de vendas de suas peças: a loja no Mercado Público da cidade, em funcionamento há mais de dois anos.

Outro momento em que as Redeiras puderam contar com o suporte de órgãos governamentais, foi quando elas buscaram o auxílio do IBAMA para utilizarem as redes de pesca apreendidas, conforme os relatos:

> *A gente já teve que pegar rede até do IBAMA, até o IBAMA já esteve envolvido em Rio Grande pra tu teres uma noção. A rede que eles apreendem dos pescadores, eles descaracterizam e eles nos deram as redes. Por 2 ou 3 vezes tivemos que pegar rede do IBAMA porque não tinha rede aqui e tinha muita encomenda e não tinha rede*. (ADMETE).

> Para atender a estes pedidos, o grupo tem recorrido ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais (IBAMA) que repassa redes apreendidas, que seriam incineradas - em novembro, foram três solicitações atendidas. (DIÁRIO POPULAR, 2016, s./p.).

Além dessas situações pontuais, a entrevistada Eudora relatou que em alguns

momentos o apoio dos órgãos públicos se deu através da disponibilização de espaços em eventos:

> *Fora isso, é algum outro espaço em evento municipal que te dão, espaço pra ti comercializar teus produtos, Estado, Nacional também. O que que a gente tem de outros órgãos que é com dinheiro nacional é participação em feiras que aí vem via De Mão Dadas, [...] ou aquele programa de artesanato brasileiro que é ligado ao Governo Fderal aí a gente vai participar de feiras de comercialização sem pagar o espaço. É esse tipo de apoio que gente tem*. (EUDORA).

Ao receber esse tipo de apoio, o empreendimento social feminino das Redeiras teve mais oportunidade de fazer negócios, propagar seu nome e compartilhar sua história. Essas *~~li~~limitadas ações"*, expressão utilizada por Eudora, demonstram que existe um grande espaço a ser preenchido pelos órgãos públicos no que tange ao suporte de empreendimentos sociais. Yee et al. (2019) acresentam que o incentivo dos órgãos públicos a esse tipo de negócio interfere positivamente na vida econômica e social das comunidades.

Em virtude do trabalho artesanal realizado pelas Redeiras e pela forma como se organizam, elas tiveram a oportunidade de compartilhar suas técnicas e saberes com outros grupos de artesãos:

> *[...] recebemos aqui (na colônia Z3) comunidades de vários outros lugares, que a historia das Redeiras, a organização das Redeiras serve de exemplo pra muita gente.* (EUDORA).

> Três integrantes do Redeiras ministrarão oficina no Sesc Pompeia, na capital paulista. [...] Nelas, repassarão técnicas de lavagens, cuidados e conservação de matérias-primas e confecção de peças em crochê e tecelagem em tear de pregos e com escamas de peixe. (DIÁRIO POPULAR, 2018, s./p.).

A atitudude das Redeiras em dividir suas experiências com outros grupos, segundo Bignetti (2011), é característica dos empreendimentos sociais, pois eles procuram difundir o conhecimento entre as comunidades e entre as empresas. Dessa forma, os empreendimentos sociais criam uma rede de ajuda mútua que fortale seus negócios e seus propósitos.

Portanto, os fatores do ambiente institucional podem impulsionar favoravelmente o empreendedorismo social (JIAO, 2011). Com isso, percebe-se através do empreendimento social feminino das Redeiras que o apoio dos órgãos públicos – apesar de pontual – foi importante para a divulgação da marca, que a relação saudável com os concorrentes abriu caminhos para novas perspectivsas de negócio e que o incentivo a políticas públicas em prol dos empreendimentos sociais podem fazer diferença para essas mulheres artesãs.

3.2.3 Fatores Pessoais

Neste estudo, conforme informado na metodologia, utilizou-se como base o modelo conceitual de Jiao (2011) para analisar o empreendimento social feminino das Redeiras. Entretanto, foram necessárias algumas adaptações nos fatores pessoais, tendo em vista que o tema central desta investigação é o empreendedorismo social feminino. Cabe lembrar que os fatores pessoais – nesta pesquisa – referem-se à realização pessoal, à valoriazação e à realização profissional das mulheres artesãs. Dessa forma, nesta subseção serão analisadas as últimas três categorias referentes aos fatores pessoais a fim de atender aos objetivos específicos deste estudo.

3.2.3.1 REALIZAÇÃO PESSOAL

Ao abordar a categoria da realização pessoal é importante recordar que se tratam das características das empreendedoras sociais em estarem atentas as necessidades do próximo (NISHIMURA; ALPERSTEDT; FEUERSHÜTTE, 2012) e das mulheres terem um perfil multifacetado (JONATHAN, 2005).

No início da atuação das Redeiras, as artesãs destacaram a necessidade de auxiliar financeiramente a família e ter uma opção de atividade de lazer como os principais motivos para entrar no grupo:

> *O que me motivou: primeiro foi gerar renda para a minha família e segundo porque é uma coisa que eu gosto, que eu sempre gostei, que sempre teve uma ligação comigo então por isso eu fui mais pra esse lado*. (ADMETE).
>
> *Eu desde criança eu gosto de fazer coisinhas assim... inventando coisa... é tricô, é crochê... eu to sempre fazendo uma coisa e outra*. (METIS).
>
> *[...] a gente vem pra casa, e quando tu trabalha muito e tem muita coisa, a casa começa a te.... sei lá.... não te dá aquela... tu não tem o teu dinheiro, tu não tem aquela.... "ah o que que eu vou fazer em casa parada né...". No mar as coisas são muito movimentadas, no meu caso foi assim... eu queria ter uma alternativa porque aí a criança vai pro colégio, a gente fica parada né. Eu já fazia artesanato, mas era coisa pouca, crochê, pano de prato, fazia pouca coisa...*
> *[...] a gente fica em casa e como diz a vida.... fica só na casa, não faz nada além disso né. E aquilo ali (o grupo de artesanato) é novo né, é um desafio*. (AMATHEIA).

Porém, na medida em que o trabalho das Redeiras conquistava novos espaços, houve a necessidade de terceirizar a customização da matéria-prima, pois conforme a descrição do *site* Artesol, trata-se de um trabalho artesanal de várias etapas e que demanda tempo:

> As redes recolhidas são aquelas descartadas pelos pescadores, quando já utilizadas ao longo de cinco safras. As artesãs então retiram a sujeira grossa das redes e as lavam várias vezes até extrair todo resíduo. Depois de limpas, as redes são recortadas e transformadas em rolos de fios que serão usados para confeccionar os produtos. As escamas também passam por processo de limpeza e depois de secas são lixadas manualmente pelas artesãs que lhes dão a forma que desejam. Por fim, são unidas à prata para o acabamento final. (SITE ARTESOL, [S.I.]).

Como forma de atender as demandas comerciais, as Redeiras passaram a envolver a comunidade em seu processo de artesanato. Hoje elas percebem que o trabalho que elas desempenham envolve outros moradores da colônia Z3:

> *As Redeiras hoje não é só aquele grupo de nove mulheres, hoje é várias famílias que dependem das Redeiras [...].* (EUDORA).

> *[...] têm outras famílias, outras mulheres que cortam o fio pra gente sabe, e aí elas conseguem rede, a gente compra, então quer dizer que a gente ajuda (a comunidade).* (GALENE).

> *[...] tem muita gente hoje cortando, lavando fio, cortando fio, vendendo fio, eu acho que sim (que ajuda a comunidade). Tem muita gente que não faz parte do grupo, mas fazem diretamente sabe...* (DORIS).

Documentos lançados na mídia também reconhecem o trabalho das Redeiras como benéfico para a comunidade:

> Considerando as encomendas constantes e os novos clientes, as artesãs tiveram que buscar ajuda na comunidade e passaram a envolver familiares e vizinhos para poderem atender aos pedidos. A busca da rede jogada fora pelo pescador, sua lavagem e recorte em fi o, passou a ser fonte de renda para muitos outros. Também ensinaram a técnica do tear para familiares e quando o pedido supera a capacidade de produção do grupo, estas são chamadas. (PELOTAS IMATERIAL: SABERES, FAZERES E OFÍCIOS, 2018, s./p.).

Dessa forrma, apesar do empreendimento social feminino das Redeiras não ter iniciado com a pretenção de envolver positivamente alguns moradores da colônia Z3, percebe-se que o trabalho delas tem relevância para a comunidade, o que, de acordo com Nishimura, Alperstedt e Feuershütte (2012), caracteriza o olhar atento que as emprendedoras sociais têm para as necessidades das pessoas. Segundo Prêmoli e Souza (2012, p. 6), as empreendedoras sociais podem ~~–a~~lterar a realidade de algumas pessoas não tão favorecidas na sociedade" e nota-se que as Redeiras fazem isso.

Jonathan (2005) afirma que as mulherem têm capacidade de elaborar e excecutar várias atividades ao mesmo tempo, ou seja, ter múltiplos papéis. E na comunidade pesqueira não é diferente, pois as principais responsabilidades das mulheres são cuidar dos filhos, gerenciar a casa e zelar pela familiar, embora elas também participem das atividades econômicas da pesca (LEITÃO, 2013). Nessa lógica, as artesãs Redeiras possuem diversas funções, como declaram as entrevistadas Eudora e Pleione:

> *[...] elas (Redeiras) se envolvem muito com a questão família, todas elas... cuidam de mãe, ou cuidam de pai, ou tem filho pequeno e levam o artesanato em paralelo [...] e tem aquela que na época da pesca tem que fica mais a disposição em casa porque tem que assumir a função da casa toda porque o marido vai ficar fora o dia inteiro, tá no mar, aquela história toda [...] passa assim... ela tem que assumir a casa praticamente sozinha. E quando ele chega, ela limpa camarão, ela estoca, ela faz isso, e ela ajuda em casa né*. (EUDORA).

> *Eu sempre digo que a mulher é a chefe da casa dela na medade do ano e a metade do ano não, porque eu sempre falo para as gurias "olha o meu marido tá em casa ele manda", mas ele nunca está em casa porque ele está sempre no mar. Então tem certas decisões que a gente toma sozinha, tu tens que tu decidir o que tu achas melhor pro teus filhos, pra tua casa, pra algum problema, tem que ser decidido pela gente mesmo, eu digo que a gente é mãe-pai metade do ano*. (PLEIONE).

Por causa dessas várias atribuições, as Redeiras sinalizaram que o fato delas trabalharem em casa ajuda a conciliar as demandas profissionais com as pessoais, o que demonstra a busca da mulher empreendedora por uma rotina flexível (SOUSA RAMOS; VALDISSER, 2019). A necessidade de tentar adapatar as suas tarefas pessoais com as profissionais é, conforme Alperstedt, Ferreira e Serafim (2012, p. 2), porque ~~as~~ mulheres, por conta de sua construção histórica atrelada ao gênero feminino, enfrentam ainda dificuldades extras quando empreendem". Segundo Mallon e Cohen (2001), a possibilidade de conciliar a jornada de trabalho com as rotinas familiares é uma das razões para que as mulheres optem em abrir um negócio próprio e fazer parte do grupo Redeiras dá essa oportunidade para as artesãs:

> *[...] a gente tem essa liberdade para trabalhar né. Eu trabalho em casa, faço meu horário, posso cuidar da minha filha pequena e que me toma bastante tempo e tenho a minha própria renda, então o que que eu quero?* (ADMETE).

> *O serviço da casa já me... e eu tenho a minha mãe também. Então eu já me ocupava muito tempo e das Redeiras não, a gente já trabalha em casa, é mais tranquilo, eu não preciso sair, então pra mim foi muito bom.* (GALENE).

> *Eu posso sair quando eu quero sabe, eu vou viajar, eu tenho essa liberdade*. (DORIS).

Embora as Redeiras consigam complementar sua renda familiar, oportunizar aos moradores da colônia Z3 outras opções de atividade – fora da pesca – e conciliar suas atribuições profissionais com as pessoais, o motivo pelo qual a maioria delas permanece no grupo está relacionado a união do grupo e ao prazer em fazer artesanato:

> *A paixão que eu tenho pelo trabalho delas e por elas*. (EUDORA).

> *Eu adoro muito o que eu faço, das gurias também, do grupo*. (ADMETE).

> *A gente se sentiu uma família*. (DIONE).

> *Eu acho que essa preocupação, essa união do grupo é que nos mantêm*.

> (PLEIONE).
>
> *Eu gosto (de fazer artesanato), eu não me imagino em outra coisa*. (HALIA).
>
> *O apego sempre é bom, ter um desafio. E a amizade, o carinho pelas gurias, tudo isso*. (AMATHEIA).

O empreendimento social feminino das Redeiras, assim como outros empreendimentos femininos, consegue elevar a autoestima das empreendedoras (COLLERETTE; AUBRY, 1990), gerando um sentimento de realização pessoal, conforme dito nas entrevistas:

> *Eu, na minha vida pessoal eu melhorei muito. Eu acho que [...] a mulher ter o seu proprio sustento sabe, tu quer te vestir, tu quer comprar uma coisa pra um filho, isso ai faz a diferença numa familia, num relacionamento, em tudo né*. (ADMETE).
>
> *[...] pra mim realização pessoal é que eu pude ser a Eudora que gosta de ser, elas permitiram que eu fosse quem eu realmente gosto de ser, sabe. O prazer de trabalhar é muito maior, tu saber que tu é aceita do jeito que tu é e elas me aceitaram do jeito que eu sou*. (EUDORA).
>
> *[...] depois que a gente entrou nas Redeiras a gente começou a ter um objetivo. Porque a nossa vida ali de pesca é pescar, trazer pra casa pra industrializar, vender e vender é aquela coisa de entregar pro freguês, aquela coisa de sempre, não muda o rítimo, então essa era a minha vida*. (HALIA).

O significado que o artesanato tem para as Redeiras também é evidente para quem as noticia:

> Esse trabalho traz em cada produto um pouco da vida dessas mulheres artesãs, que além da beleza artesanal também somam ao trabalho um monte de realizações pessoais. (JORNAL O PESCADOR, abril de 2011, s./p.).

O grupo Redeiras, ao longo da sua trajetória, foi percebendo que seu empreendimento social poderia auxiliar não só o meio ambiente, mas também algumas pessoas da colônia Z3, o que caracteriza o olhar atento que as empreendedoras sociais têm às necessidades do próximo (NISHIMURA; ALPERSTEDT; FEUERSHÜTTE; 2012). Além disso, as Redeiras assumem várias tarefas, ou seja, têm um perfil multifacetado, elemento impulsionador para que mulheres queiram abrir um negócio (JONATHAN, 2005). Desse modo, o empreendedorismo social feminino pode ser um fator de realização pessoal para as artesãs Redeiras (CRUZ, 2012; CALAS; SMIRCICH; BOURNE, 2009).

3.2.3.2 VALORIZAÇÃO

Ao considerar a Valorização como uma das categorias de análise deste estudo, convém esclarecer – conforme já mencionado na metodologia deste trabalho – que as empreendedoras sociais enxergam em seu negócio uma oportunidade de elevar a autoestima (COLLERETTE;

AUBRY, 1990), pois elas encontram uma possibilidade de ascensão profissional, o que minimiza o sentimento de frustração (BENNETT; DANN, 2000).

Dentro do contexto da comunidade pesqueira, a mulher pescadora ainda busca por reconhecimento e valorização do seu trabalho devido a dominação masculina presente nesse ambiente (MELO; LIMA; STADTLER, 2009). Essa associação ao domínio masculino na atividade pesqueira (WOORTMANN, 1991) é percebida tanto pelas mulheres da colônia Z3, quanto por aquelas que não moram na comunidade, mas que a frequentam:

> *[...] o pescador é muito machista, ele é muito dominador, ele acha que o bote é dele, tu vai pra ajudar um pouquinho, mas não é aquela coisa toda*. (PLEIONE).

> *[...] o que eu observo na comunidade é que existe uma cultura machista [...]mas elas (mulheres) fazem, elas participam, elas estão lá na volta, elas ajudam eles, elas cuidam de filhos, elas fazem tudo, elas são envolvidas diretamente com eles*. (EUDORA).

Ao longo das gerações, as mulheres pescadoras vão traçando um caminho em busca de um olhar igualitário quanto à valorização do seu papel na comunidade pesqueira e os resultados disso aparecem nas suas percepções:

> *[...] eu acho que aqui é um lugar de mulher bem forte, já passei a maior parte da minha vida aqui e admiro as mulheres que vieram bem antes de mim, eu tenho o exemplo da minha sogra que já passou muito trabalho nessa área de pesca, de fazer comida pra vários pescadores de madrugada, chegar com frio, hoje já não é tanto assim, então admiro essas mulheres que vieram antes né... e fizeram tudo isso caladinhas, quietinhas [...] hoje as mulheres estão mais empoderadas, mais fortes [...]a nova geração, agora aí essa faixa etária de 20, 30 anos [...] já estudaram mais, entendem mais outras coisas e falam sobre direitos*. (ADMETE).

> *[...] faz pouco tempo que a mulher recebe (seguro desemprego), porque eles achavam que a gente não precisava receber, eles recebiam como chefes, como maridos e achavam que a mulher não precisava receber [...] o pescador recebe a mais de vinte anos, mas mulher de pescador não recebia, não tinha essa valorização.* (PLEIONE).

Nesse depoimento da entrevistada Pleione, o que aparece é o papel dos órgãos públicos na (in)validação do trabalho da mulher pescadora. Hellenbrandt (2017) enfatiza que são necessárias políticas públicas adequadas para que os diretos das mulheres dessas comunidades também sejam assegurados. Diante de um ambiente onde as condições de trabalho, salários e direitos enfatizam a vulnerabilidade da mulher da comunidade pesqueira (SANTOS; TIMÓTEO, 2019), elas buscam por novas oportunidades de trabalho e se organizam em detrimento da comunidade e delas próprias (MELO; LIMA STANDTLER, 2009).

A entrevistada Admete compartilha da dificuldade de acesso a emprego e educação na colônia Z3: *"todo mundo precisa trabalhar e aqui a gente não tem muita oportunidade né, de*

trabalho e pouco estudo também". Esses elementos, conforme Bennet e Dann (2000), contribuem para a baixa autoestima.

O grupo Redeiras precisou superar barreiras, pois no início dos trabalhos com artesanato, familiares, companheiros e a comunidade não as encorajaram e até mesmo desacreditaram na proposta de trabalho delas:

> *No início os maridos não queriam me ver nem pintada né, eu tava roubando as mulheres deles né, então eu chegava lá e eles ficavam me olhando com aquelas cara tudo atravessada pra mim [...] porque eles não acreditavam que o artesanato fosse dar certo.* (EUDORA).

> *[...] inclusive a própria família acreditar no trabalho né, que no inicio também não acreditavam né, isso aí é uma coisa que... bem... os maridos mesmo se invocavam que fazia muita reunião, que fazia muita conversa e ganha alguma coisa que era bom não se ganhava, aí depois dos anos passados...* (ADMETE).

> *[...] quando a gente começou a gente praticamente tinha que implorar uma rede, ou juntar na beira da praia ou pedir num galpão. "Ah, por favor, tem uma rede velha pra me dar?" [...] jogavam no lixo, mas não te avisam nada, sabe...* (ADMETE).

O parceiro de negócio Reciclando Amor também presenciou algumas dificuldades que o grupo enfrentou, conforme relatado e demonstrado na Figura 12 e 13:

> *As redeiras elas tiveram uma grande dificuldade lá no inicio quando elas começaram a fazer algum dinheiro, vamos dizer assim. Com os próprios maridos né, e começaram a se expor, até teve um trabalho lá no comecinho que foi bem impactante que foi feito ainda pelo pessoal do De Mãos Dadas, que foi uma sessão de fotografias, foi a primeira sessão de fotografias dos produtos, que envolveu elas e que na época teve a ideia de fazer só elas envolvidas na rede dentro da água, aquilo foi assim.... um choque para os maridos porque até então eles tinham as esposas de baixo da asa deles, sem grandes possibilidades e a partir daquele momento eles começaram a sentir que estavam perdendo esse domínio total e foi bem impactante e algumas relataram que aquele momento foi bem difícil*. (RECICLANDO TALENTOS).



Figura 13: Artesãs Redeiras na sessão de fotos para o primeiro catálogo
Fonte: documentos da pesquisa (2020).



Figura 14: Artesãs Redeiras na sessão de fotos para o primeiro catálogo
Fonte: documentos da pesquisa (2020).

Contudo, no início, mesmo diante da falta de reconhecimento do trabalho artesanal feito pelas Redeiras, elas tinham umas as outras, o que caracteriza a união do grupo, além de terem vontade de mudar a sua condição de vida e do meio onde vivem (seja pela reciclagem dos resídos de pesca ou pelo retorno financeiro para alguns moradores da colônia Z3). Nessa perspectiva, Nishimura, Alperstedt e Feuershütte (2012) discorrem que as empreendedoras sociais possuem o desejo de realizar uma mudança social e infere-se que o empreendimento social feminino das Redeiras ofereceu uma oportunidade de reflexão sobre alguns paradigmas culturais da colônia Z3, como, por exemplo, o predomínio de homens em cargos de gestão na comunidade pesqueira (HELLEBRANDT; RIAL, 2017) e a empregabilidade da população ribeirinha restrita a atividade da pesca (RAMIRES et al., 2012; DIEGUES, 1988).

Com o grupo Redeiras, as artesãs conquistaram, mesmo depois de algum tempo, o reconhecimento e a valorização não só da comunidade, familiares e companheiros, mas também da sociedade e de especialistas na área:

> *[...] as minhas mulheres hoje estão valorizadas não só pelas vizinhas como pelos próprios maridos [...] hoje com os resultados todos [...] elas têm muita coisa... eles (os maridos) hoje tem elas como umas vitoriosas, umas heroínas, umas pessoas que tem credibilidade, são respeitadas [...]*. (EUDORA).
>
> *Aonde eu vou o pessoal (da comunidade) pergunta, tem gente interessada, perguntam como faz pra cortar o fio, e coisas assim sabe... se interessam mais, procuram mais*. (GALENE).
>
> *A gente é muito reconhecida, todo mundo gosta do trabalho, a gente recebe [...] muitos elogios e a gente fica contente né de fazer parte de um grupo assim*. (DORIS).
>
> *As nossas coisas foram até pra fora do Brasil, então isso ai é um orgulho pra nós, pra mim é um orgulho [...] Ninguem ia imaginar, era só uma vilinha bem pequenininha de tantos mil pescadores, uma rede que saiu daí, foi pros EUA, foi pra Europa, mas foi então é um orgulho pra mim*. (HALIA).

> *[...] é impressionante como atrai a atenção dos designers da área de moda, eles ficam assim... apaixonados quando eles vêem. Têm vários casos, isso aconteceu lá no Rio de Janeiro, São Paulo, enfim em vários lugares de pessoas com nome no mercado que se apaixonam quando olham (o produto).* (RECICLANDO AMOR).

> A demanda dos clientes de outras regiões é alta. Além do mercado nacional — São Paulo, Rio de Janeiro, Belém do Pará e Porto de Galinhas —, os produtos das redeiras de Pelotas têm encontrado espaço no mercado internacional, sendo comercializados nos países Espanha, França e Alemanha. (E-CULT MÍDIA ATIVA, 2018, s./p.).

> As artesãs da Z3 continuam dando show de criatividade em suas produções de rendas e bijuterias. Parabéns a todas as mulheres que orgulham a Z3 com seu trabalho. (JORNAL O PESCADOR, 04/2011, s./p.).

Com a valorização e o reconhecimento do seu trabalho, entende-se que as Redeiras aumentaram sua autoestima, fator esse que, segundo Collerette e Aubry (1990), estimula as empreendedoras sociais a abrirem seus negócios. Ademais, através do grupo Redeiras, elas contornaram suas frustrações na medida em que ascenderam profissionalmente, situação essa possível, conforme Bennett e Dann (2000), por causa do empreendimento social.

A maturidade das artesãs – adquirida ao longo da trajetória como Redeiras – é percebida e relatada pelo jornal local:

> [...] hoje, ao entrar na Banca 43 do Mercado Público de Pelotas, cujo nome é Artesanato da Costa Doce, a gente encontra mulheres com o olhar firme, a voz segura, a postura de quem sabe o que faz e a força que tem. (JORNAL DO LARANJAL, 2016, s./p.).

Dessa forma, compreende-se que o empreendimento social feminino das Redeiras trouxe para a comunidade uma oportunidade de se desenvolverem socialmente e promoveu a inclusão social das pessoas, como sugerem Campos et al. (2012). E para elas próprias, fazer parte do grupo Redeiras deu a chance de elas se sentirem valorizadas e reconhecidas pelo seu trabalho, ou seja, o empreendedorismo social pode auxiliar as mulheres a se sentirem valorizadas. (ESTIVALETE; ANDRADE; COSTA, 2018; COLLERETTE; AUBRY, 1990).

3.2.3.3 REALIZAÇÃO PROFISSIONAL

Acerca da categoria de realização profissional, neste estudo, sugere-se que a empreededoria social percebe a sua realização profissional na medida em que se insere em um mercado de trabalho menos competitivo e obtém, como principal retorno, a qualidade de vida (CALAS; SMIRCICH; BOURNE, 2009).

No contexto da atividade pesqueira, apesar da presença feminina ser essencial para a atividade da pesca (NETO, 2019), principalmente nas tarefas de pré e pós captura (GARCEZ;

SÀNCHES-BOTERO, 2005), o papel da mulher é permeado pela invisibilidade (HELLENBRANDT, 2019). Essa realidade é percebida por algumas artesãs Redeiras:

> *[...] aqui o que movimenta mesmo com o pescado depois que chega aqui é as mulheres né, praticamente as peixarias todas aqui da praia são mulheres que manipulam todo o pescado, fazem tudo*. (ADMETE).

> *[...] a gente é metade da parelha*[6] *e não tem o devido valor, tanto na documentação e no registro da mulher pescadora, a gente não tem o devido valor. Como é em tudo que é lugar, em todo campo de serviço a mulher também não tem o seu devido valor*.

Além disso, as mulheres também são atingidas pelo fato das comunidades ribeirinhas estarem com falta de recursos pesqueiros, pois elas necessitam buscar alternativas de renda para o sustento familiar (ALENCAR; SOUSA, 2019; MENDONÇA, 2018). Nesse ambiente de vulnerabilidade (SANTOS; TIMÓTEO, 2019), invisibilidade (HELLENBRANDT, 2019) e desvalorização do seu papel (MELO; LIMA; STADTLER, 2009), os empreendimentos sociais femininos propiciam à mulher uma oportunidade de gerar renda para se autossustentar (CRUZ, 2012) e, ao mesmo tempo, ter qualidade de vida como resultado (CALAS; SMIRCICH; BOURNE, 2009).

No grupo Redeiras, os ganhos financeiros das artesãs foram – para algumas – fundamental para sustentar a família em períodos de pesca escassa e para melhorar as condições familiares:

> *Já teve muitas vezes, não foram poucas, que eu ganhei mais com o meu artesanato do que o meu marido na pesca, muitas vezes, muitas vezes mesmo. Muita coisa que a gente tem hoje foi do meu trabalho. Querer comprar um móvel, querer comprar um eletro doméstico, coisa assim nesse sentido e eu poder comprar isso, então mudou (a vida financeira familiar)... na minha casa 100%.* (ADMETE).

> *A gente vê sim a diferença (situação financeira da família) porque pescaria é uma coisa que um mês é um horror e no outro mês não dá nada. Então tu tem que saber viver com a aquela coisa de estar sempre guardando né. E o artesanato não, o artesanato eu fiz e eu sei que eu vou receber. Então eu tô contanto com aquilo ali, e aquilo ali pra gente é uma ajuda né*. (PLEIONE).

> *[...] tu não tinha um retorno, não era um retorno legal que a gente tinha, a gente tava sempre correndo atrás... e agora não agora a gente já está mais estabilizada*. (GALENE).

A alternativa que as Redeiras encontraram para minimizar as dificuldades econômicas também foi noticiada em alguns veículos de comunicação:

---

[6] A pesca artesanal é levada a efeito pelas chamadas ―parelhas", espécie de sociedade de coparticipação, comporta de 20 a 30 homens [proeiros*], dos quais um é o proprietário e tem parte nos lucros maior que os demais (BARCELLOS, 1966, p. 21).
*Proeiros: que embarcam com as parelhas disponibilizando sua força de trabalho e seu conhecimento sendo que às vezes possuem redes (PASQUOTTO, 2005).

> A comunidade de Colônia tem sofrido com o declínio da pesca que por tanto tempo foi a principal fonte de renda das famílias [...] Com as dificuldades encontradas com a pesca, a atividade artesanal tem assumido importante lugar na geração de renda familiar, em que as mulheres são protagonistas. (SITE ARTESOL, [S.I.]).
>
> As nove artesãs tem hoje no artesanato uma renda mensal, que em vários meses do ano é a renda principal da família, quando a pesca é prejudicada pela variação de nosso clima. (PELOTAS IMATERIAL: SABERES, FAZERES E OFÍCIOS, 2018, s./p.).
>
> Hoje, o grupo tem no artesanato uma renda que contribui com as despesas da familia, e que poermite realizar pequenos sonhos como a aquisição de móveis permitindo um pouco de conforto àquelas pessoas. (REVISTA TEMPO DE AGIR, 2011, s./p.).

Embora algumas artesãs sinalizem que o artesanato foi benéfico para melhorar sua saúde financeira, a maioria delas não associa a sua permanência no grupo pelas questões financeiras, mas pela oportunidade de trabalhar naquilo que gosta:

> *Eu faço o que eu gosto, porque se eu não gostasse eu não ia fazer*. (HALIA).
>
> *Pra mim é só mais uma coisa de cabeça sabe, de sair daquela rotina e ter outras coisas pra fazer*. (DORIS).
>
> *Ah eu me sinto (realizada profissionalmente). É o que eu gosto de fazer*. (METIS).
>
> *Sim (é realizada profissionalmente). Porque tu tem uma profissão né. O artesanato é uma profissão*. (DIONE).

Para Machado (2001), as empreendedoras sociais buscam nos fatores psicológicos e sociais sua motivação para abrirem seu próprio negócio, ou seja, a renda não é considerada um elemento essencial. Essa ideia condiz com a experiência das Redeiras, pois oito das nove artesãs afirmam se sentirem realizadas profissionalmente após iniciarem as atividades de artesanato com o grupo, motivos esses relacionados ao prazer em trabalhar com artesanato, em ter um propósito e estarem inseridas em um grupo.

No momento final das entrevistas, foi proposto para que as participantes externassem o que é ser uma Redeira e todas elas não mencionaram, diretamente, a ligação financeira com o artesanato, mas a sua satisfação em trabalhar com o que gosta e ser reconhecida e valorizada pelo que faz:

> *É reciclar sentimentos.* (EUDORA).
>
> *Ter o meu trabalho reconhecido, poder trabalhar em casa e cuidar da minha filha até de elevar a minha autoestima*. (ADMETE).
>
> *É uma satisfação e um orgulho de ter o meu trabalho reconhecido*. (GALENE).
>
> *Orgulho! Não deixo de mostrar o meu trabalho e quem eu sou*. (HALIA).
>
> *Orgulho! É muito bom!* (AMATHEIA).

> *Natural* (DORIS).
>
> *Muito bom! Eu gosto de ser Redeira, gostei da turma toda. Adoro ser Redeira.* (METIS).
>
> *Ser feliz!* (DIONE).
>
> *Pra mim é uma alegria!* (PLEIONE).

Diferente da realidade de outras mulheres pescadoras ou moradoras de comunidades pesqueiras, as Redeiras têm o seu trabalho valorizado e reconhecido (GERBER, 2013; MELO; LIMA; STADTLER, 2009), mesmo elas vivendo em um ambiente marcado pela desigualdade de gênero (SANTOS; SOUZA, 2019). Dessa forma, nota-se que o trabalho realizado pelas Redeiras gera renda, mas o reconhecimento social e a valorização da proposta de trabalho das artesãs faz com que elas se sintam realizadas profissionalmente. Com isso, o empreendimento social feminino das Redeiras mostra que as mulheres, ao serem gestoras desse tipo de negócio, buscam autossustentar-se, valorizam a causa do empreendimento e tem a qualidade de vida como resultado a ser alcançado (CRUZ, 2012; NISHIMURA; ALPERSTEDT; FEUERSHÜTTE, 2012; CALAS; SMIRCICH; BOURNE, 2009).

3.3 Sistematização das categorias

Após a apresentação dos resultados das cinco categorias de análise desta pesquisa, sentiu-se a necessidade de sistematizar e traçar as relações entre o resultado das categorias com o caso Redeiras, objeto de estudo deste trabalho. Dessa forma, essa discussão proposta ajudará a responder o objetivo geral da presente dissertação, servindo como referência para compreender como se configura o empreendimento social feminino das Redeiras a partir da percepção das integrantes e dos parceiros de negócio envolvidos no empreendimento e consultados nesta pesquisa.

Convém salientar que, nessa discussão proposta, faz-se presente a interpretação da pesquisadora sobre os resultados alcançados até o presente momento. Porém, é importante destacar que não há pretensão de generalizar e/ou comparar a configuração do empreendimento social feminino das artesãs Redeiras com os demais empreendimentos sociais, pois entende-se que a individualidade e a pluralidade do contexto social, cultural, ambiental e econômico desse tipo de negócio é essencial para que eles sejam compreendidos na tua totalidade (HUMBERT, 2012).

Os estudos sobre empreendedorismo social feminino apontam que o empreendedorismo social auxilia a realização pessoal e profissional da mulher (CRUZ, 2012;

CALAS; SMIRCICH; BOURNE, 2009), além gerar nelas o sentimento de valorização (ESTIVALETE; ANDRADE; COSTA, 2018; COLLERETTE; AUBRY, 1990) e contribuir para melhorar as condições sociais e econômicas da comunidade onde elas estão inseridas (YEE et al., 2019). Contudo, existem fatores sociais e ambientais – conforme já explicado ao longo desta investigação – que são pilares para dar suporte às empreendedoras sociais (JIAO, 2011; NISHIMURA; ALPERSTEDT; FEUERSHÜTT, 2012; SILVA VAZ; TEIXEIRA; OLAVE, 2015).

Com base na literatura referenciada e na investigação realizada, foi necessário repensar o desenho desta pesquisa – exposto na Figura 2 – e apresentar um novo desenho – revelado na Figura 3 –, o qual representa o estudo de caso das Redeiras, a partir das relações estabelecidas entre as escolhas teóricas realizadas com os resultados encontrados.

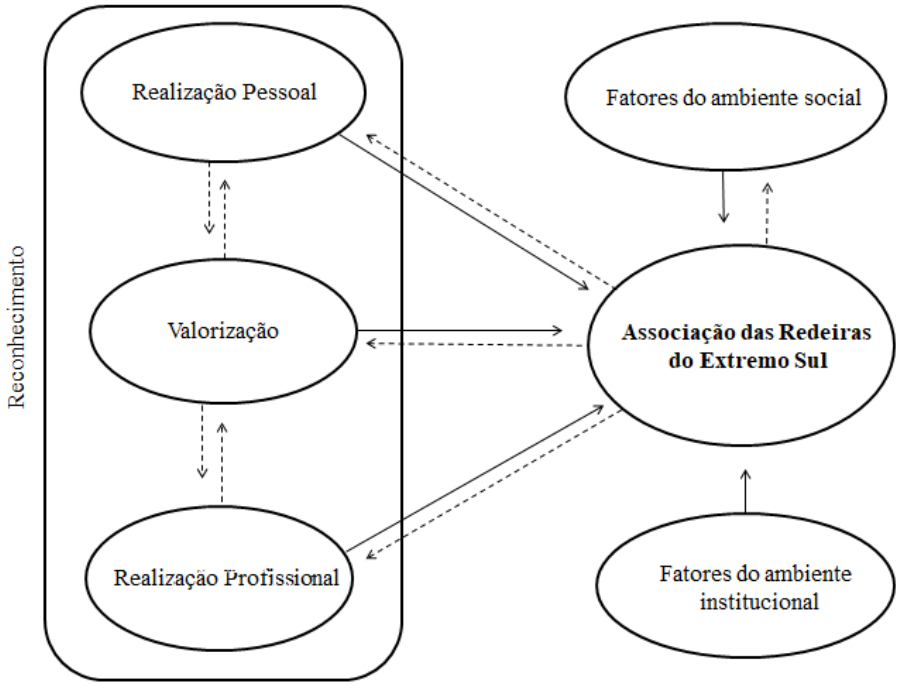


Figura 15: Desenho da pesquisa após a investigação
Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa e referencial teórico.

O novo desenho da pequisa mostra que, no empreendimento social feminino das Redeiras, os fatores do ambiente social e os fatores pessoais (realização pessoal, valorização e realização profissional) motivaram as artesãs a abrirem e também a permanecerem com seu negócio. Além disso, os três elementos dos fatores pessoais são vistos, pelas Redeiras, na forma de reconhecimento pelo seu trabalho. É importante esclarecer que no desenho da Figura 3, as setas contínuas representam as motivações para a abertura do empreendimento social feminino das Redeiras e as setas pontilhadas representam as motivações para as artesãs permanecerem no empreendimento.

Nota-se que os parceiros de negócio (ambiente social) do grupo tiveram um papel fundamental na formação, no desenvolvimento e na capacitação das artesãs. Por isso, infere-se que o suporte dos parceiros de negócio oportunizou o aprendizado de técnicas de artesanato específicas, o amadurecimento do grupo e a abertura de novos mercados. Esses aspectos são essenciais para a abertura e a manutenção do empreendimento social feminino das Redeiras.

Por outro lado, depreeende-se que o papel dos órgãos públicos (ambiente institucional) foi de facilitador para o grupo Redeiras, pois eles agiram pontualmente, em algumas situações, como, por exemplo, na difulcudade em obter matéria-prima e oportunizar o ponto comercial do Mercado Público de Pelotas. Sendo assim, não é possível afirmar que sem a ajuda dos órgãos públicos o empreendimento das Redeiras não estaria funcionando até hoje. Por isso, percebe-se que o apoio a elas foi importante, mas não pode-se dizer que foi essencial para o seu funcionamento.

Quanto aos fatores pessoais, percebeu-se que a forma como as artesãs enxergam a realização pessoal, a valorização e a realização profissional é bastante interligada. Ao perceberem que, além dos multíplos papéis desempenhados, elas podem ajudar a comunidade local com o empreendimento social, compreende-se que elas se sentem realizadas pessoalmente. Além disso, entende-se que elas veem o grupo Redeiras como uma alternativa para ascender profissionalmente e, com isso, elevar a autoestima. Assim, considera-se que o sentimento de realização profissional provém da qualidade de vida alcançada.

Além do mais, infere-se que ao serem reconhecidas pela comunidade, pelos familiares e pelos clientes por causa da qualidade do seu trabalho e de sua proposta socioambiental, as artesãs Redeiras se sentem valorizadas e realizadas pessoal e profissionalmente. Por isso, no desenho da pesquisa – apresentado na Figura 3 – foi acrescentado o elemento ―Reconhecimento", que contempla os três fatores pessoais, o que significa dizer que a valorização, a realização pessoal e a realização profissional são reconhecidas pelas Redeiras como Reconhecimento.

É preciso considerar que o grupo Redeiras, em 2012, assumiu a formação de uma associação, o que demonstra, segundo Comini (2019), as diversas formas de organização que os empreendimentos sociais podem ter. Entretanto, é importante ressaltar que, independente do seu âmbito organizacional, os empreendimentos sociais são orientados para criar valor social através de inovações em processo, serviços ou produtos, mas que necessariamente geram uma transformação social (ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014).

Nesse sentido, compreende-se que a Associação das Redeiras do Extremo Sul pode ser considerada um empreendimento social, tendo em vista que ela cria valor social, pois gera

oportunidade de trabalho para as artesãs e para alguns membros da comunidade, dá atenção a comunidade pesqueira que vive em situação vulnerável e cria produtos sustentáveis a fim de minimizar problemas ambientais locais, ou seja, ela possui os elementos que abrangem o valor social, conforme Portocarrero e Delgado (2010), mencionados na introdução desta pesquisa.

Nota-se que a criação desse valor social gerou uma transformação social não só para cada uma das artesãs, mas também para a comunidade. Isso pode ser percebido na medida em que barreiras de gênero foram expostas, novas perspectivas de geração de renda foram apresentadas e novas possibilidades de atividade na comunidade pesqueira foram descobertas.

Portanto, entende-se que a configuração do empreendimento social feminino das artesãs Redeiras baseia-se no atendimento às necessidades sociais da sociedade (YUNUS; MOINGEON; LEHMAM-ORTEGA, 2010), na diminuição das desigualdades, na promoção da inclusão social e profissional da população (ESTIVALETE; ANDRADE; COSTA, 2018) e na criação de valor social que gera uma transformação social (ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar o tema empreendedorismo social feminino, este estudo teve como pretensão discutir a importância de três assuntos principais: a contextualização da comunidade pesqueira, o entendimento do papel da mulher na comunidade pesqueira e a compreensão do empreendimento social feminino. Dessa forma, foram utilizadas referências que versam sobre o ambiente pesqueiro, as questões de gênero desse ambiente, o empreendedorismo social e o empreendedorismo social feminino.

Assim, o objetivo deste trabalho foi analisar a configuração do empreendedorismo social feminino das artesãs Redeiras da Colônia de Pescadores Z3 a partir das percepções das integrantes e dos parceiros de negócio envolvidos no empreendimento. Para tanto, o método utilizado foi estudo de caso único e a unidade de análise investigada foi o empreendimento social feminino das Redeiras, pois buscou-se aprofundar o conhecimento sobre tal empreendimento e, com isso, identificou-se características que estimularam reflexões e discussões sobre o empreendedorismo social feminino.

Além de apresentar o contexto do ambiente pesqueiro e as questões de gênero presentes nele, este trabalho enfatizou as correntes teóricas sobre o empreendedorismo social, a amplitude desse conceito e os desafios que o integra. A revisão de literatura foi realizada com o propósito de entender como a origem do empreendedorismo social pode refletir na forma como ele é constituido. Entretanto, independente de como o empreendimento social se organiza, o seu propósito está voltado a compreender e atender as necessidades sociais da sociedade, sem deixar de buscar a independência financeira para que a autossustentação do negócio seja possível e com o foco em buscar soluções para anseios socias através da transformação social.

Nesse sentido de olhar para o próximo, historicamente, as mulheres são mais participativas em ações de voluntariado, mas abrir mão da remuneração não é uma opção para algumas delas (THEMUDO, 2009). Dessa forma, o empreendedorismo social se apresenta para as mulheres como uma oportunidade delas trabalharem em prol da sociedade, sem deixar de cuidar da sua saúde financeira e da sua qualidade de vida.

Por isso, este trabalho teve a preocupação em falar sobre empreendedorismo social feminino para que se olhe esse tipo de empreendimento como uma oportunidade (a) de inserir a mulher no mercado de trabalho, (b) de enxergar a mulher como gestora, (c) de ver a mulher como agente de mudança, (d) de valorizar os múltiplos papéis que ela desempenha e (e) de reconhecer que ela enfrenta barreiras sociais e econômicas para alcançar seus objetivos. E aí

cabe uma reflexão geral: o que fazemos, de fato, para que as pessoas sintam que têm um lugar no mundo?

Em linhas gerais, optou-se neste momento de encaminhamentos finais da pesquisa, não retomar as categorias de análise tendo em vista que já foram realizadas as apresentações individuais e a síntese das mesmas no capítulo anterior. Contudo, a partir do levantamento da literatura e da análise e discussão dos resultados, preferiu-se conduzir as considerações finais deste estudo em termos dos três eixos da pesquisa, conforme mencionado na introdução e no início desta sessão.

O primeiro eixo, sobre a contextualização da comunidade pesqueira, a experiência do caso Redeiras mostrou que a colônia de pescadores Z3 passa por um situação em que a continuidade das tradições sociais, culturais e econômicas estão fragilizadas em virtude do volume do pescado estar diminuindo, o que deixa essa comunidade em situação vulnerável e causa o afastamento das próximas gerações da atividade pesqueira.

O segundo eixo abordado discorre sobre o papel da mulher na pesca e observa-se que, na colônia Z3, as questões de gênero são evidentes, pois as mulheres ainda buscam igualdade em seus direitos nessa atividade e o reconhecimento do papel delas na estrutura do processo da pesca ainda é latente. Contudo, mesmo algumas artesãs Redeiras conhecendo essa realidade, o empreendimento social feminino delas despertou reflexões sobre as questões femininas vivenciadas no contexto onde elas estão inseridas e superou barreiras de gênero.

E, por fim, o eixo sobre a compreensão do empreendimento social feminno apontou que, para a colônia Z3, o empreendimento social feminino das Redeiras desenvolveu socialmente a comunidade, promoveu ações coletivas e incluiu individualmente alguns moradores locais. E para as artesãs Redeiras, fazer parte do empreendimento é uma oportunidade de ser valorizada e reconhecida pelo seu trabalho, que tem um propósito socioambiental.

Dessa forma, a partir da revisão de literatura, da interpretação e das análises realizadas nesta pesquisa, compreende-se que este estudo contribuiu no campo da Administração, mais especificamente, a saber, como pode se configurar os empreendimentos sociais femininos. Além disso, foram tratadas as questões de gênero no processo da pesca, ampliando a visibilidade das mulheres nessa atividade e dando voz a algumas delas.

Ademais, também foi desejo desta investigação obter informações que possam contribuir para a adoção de políticas públicas (projetos, incentivos e benefícios sociais) e para a formação de redes de apoio (parcerias), as quais deem suporte às mulheres das comunidades de pescadores. Então, sugere-se que instituições e organizações privadas ou públicas tenham

um olhar mais atento para esse grupo social e enxerguem os empreendimentos sociais como uma alternativa para a transformação social. Dessa forma, entende-se que é importante que parceiros de negócio e grupos sociais construam juntos ferramentas que contribuam para essa transformação acontecer.

Como limitação deste estudo, considera-se o fato das entrevistas terem sido realizadas virtualmente ou por telefone convencional, em virtude da pandemia do Coronavírus. Também pelo mesmo motivo, não foi possível investigar a percepção da comunidade quanto ao empreendimento social feminino das Redeiras e o impacto que esse empreendimento gera na comunidade. Além disso, este trabalho não escutou os órgãos públicos, o que é outra limitação da pesquisa.

Portanto, como recomendação para pesquisas futuras, sugere-se: (a) considerar não só as percepções das integrantes e dos parceiros de negócio (privados) envolvidos com o empreendimento social feminino, mas também da comunidade e dos órgãos públicos e (b) investigar outros empreendimentos sociais liderados por mulheres, além de realizar uma pesquisa multicasos com empreendimentos sociais femininos, a fim de identificar outros elementos que envolvam e caracterizam o empreendimento social feminino.

REFERÊNCIAS

ADLER, P. S.; KWON, S-W. Social capital: Prospects for a new concept. **Academy of management review**, v. 27, n. 1, p. 17-40, 2002.

AIDAR, M. M. **Empreendedorismo**. 1. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

ALENCAR, E. F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FURTADO, L. G.; LEITÃO, W.; FIÚZA DE MELO, A. (Orgs.). **Povos das águas**: realidades e perspectivas na Amazônia. Belém: MPEG, 1993. p. 63-81.

ALENCAR, E. F.; SOUSA I. S. Participação, cooperação e empoderamento: A atuação das pescadoras em projetos de gestão de recursos pesqueiros na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá-AM. In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 161-194.

ALVES, O. F.; PESSÔA, E. C. Empreendedorismo Social: formas de combater a pobreza, a violência e a criminalidade. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 4, n. 5, p. 106-121, 2019.

ALPERSTEDT, G. D.; FERREIRA, J. B.; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo feminino: dificuldades vivenciadas em histórias de vida. **Anais do VIII Encontro de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (EGEPE).** Goiânia, 2014.

ANGGAHEGARI, P.; YUDOKO, G.; RUDITO, B.. Female Social Entrepreneur Movement in Indonesia. **International Journal of Entrepreneurship**, 2018.

ARAÚJO, I. T. et al. Empreendedorismo Feminino: o contexto social e perfil de mulheres no nordeste brasileiro. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 3, n. 6, p. 108-127, 2018.

AUSTIN, J.; STEVENSON, H.; WEI-SKILLERN, J. Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both? **Revista de Administração**, v. 47, n. 3, p. 370-384, 2012.

AZEVEDO, N. T.; PIERRI, N.. A pesca artesanal na política pesqueira do governo federal atual (203-2011). **XI Reunião Científica do Instituto de Pesca**, São Paulo, 8 a 10 de abril de 2013. p. 152-154.

AZEVEDO, N. T.; PIERRI, N.. A política pesqueira no Brasil (2003-2011): a escolha pelo crescimento produtivo e o lugar da pesca artesanal. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 32, 2014.

AZEVEDO, V. G.; HELLEBRANDT, L.; SANTOS, L. M. N.; PANZA, A. B. Mulheres na cadeia produtiva da atividade pesqueira de Ubatuba-SP. In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 247-264.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECK, A. M. Pertence à mulher: mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**, v. 7, n. 10, p. 8-24, 1991.

BARROS, Ana Luisa Xavier. **Poder e Saber***:* (re) construindo a trajetória das mulheres no século XX. Pelotas: Educat, 1999.

BENNET, E. Gender, Fisheries and Development. **Marine Police***,* v. 29, n. 5, p. 451-459, 2005.

BENNETT, R.; DANN, S. The changing experience of Australian female entrepreneurs. **Gender, work & organization**, v. 7, n. 2, p. 75-83, 2000.

BIGNETTI, L. P. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3-14, 2011.

BORZAGA, C.; DEPEDRI, S.; GALERA, G. Interpreting social enterprises. **Revista de Administração**, v. 47, n. 3, p. 398-409, 2012.

BOSCHEE, J.; MCCLURG, J.. Toward a better understanding of social entrepreneurship: Some important distinctions. **Retrieved October**, v. 9, p. 2008, 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009**. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei nº 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm. Acesso em: 28 abr. 2020.

BRASIL. **Portaria Interministerial MMA/MPA n° 2, de 13 de novembro de 2009**. Regulamenta o Sistema de Gestão Compartilhada do uso sustentável dos recursos pesqueiros. Diário Oficial da União*,* 16.11.2009, seção 1, p.63. Disponível em <http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/legislacao/MPA/PT0002-131109.PDF> Acesso em: 01 ago. 2019.

BRITO, C. I. Uma análise sócio-histórica da Articulação Nacional das Pescadoras (ANP). In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil**. Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 51-73.

BRUSCHINI, C.; PUPPIN, A. B. Trabalho de Mulheres executivas no Brasil no Final do Século XX. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 121, p. 105-138, 2004.

CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L.; BOURNE, K. A. Extending the boundaries: Reframing ~~"e~~ntrepreneurship as social change" through feminist perspectives. **Academy of Management Review**, v. 34, n. 3, p. 552-569, 2009.

CALDASSO, L. P. et al. Análise benefício-custo: Uma contribuição à pesca artesanal no extremo sul do Brasil. **Agricultura e Meio Ambiente**, 2005.

CAMPOS, T. M. et al. Produção científica brasileira sobre empreendedorismo social entre 2000 e 2012. **REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 1, n. 2, p. 60-89, 2012.

CARDOSO, E. S. **Pescadores artesanais**: natureza, território, movimento social. São Paulo: USP, 2001.

CARLSSON, L.; BERKES, F. Co-management: concepts and methodological implications. **Journal of environmental management**, v. 75, n. 1, p. 65-76, 2005.

CARMONA, V. C. et al. Empreendedorismo social: uma perspectiva bibliométrica na área de administração e negócios. **Estudios Gerenciales**, p. 399-410, 2018.

CLARO, L. C.; PEREIRA, V. A. Compreensões sobre a pretensa Educação Ambiental do Estado sob a crítica da ecologia política: as relações entre a EMATER e uma comunidade de pesca artesanal na década de 1990. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 11, n. 5, p. 89-100, 2016.

CLOUTIER, J. Qu'est-ce que l'innovationsociale? **Crises**, Quebéc, Nov. 2003.

COLLERETTE, P.; AUBRY, P. Socio-economic evolution of women business owners in Quebec (1987). **Journal of Business Ethics**, v. 9, n. 4-5, p. 417-422, 1990.

COMINI, G. M. **Negócios sociais e inovação social**: um retrato de experiências brasileiras. 2016. Tese (Livre-Docência em Administração) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/12/tde-15122016-143942/publico/Tese_livre_docencia_final_Graziella_Comini.pdf. Acesso em: 22 nov. 2019.

COSTA, A. L.; ALMEIDA, J.. Política pública para a agricultura familiar e a inserção de pescadores artesanais: ~~se~~rá que dá peixe"? **Anais XI Congresso da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção**. Pelotas: UCPEL, 2016.

DAVIDSSON, P.; HONIG, B. The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. **Journal of business venturing**, v. 18, n. 3, p. 301-331, 2003.

FAVERI, M. Q.; WATANABE, M. Empreendedorismo social feminino e as motivações para a criação e gestão de empreendimentos sociais. **Seminário de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 5, n. 5, 2016.

FREITAS, H. M. R; CUNHA JÚNIOR, M. V.; MOSCAROLA, J. Aplicação de sistema de software para auxílio na análise de conteúdo. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, v. 32, n. 3, 1997.

DEES, J. G. Enterprising nonprofits. **Harvard business review**, v. 76, p. 54-69, 1998.

DEES, J. G. Social ventures as learning laboratories. **Tennessee's Business**, v. 20, n. 1, p. 3-5, 2011.

DEES, J. G. et al. **The meaning of social entrepreneurship**. Stanford University: Draft Report, for the Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership, 1998. Disponível em: <http://www.redalmarza.cl/ing/pdf/TheMeaningofsocialEntrepreneurship.pdf> Acesso em: 01 out. 2020.

DEFOURNY, J.; NYSSENS, M. Conceptions of social enterprise and social entrepreneurship in Europe and the United States: Convergences and divergences. **Journal of social entrepreneurship**, v. 1, n. 1, p. 32-53, 2010.

DIAS NETO, J. **Gestão do uso dos recursos pesqueiros no Brasil**. Brasília: Ibama, 2003.

DIEGUES, A. C.. **A pesca construindo sociedades: Leituras em antropologia marítima e pesqueira.** São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 2004.

DIEGUES, A. C. S. Formas de organização da produção pesqueira: alguns aspectos metodológicos. In: Encontro de ciências sociais e o mar no Brasil, 2. São Paulo. **Coletânea de Trabalhos Apresentados**. São Paulo: PPCAUB/Fundação Ford/IOUSP/UICN, 1988.

DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. Editora: Ática, 1983.

DIEGUES, A. C. S. **Povos e mares**: leituras em sócio-antropologia marítima. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DREHMER, A. C. B. et al. Incubação do Empreendimento de Economia Solidária Sonhos Entrelaçados Z3. In: IV CONGRESSO DE EXTESÃO E CULTURA, Pelotas. **Anais […].** Universidade Federal de Pelotas, 2017, p. 26-30. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/files/2018/07/Trabalho.pdf#page=26. Acesso em: 01 ago. 2019.

DUFAYS, F.; HUYBRECHTS, B. Connecting the dots for social value: A review on social networks and social entrepreneurship. **Journal of Social Entrepreneurship**, v. 5, n. 2, p. 214-237, 2014.

EISENHARDT, K. M. Building theories from case study research. **Academy of management review**, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989.

ESTIVALETE, V. F. B.; DE ANDRADE, T.; COSTA, V. F. Contribuições do Empreendedorismo Social para o Aumento da Participação das Mulheres no Mercado de Trabalho. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 17, n. 2, p. 172-191, 2018.

FAVILLA, C. **Artesanato Brasil**. Brasília: Sebrae, 2016. p. 130-139.

FERREIRA, M. P. et al. Pesquisa em empreendedorismo no principal periódico internacional: Um estudo bibliométrico das publicações no Journal of Business Venturing entre 1987 e 2010. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 1, p. 56-83, 2013.

FERRETTI, F. S.; FREIRE, K. Tu me ensina a fazer renda que te ensino a projetar: o papel do designer em processos colaborativos para inovação. **Strategic Design Research Journal**, v. 6, n. 2, 2013.

FONSECA, Y. 30 nomes de sereias e seus significados. Disponível em: < https://educacao.umcomo.com.br/artigo/30-nomes-de-sereias-e-seus-significados-29262.html> Acesso em: 08 de setembro de 2020.

FOY CONNOR, R.; BENT-GOODLEY, T. B. Zanzibari social entrepreneurs and poverty alleviation strategies: Understanding efforts to build local community sustainability. **Journal of Community Practice**, v. 24, n. 3, p. 302-318, 2016.

FRANGOUDES, K.; GERRARD, S. (En)Gendering Change in Small-Scale Fisheries and Fishing Communities in a Globalised World. **Maritime Studies**, n. 17, p 117-124, 2018.

GALERA, G.; BORZAGA, C. Social enterprise: An international overview of its conceptual evolution and legal implementation. **Social enterprise journal**, v. 5, n. 3, p. 210-228, 2009.

GALVÃO, M. C. **Diálogos entre gênero, gestão e educação ambiental**: os papéis das mulheres nos modos de vida na pesca artesanal. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2013. Disponível em: http://www.repositorio.furg.br/handle/1/6090. Acesso em: 01 ago. 2019.

GARCEZ, D. S.; SANCHEZ-BOTERO, J. I. Comunidade de pescadores artesanais no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Atlântica**, Rio Grande, v. 1, n. 27, p. 17-29, 2005.

GEM, G. E. M. **Empreendedorismo no Brasil 2005**. Curitiba: IBQP, 2016.

GEM, G. E. M. **Women's Entrepreneurship** 2016/2017 Report. Coord. KELLY, D. J.; BAUMER, B.S.; BRUSH, C.; GREENE, P. G.; MAHDAVI, M.; COLE, M. M. M.; DEAN, M.; HEAVLOW, R. [et al.]. 2017.

GERBER, R. M. **Mulheres e o mar**: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107184>. Acesso em: 06 ago. 2019.

GERRARD, Siri. ―Have Always Wanted to go Fishing": Challenging Gender and Gender Perceptions in the Quota-Oriented Small-Scale fishery of Finnmark, Norway. **Gender, Culture**, p. 131, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C.; LICHT, R. H. G.; OLIVA, E. DE C.. A utilização de estudos de caso na pesquisa em administração. **Revista Base (Administração e Contabilidade) da Unisinos**, v. 2, n. 1, p. 47-56, 2005.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOSS, K. P.; PRUDENCIO, K. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Em Tese**, v. 1, n. 2, p. 75-91, 2004.

GRIMES, M. G.; GEHMAN, J.; CAO, K. Positively deviant: Identity work through B Corporation certification. **Journal of Business Venturing**, v. 33, n. 2, p. 130-148, 2018.

HALBERSTADT, J.; SPIEGLER, A. B. Networks and the idea-fruition process of female social entrepreneurs in South Africa. **Social Enterprise Journal**, v. 14, n. 4, p. 429-449, 2018.

HALINEN, A.; TÖRNROOS, J. Using case methods in the study of contemporary business networks. **Journal of business research**, v. 58, n. 9, p. 1285-1297, 2005.

HELLEBRANDT, L. M. **Mulheres da Z3 – o camarão que "come" as mãos e outras lutas**: contribuições para o campo de estudos sobre gênero e pesca. 2017. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/180907>. Acesso em: 06 ago. 2019.

HELLEBRANDT, L. M. O que torna as mulheres invisíveis na pesca? Reflexões a partir de pesquisa com mulheres da Colônia Z3 – Pelotas/RS. In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 265-278.

HELLEBRANDT, L.; ABDALLAH, P. R.; HELLEBRANDT, D. Avaliação de políticas públicas aplicadas à pesca artesanal no Brasil. **Encontro nacional da ANPPAS**, v. 6, 2012.

HELLEBRANDT, L. M.; WALTER, T.; FISCHER, J.; DE ANELLO, L. F.S. As mulheres na pesca artesanal no estatuário da Lagoa dos Patos-RS: caracterização do trabalho no beneficiamento do camarão. In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 161-194.

HELLEBRANDT, L.; RIAL, C. Quanto custa o camarão limpo?: Marcas e dificuldades das mulheres que limpam camarão na Colônia Z3 (Pelotas/RS). **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 5, n. 1, p. 87, jan./jun. 2017.

HERNÁNDEZ, C. O. Gênero e Meio Ambiente: A construção do discurso para o Desenvolvimento Sustentável. **Ambiente y Desarrollo**, v. 14, n. 26, p. 3-33, 2010.

HERRANZ JR, J.; COUNCIL, L. R.; MCKAY, B. Tri-value organization as a form of social enterprise: The case of Seattle's FareStart. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, v. 40, n. 5, p. 829-849, 2011.

HISRICH, R.D., PETERS, M.P. **Empreendedorismo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HUMBERT, A. L. Women as social entrepreneurs. **Third Sector Research Centre**, p. 1-15, 2012.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. 2015. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/anos-de-estudo-e-sexo.html>. Acesso em: 27 ago. 2019.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. 2015. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/trabalho/posicao-na-ocupacao-e-sexo.html>. Acesso em: 27 ago. 2019.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. 2015. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/trabalho/posicao-na-ocupacao-e-sexo.html> Acesso em: 27 ago. 2019.

IZUKA, E. S. Empreendedorismo Social. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 57-59.

JAPPE, M. L. M. **Fatores contributivos e fatores limitadores para negócios sociais no Brasil**: um estudo exploratório nas regiões sul e sudeste. 2013. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77740/000897420.pdf;sequence=1>. Acesso em: 24 nov. 2018.

JIAO, H. A conceptual model for social entrepreneurship directed toward social impact on society. **Social Enterprise Journal**, v. 7, n. 2, p. 130-149, 2011.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, p. 373-382, 2005.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicologia Clínica**, v. 23, n. 1, 2011.

JÚNIOR, P. L. T. P. Desvelando o invisível: os movimentos sociais na pesca e suas ações no estuário do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 2, n. 3, p. 51-62, 2007.

KALIKOSKI, D. C.; ROCHA, R.; VASCONCELLOS, M. C. Importância do conhecimento ecológico tradicional na gestão da pesca artesanal no estuário da Lagoa dos Patos, extremo sul do Brasil. 2006. **Ambiente e Educação,** Rio Grande, RS, Brasil. Disponível em <www.seer.furg.br/index.php/ambeduc/article/view/770> Acesso em: 26 ago. 2019.

KALIKOSKI, D. C.; VASCONCELLOS, M.; LAVIKULICH, L. Fitting institutions to ecosystems: the case of artisanal fisheries management in the estuary of Patos Lagoon. **Marine Policy**, v. 26, p. 179-196, 2002.

KERGOAT, D. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo**. Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

KERLIN, J. A. Social enterprise in the United States and Europe: Understanding and learning from the differences. **Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, v. 17, n. 3, p. 246, 2006.

KIMBU, A. N.; NGOASONG, M. Z. Women as vectors of social entrepreneurship. **Annals of Tourism Research**, v. 60, p. 63-79, 2016.

KLOTZLE, M. C. Alianças estratégicas: conceito e teoria. **Revista de Administração contemporânea**, v. 6, n. 1, p. 85-104, 2002.

KORSGAARD, S. Opportunity formation in social entrepreneurship. **Journal of Enterprising Communities: People and places in the global economy**, 2011.

LEITÃO, M. R. F. A. Gênero, pesca e cidadania. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 5, n. 1, p. 98-115, 2013.

LEITÃO, M. R. F. A.; LEITÃO, I. P. Voz das pescadoras artesanais do litoral de Pernambuco – Brasil. In: XVI JORNADAS NACIONALES DE EXTENSIÓN RURAL Y VIII DEL MERCOSUR, nov. 2012, Concordia, Argentina. **Anais [...].** Concordia: 2012. Disponível em: <http://www.aader.org.ar/XVI_jornada/trabajos/archivos/2012/002_trabajo_atm_andrade_leitao.pdf> Acesso em: 05 ago. 2018.

LEITÃO, M. R. F. A. Gênero e Cidadania: trabalho e meio ambiente. In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 139-159.

LENTISCO, A.; ALONSO, E. On Gender mainstreaming strategies and tools in fisheries development projects: RFLP gender strategy and lessons from the Asia-Pacific Region. In: WILLIAMS, M. J.; PORTER, M.; CHOO, P. S.; KUSAKABE, K.; VUKI, V.; GOPAL, N.; BONDAD-REANTASO, M. (Orgs.). **Gender in Aquaculture and Fisheries: Moving the Agenda Forward.** V. 25. China: Asian Fisheries Science, 2012. p. 105-117.

LENTISCO, A.; LEE, R. Beyond fish processors and caregivers: Women as primary, secondary and tertiary fish users. In: GOPAL, N.; WILLIAMS, M. J.; PORTER, M.; KUSAKABE, K.; CHOO, Poh Sze (Orgs.). **Gender in aquaculture and fisheries: Navigating change**. V. 33. China: Asian Fisheries Science, 2014. p. 33-57.

LEWIS, J. Reviewing the relationship between the voluntary sector and the state in Britain in the 1990s. **Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, v. 10, n. 3, p. 255-270, 1999.

LIMEIRA, T. M. V. **Negócios de Impacto Social**. 1. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

LOMAZINI, A.; VICENTE, R. C. C.; SANTOS, S. A. F. Tecnologia para produzir chuva: Competências de uma Mulher Empreendedora Social. **Revista de Tecnologia Aplicada**, v. 3, n. 3, 2015.

LOPES, P. F. M.; FREITAS, C. T.; BEGOSSI, A. A Mulher e a Pesca: um olhar sobre a pesquisa e a atuação feminina pesqueira no Brasil. **Ethnoscientia**, v. 5, n. 1, 2020.

MACHADO, H. V. et al. O processo de criação de empresas por mulheres. **RAE-eletrônica**, v. 2, n. 2, p. 1-22, 2003.

MACHADO, M. F. Entre a Terra e o Mar: O Trabalho das Mulheres nas Comunidades Pesqueiras no Brasil. **O portal dos psicologos**, 2009.

MACHADO, R. et al. O Empreendedorismo Social como Oportunidade de Inclusão Social: O Caso de uma Cooperativa de Reciclagem. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 8, n. 1, p. 1-18, 2019.

MACKE, J. et al. Where do we go from now? Research framework for social entrepreneurship. **Journal of Cleaner Production**, v. 183, p. 677-685, 2018.

MACNEALY, M. S. Toward better case study research. **IEEE Transactions on professional Communication**, v. 40, n. 3, p. 182-196, 1997.

MAGUIRRE, M. V.; RUELAS, G. C.; DE LA TORRE, C. G. Women Empowerment through Social Innovation in Indigenous Social Enterprises. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, n. 6, 2016.

MAIR, J.; MARTI, I. Social entrepreneurship research: A source of explanation, prediction, and delight. **Journal of world business**, v. 41, n. 1, p. 36-44, 2006.

MALLON, Mary; COHEN, Laurie. Time for a change? Women's accounts of the move from organizational careers to self-employment. **British Journal of Management**, v. 12, n. 3, p. 217-230, 2001.

MANESCHY, M. C.; SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M. L. M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Revista Estudos Feministas***,* Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 713-737, set/dez. 2012.

MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L.M. Mulheres na Atividade Pesqueira no Brasil: uma introdução. In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 9-19.

MEIRELES, M. et al. Perfil socioeconômico dos pescadores artesanais da comunidade Passarinho, Resex Marinha do Delta do Parnaíba, Araioses/MA. **Revista Espacios**, v. 38, n. 13, p. 16, 2016.

MELO, M. F. M.; LIMA, D. E. S.; STADTLER, H. H. C. O trabalho das pescadoras artesanais: ~~–e~~oisa de mulher", p. 1-11. In: XX CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA DOMÉSTICA, set. 2009. **Anais [...].** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <http://www.xxcbed.ufc.br/arqs/gt1/gt1_36.pdf> Acesso em: 08 ago. 2019.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. **Empreendedorismo Social**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MENDONÇA, J. T. Caracterização da pesca artesanal no litoral sul de São Paulo - Brasil. **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 41, n. 3, p. 479-492, 2018.

MENDONÇA, S. A. T.; SILVA VALENCIO, N. F. L. O papel da modernidade no rompimento da tradição: as políticas da SEAP como dissolução do modo de vida da pesca artesanal. **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 34, n. 1, p. 107-116, 2018.

MICHEL, J. O.; MICHEL, M. O. Jornal O Pescador–Instrumento de Representação Social, construção da Memória e da Identidade Social dos Pescadores da Colônia Z3. In: XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, mai.2011, Londrina, Paraná. **Anais [...].** Londrina: 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-1215-1.pdf> Acesso em 09 ago. 2019.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOTTA-MAUÉS, M. A.. Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil. **Etnográfica**, v. 3, n. 2, p. 377-399, 1999.

MOURA, D. V.; LOUREIRO, C. F. B.; DE ANELLO, L. F.S. A organização de classe dos pescadores artesanais da colônia Z3 no município de Pelotas-RS (Brasil). **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, out/dez. 2016.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.

NASCIMENTO, C. et al. Inovação no desenvolvimento local através de negócios sociais. **Pensamento & Realidade - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração-FEA**, v. 27, n. 3, 2012.

NETO, J. C. D. –Pesca é coisa de mulher, sim Senhor": algumas reflexões sobre o papel da mulher na atividade pesqueira no Brasil e em Portugal. In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Org). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 309-332.

NICOLÁS, C.; RUBIO, A. Social enterprise: Gender gap and economic development. **European journal of management and business economics**, v. 25, n. 2, p. 56-62, 2016.

NIEDERLE, P. A.; GRISA, C.. Transformações sócio-produtivas na pesca artesanal do estuário da Lagoa dos Patos, RS. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 16, 2006.

NISHIMURA, M.; ALPERSTEDT, G. D.; FEUERSHÜTTE, S. G. Empreendedorismo Social Feminino: Uma Pesquisa a Partir da História de Vida de Mulheres Empreendedoras. In.: XXXVI Encontro da ANPAD, 36, 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Anpad, 2012. p. 22-26.

NOTAIS, A.; TIXIER, J. Entrepreneurship and innovation within territories: The case of women social entrepreneurs in neighborhoods. **Innovations**, n. 3, p. 11-37, 2018.

OPUSZKA, P. R. Grasping the concrete reality: popular cooperativism and artisanal fishing in the southern Brazil. **Education and Science Without Borders**, v. 4, n. 6, p. 22, 2012.

PASQUOTTO, V. F. Pesca artesanal no Rio Grande do Sul: os pescadores de São Lourenço do Sul e suas estratégias de reprodução social. 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7029/000538698.pdf?sequen> Acesso em: 21 mai. 2020.

PARENTE, C. et al. Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. In: XIV Encontro Nacional de Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho-Emprego e coesão social: da crise de regulação à hegemonia da globalização, 2012, Lisboa. **Anais [...]** Lisboa: 2011. p. 268-282.

PARENTE, C.; QUINTÃO, C. Uma abordagem eclética ao empreendedorismo social. **Empreendedorismo social em Portugal**, 2014.

PEREIRA, M. O. R.; ANELLO, L. F. S; MOURA, D. V.; PEREIRA, C. R.; PEREIRA, J. R.; FIGUEIRA, L. A vida das pescadoras artesanais no litoral brasileiro: perspectivas da educação ambiental. In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 279-208.

PERUCCHI, L. C.; KUBO, R. R.; COELHO-DE-SOUZA, G. Articulação e encaminhamento das questões da pesca artesanal: uma análise do fórum da pesca do litoral norte do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Gestão Costeira Integrada**, v. 12, n. 4, p. 499-508, 2012.

POMEROY, R. S.; BERKES, F. Two to tango: the role of government in fisheries co-management. **Marine policy**, v. 21, n. 5, p. 465-480, 1997.

PORTOCARRERO, F.; DELGADO, Á. J. Inclusive Business and Social Value Creation. In: Social Enterprise Knowlegde Network – SEKN (Ed.). **Social Inclusive Business**. [S. I.]: SEKN, 2010. p. 318-356.

PORTER, M. E. et al. The big idea: Creating shared value. **Harvard Business Review**, p. 1-17, 2011.

PRAHALAD, C. K; HART, S. The Fortune at the Bottom of the Pyramid. **Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v. 1, n. 2, 2008.

PRÊMOLI, K.; SOUZA, A. E. Empreendedorismo social: estudo com mulheres que atuam em empreendimentos solidários. **VII EGEPE: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas.** Florianólpolis, 2012.

PROBST, E. R.; RAMOS, P. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 2003.

RAMIRES, M.; BARRELLA, W.; ESTEVES, A. M.. Caracterização da pesca artesanal e o conhecimento pesqueiro local no Vale do Ribeira e litoral sul de São Paulo. **Revista Ceciliana**, v. 4, n. 1, p. 37-43, 2012.

REFICCO, E.; GUTIÉRREZ, R.; TRUJILLO, D. Empresas sociales:¿ una especie en busca de reconocimiento?. **Revista de Administração-RAUSP**, v. 41, n. 4, 2006.

REFICCO, E.; MÁRQUEZ, P. Inclusive networks for building BOP markets. **Business & Society**, v. 51, n. 3, p. 512-556, 2012.

RIBEIRO, L. et al. ‗Bravas mulheres' discutindo gênero através da expografia. **Habitus**, Goiâna, 16, n. 1, p. 5-27, jan/jun. 2018.

RICHARDSON, M.; KAMINSKI, A.; WOODMAN, P. O papel dos negócios sociais no apoio ao empoderamento feminino no Brasil. Editora: **British Council**, 2017.

ROBERT, Y. I. N. et al. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ROBINSON, J. Navigating social and institutional barriers to markets: How social entrepreneurs identify and evaluate opportunities. In: **Social entrepreneurship**. London: Palgrave Macmillan, 2006. p. 95-120.

ROSOLEN, T.; TISCOSKI, G. P.; COMINI, G. M. Empreendedorismo social e negócios sociais: Um estudo bibliométrico da produção nacional e internacional. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 3, n. 1, 2014.

SAEBI, T.; FOSS, N. J.; LINDER, S. Social entrepreneurship research: Past achievements and future promises. **Journal of Management**, v. 45, n. 1, p. 70-95, 2019.

SALAMON, L. M.; SOKOLOWSKI, S. W. Beyond nonprofits: Re-conceptualizing the third sector. **VOLUNTAS: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, v. 27, n. 4, p. 1515-1545, 2016.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. Metodologia de pesquisa. **Penso**, 2013.

SANTOS, E. A.; SOUZA, R. M. Conflitos socioambientais na pesca artesanal: um olhar sobre o cotidiano das pescadoras de Sergipe. In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 111-138.

SANTOS, V. J.; TIMÓTEO, G.M. Trabalho e relações de gênero na cadeia produtiva da pesca artesanal na Bacia de Campos. In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 333-350.

SASSMANNSHAUSEN, S. P.; VOLKMANN, C. The scientometrics of social entrepreneurship and its establishment as an academic field. **Journal of Small Business Management**, v. 56, n. 2, p. 251-273, 2018.

SCHILLER, R. R. Redeiras: artesanato da Costa Doce. **Pelotas imaterial: saberes, fazeres e ofício**, p. 29-31, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez,1995.

SEIXAS, C. S.; KALIKOSKI, D. C.. Gestão participativa da pesca no Brasil: levantamento das iniciativas e documentação dos processos. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 20, p. 119-139, jul./dez. 2009.

SEELOS, C.; MAIR, J. Social entrepreneurship: Creating new business models to serve the poor. **Business Horizons**, v. 48, n. 3, p. 241-246, 2005.

SELLTIZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK, S.M. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** São Paulo: EDU, 1974.

SHAW, E.; CARTER, S. Social entrepreneurship: Theoretical antecedents and empirical analysis of entrepreneurial processes and outcomes. **Journal of small business and enterprise development**, 2007.

SILVA, M. F.; MOURA, L. R.; JUNQUEIRA, L. A. P. As Interfaces entre Empreendedorismo Social, Negócios Sociais e Redes Sociais no Campo Social. **Revista de Ciências da Administração**, v. 1, n. 2, p. 121-130, 2015.

SILVA, R. C.; FERREIRA, M. A. Construindo o roteiro de entrevista na pesquisa em representações sociais: como, por que, para que. **Escola Anna Nery**, v. 16, n. 3, p. 607-612, 2012.

SILVA VAZ, V. H.; TEIXEIRA, R. M.; OLAVE, M. E. L. Empreendedorismo social feminino e motivações para criar organizações sociais: estudo de casos múltiplos em Sergipe. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 3, p. 37-61, 2015.

SILVEIRA, C. D. Gênero, classe e trabalho pesqueiro: reflexões sobre interseccionalidade e desenvolvimento rural na região de Governador Celso Ramos-SC. In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 227-246.

SINGER, P. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil.** Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SOUSA, G. M.; CASTRO NETO, J. D. G. Empreendedorismo Social como instrumento de desenvolvimento comunitário: Um levantamento sobre os seus resultados no Centro Educacional E Profissionalizante do Maranhão (CEPROMAR). **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 4, n. 3, p. 208-232, 2019.

SOUSA RAMOS, K.; VALDISSER, C. R Das dificuldades ao sucesso: os caminhos tortuosos e cheios de obstáculos enfrentados por empreendedoras. **Revista GeTeC**, v. 8, n. 20, 2019.

SOUZA, S. R.; RIBEIRO, N. S.; MARTÍNEZ, S. A. Mulheres em comunidades pesqueiras no Brasil: Um balanço da produção em teses e dissertações (2007-2017). In: MARTÍNEZ, S. A.; HELLENBRANDT, L. (Orgs.). **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil.** Campos dos Goytacazes: EDUENF, 2019. p. 21-49.

SPIEGLER, A. B.; HALBERSTADT, J. SHEstainability: how relationship networks influence the idea generation in opportunity recognition process by female social entrepreneurs. **International Journal of Entrepreneurial Venturing**, v. 10, n. 2, p. 202-235, 2018.

STADTLER, H. H. C. Mulheres na pesca artesanal: lutando por previdência e saúde. **Retratos de Assentamentos**, v. 18, n. 1, p. 91-112, 2015.

THOMPSON, J.; ALVY, G.; LEES, A. Social entrepreneurship–a new look at the people and the potential. **Management decision**, 2000.

THOMPSON, P. Women in the fishing: The roots of power between the sexes. **Comparative Studies in Society and History**, v. 27, n. 1, p. 3-32, 1985.

VASCONCELOS, M. D. A. C.; DIEGUES, A. C.; SALES, R. R. **Alguns aspectos relevantes relacionados à pesca artesanal costeira nacional**. Brasília: Seap/PR-Pnud, 2007.

VIEIRA, P. F. Rumo ao desenvolvimento territorial sustentável: esboço de roteiro metodológico participativo. **Eisforia**, Florianópolis, dez, p. 249-309, 2006.

VIVACQUA, M. et al. **Dilemas da conservação e desenvolvimento na gestão compartilhada da pesca artesanal**: conflitos e sinergias nos processos de criação de Reservas Extrativistas Marinho-Costeiras em Santa Catarina. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100740/315028.pdf?sequence=1> Acesso em: 19 ago. 2019.

WALDECK, G. **Redes em invenção**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2015.

WALLERSTEIN, I.; FURTADO, E. L. M. O declínio do poder americano. **ORG & DEMO**, v. 6, n. 11, 1/2, p. l5-l8, Jul-Dez. 2005.

WOOD, E. M. O que é (anti) capitalismo. **Revista Crítica Marxista**, v. 17, 2003.

WOORTMANN, E. F. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades ~~–~~pesqueiras" do nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, n. 18, p. 38-52, 1992. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_18/rbcs18_04.htm> Acesso em: 12 ago. 2019.

YEE, L. L.; JOHARI, S. B.; EMANG, D.; THOO, P. Y.; MUHAMMAD HASAN, L. U. Motivational factors of women to become social entrepreneurs in Lundu district, Sarawak **International Journal of Recent Technology and Engineering**, v. 7, n. 5, p. 75-81, 2019.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YUNIS, M. S. et al. Enablers and Constraints of Female Entrepreneurship in Khyber Pukhtunkhawa, Pakistan: Institutional and Feminist Perspectives. **Sustainability**, v. 11, n. 1, p. 1-20, 2018.

YUNUS, M.; MOINGEON, B.; LEHMANN-ORTEGA, L. Building social business models: Lessons from the Grameen experience. **Long range planning**, v. 43, n. 2-3, p. 308-325, 2010.

ZIKMUND, W. G. **Business research methods**. 5. ed. Fort Worth: Dryden, 2000. Disponível em: <https://www.academia.edu/33978482/Business_Research_Method_-_Zikmund_8th_edition.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS ARTESÃS REDEIRAS

Gostaria de iniciar falando um pouco sobre ti:

Idade:

Formação:

Estado civil:

Dependentes:

Cidade de nascimento:

Cidade de residência:

Agora falando sobre o empreendimento social das Redeiras:

Com qual produto tu trabalhas nas Redeiras?

Desde quando tu estás no grupo Redeiras?

Quais motivos te levaram a querer fazer parte do grupo Redeiras?

O que te fez permanecer no grupo das Redeiras até hoje?

Antes de fazer parte do grupo Redeiras tu te sentias realizada pessoalmente? Se sim, de que forma? Se não, por qual motivo?

E agora? Tu te sentes realizada pessoalmente? Se sim, de que maneira essa realização aparece para ti? Se não, o que achas que falta para te sentires realizada pessoalmente?

Antes de fazer parte do grupo Redeiras tu te sentias valorizada pelo que tu fazia? Digo valorizada pela tua família e pela comunidade em geral... Se sim, de que forma? Se não, por qual motivo?

E agora? Tu te sentes valorizada pelo que tu fazes? Digo valorizada pela tua família e pela comunidade em geral... Se sim, como percebes essa valorização? Se não, o que achas que falta para te sentires valorizada?

Antes de entrar no grupo Redeiras tu te sentias realizada profissionalmente? Se sim, de que forma isso acontecia? Se não, por qual motivo?

E agora? Te sentes realizada profissionalmente? Se sim, o que te fez se sentir realizada profissionalmente? Se não, o que falta para te sentires realizada profissionalmente?

Na tua visão, tu achas que teve alguma mudança financeira para ti e para a tua família depois de entrar no grupo Redeiras?

Tu achas que vcs Redeiras auxiliam na de realização pessoal e profissional das pessoas da comunidade? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

Quem tu consideras um parceiro do grupo Redeiras? Uma empresa, uma pessoa...

Agora falando sobre o papel da mulher na comunidade pesqueira:

Como tu vês a participação das mulheres da Z3 na comunidade em geral? Em reuniões, fóruns, associações, cooperativas....

Na tua percepção tu acha que as pessoas da Z3 valorizam o que as mulheres fazem aí na comunidade? Se sim, como a comunidade transparece essa valorização? Se não, quais são os comportamentos da comunidade que demonstram essa desvalorização?

Agora falando sobre a Colônia de Pescadores Z3:

O que significa pra ti fazer parte da Colônia de Pescadores Z3?

Como tu enxergas a situação social, econômica e ambiental da Colônia Z3?

Como tu enxergas o trabalho dos órgãos públicos na Z3?

Tu achas que os órgãos públicos fazem alguma coisa em beneficio das mulheres da Z3?

Algum órgão público se interessou em ajudar vcs Redeiras de alguma forma?

De que maneira a pandemia do coronavirus atingiu vocês?

Pra finalizar queria que você completasse a frase.... Ser uma Redeira é....

Pergunta final aberta:

Tem mais alguma coisa que gostarias de falar sobre a Colônia Z3 ou o papel da mulher na comunidade pesqueira ou os empreendimentos socais femininos ou sobre as Redeiras ou sobre algum assunto que não foi tratado aqui nessa entrevista?

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS(AS) PARCEIROS(AS) DE NEGÓCIO

Como a empresa ficou sabendo que tinha um grupo de artesãs que fazia trabalho com redes na Z3?

Como surgiu o interesse em desenvolver um trabalho junto o grupo de artesãs que hoje são as Redeiras?

Quais foram os motivos que levaram a empresa querer ser um parceiro das Redeiras?

Quais foram os motivos que levaram a empresa manter uma parceria com as Redeiras?

Quais foram os motivos que levaram a empresa deixar de ter uma parceria as Redeiras?

De que maneira tu achas que a empresa pode ter contribuído para o trabalho das Redeiras?

A empresa ainda tem algum tipo de parceria com as Redeiras?

Por quanto tempo as Redeiras tiveram a empresa como parceiro?

Como tu achas que o trabalho das Redeiras reflete dentro da Colônia de Pescadores Z3?

A empresa já fez ou faz algum trabalho com empreendimentos sociais fora as Redeiras?

Como tu vês a participação de mulheres em empreendimentos sociais?

Como tu enxergas a atuação dos órgãos públicos na Colônia Z3?

Pra finalizar queria que você completasse a frase... Ter sido um parceiro das Redeiras foi....

Pergunta final aberta:

Tem mais alguma coisa que gostarias de falar sobre a Colônia Z3 ou o papel da mulher na comunidade pesqueira ou os empreendimentos socais femininos ou sobre as Redeiras ou sobre algum assunto que não foi tratado aqui nessa entrevista?

APÊNDICE 3 – CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, membro da Associação de Artesãs Redeiras do Extermo Sul, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada EMPREENDEDORISMO SOCIAL FEMININO: A EXPERIÊNCIA DAS REDEIRAS DA COLÔNIA DE PESCADORES Z3 sob-responsabilidade da pesquisadora MARINA DOS SANTOS VIEIRA DA FONSECA com orientação da professora Drª. FRANCIELLE MOLON DA SILVA pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Para isto, serão realizadas entrevistas individuais e disponibilizados documentos para análise, os quais serão utilizados exclusivamente para esta pesquisa.

Pelotas, _____/_____/_____.

_____

Associação de Artesãs Redeiras do Extermo Sul